UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA GILVANIA VALDIVINO PEREIRA

**Experiências de socialização: o caso de famílias de trabalhadores no bairro
Ferrazópolis, em São Bernardo do Campo.
Versão Corrigida**

**SÃO PAULO
2012**

MARIA GILVANIA VALDIVINO PEREIRA

**Experiências de socialização: o caso de famílias de trabalhadores no bairro Ferrazópolis,
em São Bernardo do Campo.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Sociologia da Educação.
Orientadora: Professora Doutora Kimi Aparecida Tomizaki.

SÃO PAULO
2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E
PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

37.047 Pereira, Maria Gilvania Valdivino
P436e Experiências de socialização: o caso de famílias de trabalhadores no bairro
Ferrazópolis, em São Bernardo do Campo / Maria Gilvania Valdivino Pereira;
orientação Kimi Aparecida Tomizaki. São Paulo: s.n., 2012. Versão corrigida.
147 p. ils

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área
de Concentração: Sociologia da Educação) - - Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo.

1. Família 2. Socialização 3. Trabalho 4. Política 5. Metalúrgicos I.
Tomizaki, Kimi Aparecida, orient.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Gilvania Valdivino Pereira

Experiências de socialização: o caso de famílias de trabalhadores no bairro Ferrazópolis, em São Bernardo do Campo.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Sociologia da Educação.

Banca examinadora

Professora Doutora Kimi Aparecida Tomizaki (Presidente).
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Professora Livre Docente Marília Pontes Sposito (titular)
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Professora Doutora Heloísa Helena Teixeira de S. Martins (titular).
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Professora Doutora Fabiana Augusta Jardim (suplente).
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Professor Doutor Elie Grahen Júnior (suplente).
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Professora Doutora Graziela Serroni Perosa (suplente).
Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

À minha família e meu esposo, pelo apoio e compreensão ao longo da elaboração deste trabalho. E às famílias de Ferrazópolis, que me abriram, além das portas de suas casas, a sua vida e compartilharam comigo sua intimidade e rotina, suas tristezas e frustrações, bem como muito de seus sonhos e alegrias.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer que, ao longo deste período que mesclou alegrias, sofrimentos e frustrações, vivenciei grandes descobertas e há muitas pessoas que merecem meu reconhecimento.

Começo por amigos hoje distantes, mas que foram primordiais para que este dia chegasse, querida Beatriz, devo a você o início de tudo.

À minha família, minha mãe Maria, meus irmãos Júlio e Cristina e as pequenas Catarina e Vitória que me alegravam. Minha madrinha Sofia e meu tio Miguel: agradeço a vocês, que dia após dia me apoiaram em algo que lhes era desconhecido e, um salto tão alto, quanto jamais puderam imaginar que o daria.

À minha tia Lourdes, meu tio Getúlio e meus primos, peças fundamentais para a realização deste trabalho.

Ao meu esposo, por todo incentivo, carinho, amor e orgulho: a você, devo os melhores dias em meio às difíceis realidades enfrentadas. Sem você, tudo teria sido muito mais duro, penoso e difícil.

À minha querida e inesquecível amiga Edy, agora mestre em Geografia. Conhecê-la foi uma das melhores coisas que me ocorreu na USP. Edy, obrigada pela força, pelas ajudas, pelas discussões infundáveis sobre nossas pesquisas, pelas leituras compartilhadas, enfim, por tudo!

Aos colegas de GETESE, e em especial a professora Marília Pontes Sposito, pelas inúmeras contribuições para o andamento desta pesquisa, inclusive na banca de qualificação.

Aos colegas do Grupo de Estudos de Orientação: Amanda, Juliana, Júlio, Célia, Ricardo, Maytê, Washington, Luíza, tanto pelas discussões acadêmicas como pelos momentos de amizade.

Aos professores Maria Letícia Barros Pedroso Nascimento, Maria da Graça Jacintho Setton e Heloísa Helena Teixeira de Souza Martins, pelas importantes contribuições que me foram oferecidas ao cursar suas disciplinas, bem como pelas ricas sugestões dadas na banca de qualificação pela professora Heloísa Helena.

Aos meus amigos queridos, companheiros de momentos difíceis desde a graduação, Bruno, Luís Otávio, Fernanda, Ulysses, Carlos, Adriano, Marcelo, Wellington, Karine, Danyel, Geraldo, Ecauê e Samanta.

Àqueles que desde a infância me acompanham, Adriana e sua mãe Maria, Luciano, Geneildo e Gilson, o apoio constante de vocês fez muita diferença.

À Kathrein, Mayra, Ana, Alexsandra, obrigada pela amizade e o carinho.

João Paulo, Maria e João, obrigada pela colaboração infinita e pelo carinho em me receber sempre.

A todas as famílias e moradores de Ferrazópolis, vocês são a grande razão disso tudo!

À Professora Kimi A. Tomizaki, minha orientadora, que com dedicação, empenho, paciência e carinho, lapidou e tornou realidade as minhas ideias, proporcionando o desenvolvimento, as melhorias e a conclusão dessa pesquisa.

Por fim, agradeço à Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo, por ter financiado esta pesquisa, bem como a participação em eventos, congressos e seminários para a discussão do trabalho realizado.

RESUMO

PEREIRA, Maria Gilvania Valdivino. Experiências de socialização: o caso de famílias de trabalhadores no bairro Ferrazópolis, em São Bernardo do Campo. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa desenvolvida com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, intitulada “*A família operária no bairro Ferrazópolis: um estudo sobre socialização política*”. O principal objetivo desta pesquisa foi realizar uma análise dos processos de transmissão intergeracional no interior de famílias da classe trabalhadora, para tanto foram analisados os modos e modalidades de socialização colocados em prática por famílias de trabalhadores em um bairro construído por operários que vivenciou diversas transformações ao longo das últimas décadas, chegando a perder a característica de bairro de operários, passando a ser um bairro pobre, na periferia de São Bernardo do Campo, o que influenciou profundamente o modo de viver dos moradores desse lugar. Essa pesquisa foi desenvolvida a partir de uma metodologia qualitativa, pautada principalmente na realização e análise de entrevistas e também, de pesquisa de campo com observações diretas e por vezes participativas na rotina do bairro e na rotina de famílias selecionadas para serem entrevistadas. As entrevistas, por sua vez, foram realizadas com pais e filhos, com moradores antigos do bairro, lideranças políticas, comunitárias e religiosas.

Palavras-chave: família, socialização, trabalho, política, gerações e metalúrgicos.

ABSTRACT

PEREIRA, Maria Gilvania Valdivino. Socialization experiences: the case of working families in the neighborhood Ferrazópolis in São Bernardo do Campo. Master's thesis. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

This work is the result of a survey carried out with the support of Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) entitled "The working class family in the neighborhood Ferrazópolis: a study of political socialization." The main objective of this research was to analyze the processes of intergenerational transmission intergenerational families within the working class and, were analyzed for both the modes and modalities of socialization put into practice by working families in a neighborhood built by workers who experienced several transformations over the past decades, reaching lose the characteristic neighborhood of workers, becoming a slum, in the periphery of São Bernardo do Campo, which profoundly influenced the way of life of the residents of this place. This research was developed from a qualitative methodology, based mainly on the realization and analysis of interviews and also field research with observations and sometimes participatory neighborhood in routine and routine households selected to be interviewed. The interviews, in turn, were conducted with parents and children, with older residents of the neighborhood, political leaders, community and faith.

Keywords: family, socializing, work, politics, and metallurgical generations.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1 Lugar de moradia, lugar de vida: entendendo o bairro Ferrazópolis	26
1.1 Ferrazópolis, a cidade dos Ferraz	31
1.1.2 Transformações macrossociais na vida do bairro e das famílias	44
1.1.3 Viver em Ferrazópolis, ontem e hoje	52
Capítulo 2 Histórias de vida da primeira geração	59
2.1 João e Maria Dantas	61
2.1.2 Chegada em Ferrazópolis	63
2.2 Geraldo e Lúcia Ferreira	65
2.2.1 Chegada em Ferrazópolis	66
2.3 A entrada da primeira geração no mercado de trabalho	71
2.3.1 As mulheres da primeira geração e o mercado de trabalho	76
2.4 A política para a primeira geração	81
2.4.1 Os Dantas e a política	82
2.4.2 Os Ferreira e a política	89
Capítulo 3 A segunda geração: jovens trabalhadores, filhos de trabalhadores	94
3.1 Os filhos da família Dantas	95
3.1.2 O trabalho no processo de socialização	100
3.2 Os filhos da família Ferreira	102
3.2.1 O trabalho no processo de socialização	113
3.3 Dantas e Ferreira: a política no processo de socialização	116
Considerações finais	129
Referências bibliográficas	135
ANEXOS	144

Introdução

Esta dissertação é o resultado de uma pesquisa realizada com o apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), intitulada “*A família operária no bairro Ferrazópolis: um estudo sobre socialização política*”, cujo objetivo foi analisar os processos de socialização ocorridos interior de famílias operárias do Bairro Ferrazópolis em São Bernardo do Campo. Inicialmente, na tentativa de compreender, sobretudo, a transmissão de determinados valores e atitudes em relação a eventos e a assuntos relacionados ao mundo da política e do trabalho.

Portanto, nesse trabalho nos apoiamos em dois conceitos fundamentais: gerações e socialização. A análise geracional que realizamos procurou abordar, além da proximidade do nascimento, as experiências vividas pelos indivíduos que compõe as diferentes gerações, levando em conta, sobretudo, quais experiências seriam passíveis de constituir os diferentes grupos geracionais.

A definição de socialização, por sua vez, utilizada nesse trabalho é tributária das contribuições de Berger e Berger, Berger e Luckmann, Georg Simmel, Norbert Elias e Pierre Bourdieu. Esses autores concebem a socialização como um processo em que diferentes atores entrariam em ação, inclusive as crianças ou “as novas gerações”, isso é possível porque os mais jovens não somente assimilam o que lhes é transmitido, mas também reinterpretam tudo que pode ser aprendido com os mais velhos. (GRIGOROWITSCHS, 2008; WAIZBORT, 1996; ELIAS, 2000; ELIAS, 2004; LAHIRE, 1998; BERGER e BERGER, 1975; BERGER e LUCKMANN, 2009; SIMMEL, 2006; BOURDIEU, 2007; BOURDIEU, 2008 e BOURDIEU, 2010).

“Embora educação e gerações sejam realidades diversas, esses dois fenômenos sociais se encontram intrinsecamente ligados em função da necessidade de cada geração transmitir aos seus sucessores aquilo que considera fundamental para a preservação e continuidade da sua herança. Por outro lado, o próprio fenômeno geracional pode provocar mudanças tanto nos modos de se educar as novas gerações, quanto naquilo que deve ou não ser transmitido de uma geração a outra.” (TOMIZAKI, 2010: 329 a 330).

Sendo assim, de acordo com Tomizaki, existe uma estreita relação entre a constituição de novas gerações e o processo de socialização e foi nessa perspectiva que trabalhamos.

“O processo por meio do qual o indivíduo aprende a ser membro da sociedade é designado pelo nome de socialização” e por meio desse processo se faz possível a imposição de *“padrões sociais às condutas individuais”*. (BERGER e BERGER, 1975: 204). O indivíduo é cercado por outras pessoas desde o seu nascimento e o que aprende com essas pessoas contribuirá para a maneira como se integrará aos seus iguais dentro da sociedade. Em um primeiro momento, a instância principal de socialização pela qual o indivíduo passa, a partir de seu nascimento, é a família, na qual cada um aprende os primeiros valores do comportamento social, a moral e os valores necessários para existir em sociedade são primeiramente transmitidos e apresentados como naturais. (BERGER e BERGER, 1975).

A partir dessa definição baseada em Berger e Berger (1975), dialogamos com autores que desenvolveram seus estudos em torno do conceito de socialização, como Émile Durkheim. Para ele, a socialização consistia em um processo conduzido pelos adultos, tendo em vista a inserção das novas gerações na sociedade. O autor acreditava ser a educação uma socialização metódica das novas gerações, e tal processo passaria necessariamente pela aceitação das regras e valores da sociedade, assim, estaria formado o *“ser social”*. De tal modo, caberia aos adultos a tarefa de socializar os mais jovens, em um processo que ocorreria de maneira vertical, no qual crianças e jovens eram entendidos como receptáculos da cultura já existente. *“Para que haja educação faz-se mister que haja, em face de uma geração de adultos, uma geração de indivíduos jovens, crianças e adolescentes; e que uma ação seja exercida pela primeira sobre a segunda”*. (DURKHEIM, 1967: 38).

O autor entendia ainda que não há nenhuma sociedade em que não existam valores próprios a ser inculcados nas crianças, e tal processo deveria ser colocado em prática primeiramente pela escola, instituição capaz (mais do que a família) de incutir os valores morais das sociedades em seus membros mais jovens. O homem só se tornaria humano, ou seja, adquiriria as capacidades e características do ser humano, se fosse socializado para tal fim e este fim seria adequado de acordo com a sociedade em que o indivíduo nasce, pois cada sociedade tem um tipo ideal de homem que deveria ser forjado a partir dos processos de socialização, pois para Durkheim *“na verdade, o homem não é humano, senão porque vive em sociedade”*. (DURKHEIM, 1967: 45).

É possível dizer que as críticas sofridas por essa concepção de socialização direcionavam-se ao papel passivo reservado às crianças e jovens, que podemos observar, entre outros

momentos, na seguinte afirmação do autor: “*a sociedade se encontra, a cada nova geração, como que em face de uma tabula rasa, sobre a qual é preciso construir tudo de novo.*” (DURKHEIM, 1967: 42. Grifos nossos).

Ainda que autores de áreas da sociologia, como a sociologia da infância, promovam críticas sobre a concepção de Durkheim do conceito de socialização (CORSARO, 1992; CORSARO, 1997; GRIGOROWITSCHIS, 2008), é preciso ressaltar que muito de sua obra pode ser considerada nos estudos atuais. Como por exemplo, quando o autor trata a inexistência de sociedades que não tenham valores comuns a serem transmitidos a todos os cidadãos, ou seja, o aspecto uno da educação. Para Durkheim, em uma sociedade sempre há valores comuns a serem transmitidos, por mais que nem todos os cidadãos ocupem a mesma posição social ou o mesmo enquadramento na divisão social do trabalho. Mesmo que os indivíduos sejam preparados para tarefas diferentes, determinados valores são inerentes à sociedade como um todo, destinados a todos que dela façam parte. (DURKHEIM, 1967).

Outros pensadores partilhavam algumas ideias de Durkheim a respeito do processo de socialização, como Talcot Parsons, que a partir de uma visão funcionalista, concebia a sociedade como um “todo coerente”, possuidor de uma unidade funcional, mantendo assim, o mesmo conceito de sociedade orgânica de Durkheim. Para Parsons, a sociedade era estruturada em quatro sistemas: o cultural, que leva em consideração os sistemas simbólicos que são compartilhados entre os indivíduos; o social que leva em conta a interação entre os diferentes indivíduos, classificados por ele como atores, por desempenharem papéis sociais; o da personalidade, que privilegia o ator individual e suas necessidades próprias; e por fim, o do organismo, abordando o comportamento dos atores, considerando o organismo biológico e o meio em que o organismo vive. (PARSONS, 1951 Apud: GOMES, 1985).

Entre os quatro sistemas que estruturam a sociedade tal qual Parsons concebia, uma atenção especial era dada ao aspecto cultural. Ele postulava que a ação humana não é possível sem sistemas simbólicos relativamente estáveis, ou seja, sem valores compartilhados, que entre outras coisas, definem o que é bom e mau, certo e errado, inferior e superior etc. E estes valores (principalmente culturais) seriam transmissíveis e apreendidos através dos processos de socialização, concebidos pelo autor como uma “*poderosa força integrativa da sociedade*”. No que tange ao sistema social, o estudioso acreditava que a interação entre os atores dá-se em torno dos símbolos, ou melhor, mediada por eles. Em resumo, seria possível dizer que o autor leva em

consideração dois aspectos principais para que a ação humana possa ocorrer, que seriam (i) as normas comuns a todos os atores, que repousem sobre valores de pertencimento e (ii) um código comum, que possibilite a comunicação entre os atores, para que a transmissão das normas e valores comuns dê-se, como por exemplo, a linguagem (PARSONS, 1951 Apud: GOMES, 1985; BOILLET e SCHMITT, 2002).

Por trabalhar também na perspectiva de que os indivíduos a serem socializados eram passivos na recepção do conhecimento necessário para viver em sociedade, considerados tabula rasa diante dos ensinamentos, dos valores, das maneiras de ser e ver que a sociedade lhes deveria transmitir, a teoria de Parsons sobre socialização foi alvo de duras críticas com o amadurecimento da discussão sobre o conceito. (PARSONS, 1951 Apud: GOMES, 1985; GOMES, 1985; GRIGOROWITSCHS, 2008).

De acordo com Boillet e Schmitt (2002), na figura abaixo é possível definir o conceito de socialização articulando de três dimensões: transmissão/ interiorização da cultura; construção das identidades e integração ao grupo, buscando dar conta da maneira como os indivíduos são integrados nas sociedades e procurando compreender por quais processos a sociedade inscreve seus membros dentro de suas redes de solidariedades, levando em consideração também, recursos cognitivos.

Figura 1 Processo de Socialização

Diretamente ligados ao aspecto subjetivo individual e sendo parte integrante da construção das identidades individuais e sociais, os processos de socialização implicam também na assimilação de uma identidade pelo indivíduo. A parte socializada da individualidade costuma ser designada como identidade, assumida de acordo com a interação com os outros, isso implica

em conceber as múltiplas identidades a partir das diferentes sociedades em que os indivíduos são inseridos, bem como dos lugares sociais aos quais eles pertencem dentro de uma dada sociedade. Acreditamos que a construção da identidade social do indivíduo passa pela aquisição das normas e dos códigos simbólicos, proporcionada pelos processos de socialização. (BERGER e BERGER, 1975; PERCHERON, 1993).

A socialização pode ser entendida ainda, como “*a ampla e consistente introdução do indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela*”. (BERGER e LUCKMAN, 2009: 175), é um processo (necessário) de interiorização do mundo social. (BERGER e LUCKMAN, 2009).

“Sendo a sociedade uma realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, qualquer adequada compreensão teórica relativa a ela deve abranger ambos estes aspectos. [...] Estes aspectos recebem correto reconhecimento se a sociedade for entendida em termos de um processo dialético em curso, composto de três momentos, exteriorização, objetivação e interiorização. No que diz respeito ao fenômeno social estes momentos não devem ser pensados como ocorrentes em uma sequência temporal. Ao contrário, as sociedades e cada uma de suas partes, são simultaneamente caracterizadas por estes três momentos [...] O mesmo é verdade com relação a um membro individual da sociedade, o qual simultaneamente exterioriza seu próprio ser no mundo social e interioriza este último como realidade objetiva. Em outras palavras, estar em sociedade significa participar da dialética da sociedade.” (BERGER e LUCKMAN, 2009: 173. Grifos nossos).

Para muitos autores, a socialização é considerada principalmente um processo de interação social. A interação e transação entre os indivíduos nas sociedades são vistas como fundamentais para se entender a socialização. Annick Percheron procurou construir uma teoria da socialização classificada por ela como mais normativa e voluntarista do que a teoria de Durkheim e de alguns sociólogos americanos, afirmando que “*em toda socialização há uma parte mais ou menos importante de criação*.” (PERCHERON, 1993:33. Grifos nossos).

A autora entende a socialização também como o desenvolvimento de certa representação do mundo, porém, afirma não existir apenas um modelo de representação. Acredita que o indivíduo, recebendo vários modelos que coexistam entre eles, seja da família, da escola, dos colegas, vai, enfim, lentamente moldando-se de acordo com estas várias representações do mundo ao qual tem acesso, reinterpretando-as de modo a criar um novo modelo, original e só seu. Afirmo, por sua vez, que toda socialização é um processo que se dá de forma lenta e gradual e que não pode ser resumido a um simples processo de aprendizagem, sendo:

“[...] o produto de todas as experiências de cada um, o que não significa ser a simples soma de experiências sucessivas do indivíduo. Cada informação, cada nova experiência pode causar uma completa reestruturação do conjunto” (PERCHERON, 1993: 33).

Se a socialização ocorre ao longo de trajetória do indivíduo, ela acontece da mesma forma e com a mesma tendência a ser durável em todas as etapas da vida? Alguns autores trabalham com a ideia de uma divisão dos processos de socialização em etapas e a mais difundida delas é a divisão entre a **socialização primária** e **socialização secundária**. A primeira entendida como um processo que ocorre na infância, durante o qual a família seria o lugar privilegiado do aprendizado para a integração social. E a segunda, por sua vez, ocorreria ao longo da vida, durante a qual o indivíduo assimilaria normas e códigos apreendidos em outros meios de convívio, como a escola e o trabalho, por exemplo. (BERGER e BERGER, 1975; BERGER e LUCKMANN 2009; ANSART e AUKON, 1999).

Para Berger e Luckmann, os dois tipos de socialização acabam ocorrendo e *“as tarefas de ambos variam de acordo com a complexidade da distribuição social do conhecimento”*. (BERGER e LUCKMANN, 2009: 195), segundo os autores:

“É possível conceber uma sociedade na qual não haja outra socialização depois da socialização primária. Tal sociedade evidentemente teria de possuir um cabedal de conhecimentos muito simples. Todo conhecimento seria geralmente importante, diferindo os diversos indivíduos apenas em suas perspectivas relativamente a ele. Esta concepção é útil porque estabelece um caso limite, mas nenhuma sociedade por n[os conhecida deixa de ter alguma divisão do trabalho, e concomitantemente alguma distribuição social do conhecimento. Logo que tal ocorre a socialização secundária torna-se necessária.” (BERGER e LUCKMANN, 2009: 184)

A partir deste trecho de Berger e Luckmann (2009), é possível afirmar que em sociedades complexas como a nossa, o indivíduo interage com diversas fontes de informação e de socialização que não exclusivamente a família, o que por sua vez, possibilita a existência de processos socializadores ao longo de toda a existência do indivíduo, seja na escola, no trabalho, por meio de diferentes tipos de mídias, do grupo de pares, entre outros. Há várias instâncias socializadoras capazes de contribuir com o processo de socialização e que são importantes na assimilação de identidades e modos de conduta nos mais diversos ambientes pelo qual o

indivíduo circula. (BERGER e LUCKMANN, 2009; LAHIRE, 1998; SETTON, 2005; SETTON, 2009; GRIGOROWITSCHS, 2008).

Partimos da premissa que as novas gerações podem assegurar de certa forma a continuidade - mas nem sempre a reprodução - das sociedades, para isso, faz-se necessária a interiorização de valores, crenças, práticas, modos de perceber e de perceber-se no mundo, que formam cada um dos indivíduos. (MAUGER, 1990; BOURDIEU, 2007; BOURDIEU, 2008; BOURDIEU, 2010 e PERCHERON, 1993). Tal interiorização daria-se então pelos processos de socialização, vivenciados desde o nascimento e prosseguindo ao longo de toda existência dos indivíduos, de forma não linear e nunca totalmente finalizada.

“[...] Um grupo se constitui como uma unidade de geração quando é capaz de construir uma reação unitária, uma ressonância comum, organizada de maneira análoga por indivíduos que estão precisamente ligados entre si. Isso não quer dizer que se trate de um grupo homogêneo ou sempre concordante em suas ações ou ideias.” (TOMIZAKI, 2010: 235 a 236).

Segundo Karl Mannheim (1963, 1982 e 1990), o pertencimento a uma unidade geracional, não quer dizer que este grupo é um todo homogêneo, como é possível observar no caso dos pais das famílias entrevistadas em Ferrazópolis, pertencentes a uma geração que se convencionou chamar de **“os peões do ABC”**, que partilhou experiências de migração, más condições de moradia e vivenciou um acontecimento histórico fundante: a onda grevista no ABC Paulista deflagrada no final da década de 1970. Como consequência da participação neste acontecimento histórico, embora com diferentes níveis de participação e/ou proximidade com os eventos do período em questão, é possível dizer que essa geração adquiriu práticas e modos de agir próprios aos homens e mulheres que partilharam uma série de experiências comuns, que foram constitutivas da condição operária no ABC Paulista nos anos 1970 e 1980. (MANNHEIM, 1963; MANNHEIM, 1982; MANNHEIM, 1990; TOMIZAKI, 2005; TOMIZAKI, 2010, SCOTT, [2004], 2010).

Nesse trabalho, a noção de geração será utilizada de modo mais restrito do que foi pensada por Mannheim (1963; 1982 e 1990), ou seja, nos limitamos a pensar em duas grandes dimensões do fenômeno geracional: (i) os laços de parentesco, portanto, pensando as gerações, sobretudo, como gerações familiares; (ii) o enquadramento social do grupo geracional, sobretudo em termos de acesso à escolarização e ao mercado de trabalho, com a hipótese de que tal

enquadramento redonda em determinadas “tomadas de posição” referentes a diferentes aspectos da vida, entre eles o trabalho e a política.

Partimos, então, da premissa de que exista certa cultura¹ comum aos moradores de uma mesma região ou grupo e entendemos ser necessário um melhor entendimento da vivência dos moradores do bairro estudado no que tange aos pormenores de suas vidas cotidianas, procurando observar as relações familiares de transmissão de valores, atitudes e comportamentos próprios aos membros desse grupo.

O bairro Ferrazópolis apresenta, de certo modo, uma característica operária desde o início de seu loteamento, pois grande parte de seus moradores já trabalhou em fábricas, principalmente, no setor metalúrgico, o que nos coloca diante de um ponto comum na trajetória de muitos moradores do bairro, especialmente os mais antigos. Atentos a possibilidade de existência de certa cultura operária no bairro, buscamos um melhor entendimento desse conceito e observamos entre a bibliografia consultada que há uma ampla discussão e um considerável dissenso a respeito da aplicação desse termo para a realidade brasileira, assim como não há convergência entre os autores que procuram abordar os diversos aspectos da vida dos trabalhadores de diferentes regiões do país sobre a existência, ou não, de uma cultura operária no Brasil. (BATALHA, 2004; LOPES, 1987; SARTI, 2003, KIRK, 2004).

De acordo com Batalha (2004), há uma crescente tendência nos estudos sobre a história da classe trabalhadora que aponta para o estudo de *“características peculiares dos trabalhadores em diferentes contextos históricos, bem como os processos simbólicos que perpassam o processo de sua formação e reconfiguração.”* (BATALHA, 2004: 11). Ainda para o autor, a cultura operária é entendida *“muito mais como um campo de discussão do que propriamente um conceito.”* (BATALHA, 2004: 12. Grifos nossos).

¹ Cultura enquanto, “o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.” (TYLOR, 1871. Apud: Laraia, 2009: 25). Segundo Laraia (2009) a partir desta definição [ampla] é possível observar o caráter de aprendizado que é atribuído à cultura e entendo que este aprendizado ocorre por meio dos processos de socialização, responsáveis pela aquisição das normas e modos de comportamentos necessários para a vida em sociedade, bem como do aprendizado da cultura da sociedade. De acordo com Émilie Durkheim (1967) *não há nenhuma sociedade em que não exista uma gama de valores próprios a ser inculcados nas crianças*. O homem só se tornaria humano, ou seja, adquiriria as capacidades e características do ser humano, se fosse *socializado* para tal fim e este fim seria adequado de acordo com a sociedade em que o indivíduo nasce, pois cada sociedade tem um tipo ideal de homem que deveria ser forjado a partir dos processos de socialização. Para ele, *“na verdade, o homem não é humano, senão porque vive em sociedade”*. (DURKHEIM, 1967: 45. Grifos nossos).

Kirk (2004), bastante influenciado por Hoggart (1973), defende que os estudos relativos à cultura devem atentar “aos modos de ver e de ser” (Kirk, 2004: 51). A classe trabalhadora deve ser problematizada dentro de sua diversidade e não como um todo homogêneo, o que implica em uma análise dos pormenores da vida cotidiana. (HOGGART, 1973; KIRK, 2004, BATALHA, 2004, THOMPSON, 1987, HOBSBAWN, 1982). É preciso pensar na diversidade de modos de ser e de ver presente no meio dessas classes, não as caracterizando como um todo homogêneo e imutável, porém trabalhando elementos que caracterizariam união e semelhanças constituintes da classe, como o trabalho manual, a pobreza e a insegurança no porvir.

Portanto, essa pesquisa constitui-se fortemente a partir da análise das experiências partilhadas ou diferenciadas que contribuíram para a formação da classe ² de trabalhadores existente em Ferrazópolis, bem como na consideração das transformações pelas quais esse grupo passou a partir dos anos 1990 e como tais processos (de formação e mudanças) podem ter impactado sobre os modos de transmissão de valores na esfera familiar, sobretudo, na relação entre pais e filhos. (LARAIA, 2009; BOURDIEU, 2007; BOURDIEU, 2008; BOURDIEU, 2010; THOMPSON, 1987; HOGGART, 1973; HOBSBAWN, 1982, BATALHA, 2004; KIRK, 2004).

Sendo assim, a abordagem de famílias trabalhadoras, moradoras de bairros populares como o caso dos trabalhadores de Ferrazópolis, não foi realizada apenas por meio do entendimento das relações de trabalho ou como simples núcleos de reprodução, mas a partir de aspectos culturais diversos, como as diferentes relações que as famílias de trabalhadores têm com os outros setores da sociedade, suas experiências de moradia, as formas como se organizam enquanto moradores, como reivindicam melhorias para seu bairro, o que esperam do futuro e como educam seus filhos. Essas famílias são pensadas como uma das esferas centrais de

² A noção de classe trabalhadora aqui é fortemente pautada no que propunha Thompson. “[...] *Por classe entendo o fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos disjuntos e aparentemente desconectados, [...] é um fenômeno histórico*” (THOMPSON, 1987: 9) ou ainda: “[...] *A classe acontece quando alguns homens, como resultados de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus*”. (THOMPSON, 1987: 10), propondo o entendimento das classes a partir de uma perspectiva relacional. Neste ponto recorremos a Bourdieu, que também aborda o tema a partir de uma perspectiva relacional, e afirma que “[...] as classes não existem como grupos reais [...] o que existe é um *espaço de relações*, o qual é tão real quanto um espaço geográfico.” (BOURDIEU, 2010: 137). A contribuição destes dois autores está no fato de mostrarem-se contra o entendimento de classe enquanto uma “coisa ou algo que possa ser definido matematicamente” (THOMPSON 1987: 10). Há muito mais do que nos propõe o seu sentido lógico do termo, “[...] *onde um grupo de semelhantes tenderia a tomar atitudes semelhantes*”. (BOURDIEU, 2010: 136) segundo Thompson “[...] não podemos entender a classe a menos que a vejamos como uma formação social e cultural” (THOMPSON, 1987: 12) o que nos obriga a levar em consideração a maneira como essa classe se formou, pensando inclusive a partir dos fenômenos históricos que contribuíram para sua formação.

socialização pela qual os indivíduos passam ao longo de sua trajetória, atuando no processo socializador juntamente com a vivência no bairro, na escola e no trabalho, por exemplo.

Finalmente, estruturamos este texto procurando, (i) evidenciar a construção do percurso metodológico da pesquisa; (ii) apresentar um panorama dos dados obtidos e analisados; (iii) apresentar a região do ABC Paulista e o surgimento do bairro Ferrazópolis, visando demonstrar as transformações pelas quais o mesmo passou, transformações essas que chegaram até mesmo a alterar o perfil do bairro, deixando de ser majoritariamente operário e passando a ser um bairro pobre na periferia de uma grande cidade industrializada, com todos os problemas que isso acarreta; (iv) apresentar as diferentes experiências vivenciadas pelas duas gerações familiares (pais e filhos) que são foco desta análise, buscando entender de que forma os processos de socialização foram realizados no meio familiar.

II. Procedimentos metodológicos

Em uma etapa preliminar à redação do projeto de pesquisa, algumas entrevistas de caráter exclusivamente exploratório foram realizadas, em 2007, por meio de roteiro contendo perguntas abertas e fechadas, com adolescentes que se encontravam matriculados em uma escola situada nas imediações do bairro de Ferrazópolis: a Escola Estadual Prof. Nelson Monteiro Palma. As entrevistas foram realizadas na escola, em atividades extraclasse, voltadas para um projeto intitulado: *“Conhecendo o nosso bairro”* (desenvolvido enquanto a pesquisadora trabalhou como professora de história nesta escola da rede estadual), no qual os adolescentes deveriam buscar informações sobre seu bairro e responder a perguntas propostas sobre diversos assuntos, entre eles, a política no bairro.

Respaldados nos dados coletados preliminarmente, as operações empíricas concebidas para o desenvolvimento dessa investigação foram organizadas em diferentes etapas, sendo a primeira delas o levantamento bibliográfico e leituras, o que possibilitou definir e aprofundar as ferramentas teórico-metodológicas mobilizadas nesta pesquisa, bem como auxiliar na análise dos dados coletados em campo.

Na segunda etapa de desenvolvimento do projeto, foram realizadas observações diretas e por vezes participativa no bairro Ferrazópolis, nesta etapa, optamos por espaços associativos (igreja, escola, associações comunitárias) e por alguns domicílios. A partir da realização da

observação, foi possível apreender alguns elementos do cotidiano do bairro, como a rotina e a dinâmica sociopolítica, bem como escolher sujeitos informantes para a terceira fase da pesquisa.

A aproximação e estabelecimento de uma relação de confiança entre pesquisador e pesquisado é mais custosa em estudos em que não exista nenhum vínculo com o espaço ou com os sujeitos da pesquisa. Consideramos, portanto, que o fato de conhecermos alguns moradores do bairro foi um ponto positivo para o desenvolvimento dessa pesquisa. Por outro lado, essa mesma proximidade com o campo, que abre muitas portas, fecha outras: se, de um lado, a aproximação foi facilitada, pois alguns moradores eram, inclusive, conhecidos, por outro lado, essas mesmas famílias demoraram a dar credibilidade à pesquisa, pois a pesquisadora era alguém que já havia feito parte de seu cotidiano. Desse modo, inicialmente as pessoas mais próximas apresentaram maior resistência na concessão das entrevistas ou de outras informações sobre as histórias de vida e das famílias.

É preciso salientar que, apesar da proximidade com o campo de pesquisa, buscamos incessantemente construir um “espaço de afastamento”, que garantisse uma análise que não ficasse (muito) prejudicada por pré-julgamentos ou juízos de valor, sem, evidentemente, ter a ilusão de construir um trabalho imparcial, buscamos, apenas, controlar as percepções pré-existentes sobre o campo de pesquisa. Em outras palavras, essa proximidade com a realidade analisada determinou cuidados e atenção redobradas na elaboração e execução dos procedimentos metodológicos.

Na terceira etapa, finalmente, foram realizadas entrevistas com alguns núcleos familiares selecionados na fase anterior, de observação; realizamos também observações do cotidiano de quatro famílias e selecionamos duas para a escrita da dissertação. As entrevistas realizadas foram de caráter biográfico, pois de acordo com Bertaux (1997), o relato de vida é uma descrição aproximada da história realmente (objetivamente e subjetivamente) vivida, resultado de um tipo particular de entrevista, na qual o pesquisador pede ao depoente que lhe conte toda ou uma parte de sua experiência vivida.

O recurso ao relato de vida inscreve-se no interior da perspectiva etno-sociológica, que designa um tipo de pesquisa empírica fundada sobre a pesquisa de campo inspirada na tradição etnográfica pelas suas técnicas de observação, mas que constrói seus objetos por referência a problemáticas sociológicas. (BERTAUX, 1997). Isto posto, as entrevistas foram organizadas em relatos de vida, seguindo uma abordagem biográfica. Acreditamos que a biografia ou história de

vida, em seu período inicial, situa-se na fronteira entre a pesquisa social e a literatura. Os antropólogos foram os primeiros a darem a essa abordagem um *status* científico (P. Radin publica, em 1925, a autobiografia de um índio, *Crashing Thunder*, que se tornará rapidamente um clássico). A escola de Chicago, que domina a cena científica americana nas décadas de 1920 e 1930, produz uma sociologia de enquete direta, participante, que multiplica os meios de observação social e inspira-se nos trabalhos antropológicos. Assim, os documentos biográficos são tidos por esses autores como o tipo ideal de material sociológico. Essa fase foi substituída, depois da Segunda Guerra Mundial, por outra abordagem sociológica que se tornará dominante: a enquete quantitativa, tratamentos numéricos e formalizações. Entretanto, nas décadas de 1970 e 1980, os métodos quantitativos passam por uma crise que lança o sujeito, o cotidiano, as práticas sociais e seus sentidos no centro das preocupações da pesquisa sociológica. (BALANDIER, 1983).

A partir da opção pelo método biográfico procuramos construir uma análise que abarcasse tanto os elementos objetivos como subjetivos mobilizados na constituição dos fatos sociais. (BERTAUX, 1997; BALANDIER, 1983; BOURDIEU, 1992). Entendemos, ainda, a utilização do método biográfico como instrumento importante na apreensão dos fenômenos sociais como um todo, acreditando que *“a história de vida de um sujeito nos conta [também] a história da vida em sociedade.”* (POUPART, 2008).

Por fim, está a etapa de **reconstituição das trajetórias das famílias entrevistadas**, desde a chegada dos primeiros membros ao bairro. O objetivo nesta etapa era compreender as experiências vivenciadas pelos membros das duas gerações familiares, assim como, entender de que maneira se deu a socialização entre pais e filhos. A partir daí, procuramos evidenciar essas experiências e de que forma elas são passíveis de caracterizar a primeira geração, pensando nos modos como foram transmitidas e apreendidas pela geração mais nova, por meio dos processos de socialização, e ainda, de que modo essa socialização foi capaz de influenciar a maneira como os mais jovens veem o mundo e veem-se nele. Em outras palavras, procuramos entender como a condição de migrantes rurais, trabalhadores pobres, moradores de Ferrazópolis e, em alguns casos militantes, da primeira geração influenciou o processo de socialização dos filhos, a segunda geração.

III. Apresentação das famílias

Para a realização da pesquisa, prontificamo-nos a identificar núcleos familiares nos quais existissem pais metalúrgicos, que tivessem participado das grandes greves do ABC Paulista, entre 1978 e início da década de 1980, e tivessem filhos jovens. Porém, durante as observações no bairro e nas famílias, notamos a existência de grande número de ex-metalúrgicos, pois na verdade, grande parte dos moradores do bairro já não faz mais parte desse setor produtivo.

As famílias analisadas são compostas por pais com idade entre 52 e 58 anos e filhos com idade entre 19 e 28 anos, alguns já casados, morando nos fundos das casas dos pais.

Pelo fato de conhecer o bairro, um núcleo familiar foi previamente selecionado para ser participante da análise. Esta pré-seleção deu-se por haver ligações de parentesco entre a pesquisadora e esse núcleo familiar. Optamos, assim, por iniciar a realização das entrevistas com os membros desta família, mas, principalmente, por considerar essa família bastante representativa das trajetórias mais comuns nesse bairro. Trata-se da numerosa família Ferreira³, composta pelos **pais Geraldo e Lúcia**, migrantes do estado da Paraíba e seus oito filhos, residentes na favela do Jardim Limpão, em Ferrazópolis.

Figura 2 Família Ferreira

³ Os nomes e sobrenomes verdadeiros dos entrevistados foram trocados para garantir o sigilo de suas identidades, conforme acordo prévio para a concessão das entrevistas e permissão das observações no ambiente familiar.

Foram realizadas quatro entrevistas na família Ferreira, com os pais Geraldo e Lúcia e com os filhos mais novos, os gêmeos, Renato e Rubens.

É preciso citar que, apesar de haver maior proximidade com a família Ferreira, esta foi a mais resistente no trabalho de aproximação, principalmente, para a concessão das entrevistas. Porém, é evidente que o fator da ligação de parentesco facilitou, e muito, a observação direta junto à família Ferreira, nos possibilitando passar muitos dias na convivência familiar, dormir em sua casa, partilhar refeições, participar das conversas e presenciar eventuais conflitos.

No momento em que a observação era realizada na casa da família Ferreira, esta passava por uma situação bastante complicada. Geraldo, o pai, vinha de um processo de violento distanciamento de assuntos políticos para um retorno ao sindicalismo e à militância e, quando este retorno passou a ser uma situação mais concreta, a entrevista foi concedida sem maiores problemas.

Os filhos Renato e Rubens, relutaram de início a conceder entrevistas, alegando achar a situação um pouco estranha, sentindo-se envergonhados. Após visitas mais constantes a sua casa, as entrevistas foram realizadas sem maiores problemas. A entrevista com Lúcia, a mãe, foi a mais difícil. O casal passava por uma crise matrimonial, em uma das muitas visitas em que havíamos marcado de iniciar a entrevista, Lúcia estava emocionalmente abalada, o que inviabilizou a sua realização e isso ocorreu mais de uma vez. Além disso, a família passava por mais um problema sério, um de seus filhos, o mais velho, está preso (como mostra o quadro explicativo sobre a família), por envolvimento com o tráfico de drogas, problema latente no bairro e motivo de grande preocupação em muitas famílias de Ferrazópolis. Apesar de Vagner estar preso há dois anos, este problema não foi superado por toda a família, sobretudo pelos pais que são responsáveis pelo sustento dos três netos e ainda arcam com despesas de advogados na tentativa de diminuir a permanência do filho na prisão.

A segunda família a compor esta análise é a **família Dantas**, que mora na parte baixa de Ferrazópolis, em uma das ruas que primeiro foram loteadas legalmente. Esta família é composta pelo **pai João**, que migrou ainda criança de Minas Gerais para o Paraná e na adolescência migrou para o ABC Paulista, precisamente para Ferrazópolis; **pela mãe, Maria**, migrante do interior de São Paulo e por seus quatro filhos, Fernanda, Ronaldo, Júlia e Jonas, como pode ser observado abaixo:

Figura 3 Família Dantas

“Os Dantas” não apresentaram grandes problemas em relação à aceitação de uma pesquisadora em meio a seu convívio, apesar de relatarem que esta era uma situação inédita em sua rotina. O pai, João, manifestou extrema timidez no início, sobretudo quando lhe foi solicitado a concessão de entrevista gravada, o que acabou resultando em vários adiamentos, mas quando esta de fato aconteceu, tudo ocorreu de forma tranquila e João foi muito colaborativo, até mesmo servindo de informante privilegiado para a ampliação dos contatos com possíveis outros entrevistados. Foram realizadas três entrevistas nessa família, com os pais e com Jonas, o filho mais novo, que é metalúrgico.

Todas as entrevistas com membros dos núcleos familiares ocorreram nas casas das respectivas famílias. Para as duas famílias apresentadas, o local da casa em que primeiramente se leva a visita é a cozinha, cômodo de entrada para a casa da família Dantas. A preferência pelo cômodo como local de conversa foi um fator que nos chamou atenção, pois os entrevistados mostravam-se mais a vontade, realizavam refeições enquanto falavam, preparavam lanches para que comêssemos durante as conversas, enfim, notamos que a cozinha é o espaço de maior interação no interior de suas residências.

De maneira geral, a aproximação com os pais e filhos deu-se mais tranquilamente, o que foi mais difícil com as mães. De início, isto mostrou-se como um problema, mas depois de várias visitas às casas, do uso do conhecimento do bairro, da proximidade com alguns moradores

antigos, bem como a existência de parentes no bairro, que auxiliaram os contatos, a aproximação com as mulheres foi acontecendo e tomando densidade.

Durante a realização da pesquisa de campo, foram entrevistados ainda, membros de outras famílias e visitadas outras casas, sendo quatro delas observadas e três entrevistadas, nas quais foi possível apreender suas rotinas enquanto moradores do bairro, porém, neste trabalho, nos dedicamos de modo mais aprofundado ao estudo das duas famílias apresentadas, Ferreira e Dantas, que serão apresentadas como casos exemplares, visando maior coesão na análise dos dados coletados.

Isto posto, no capítulo seguinte, procuramos fazer uma apresentação da região do ABC Paulista e do bairro Ferrazópolis, na tentativa de demonstrar a história do bairro, traçando, em linhas gerais, a história do ABC Paulista, e o período de forte industrialização pelo qual passou a região, procurando evidenciar o forte processo migratório, o crescimento irregular das cidades, o aumento das periferias e o surgimento do bairro Ferrazópolis, além das transformações pelas quais o bairro passou ao longo dos anos.

superior a 2,5 milhões de habitantes, residentes predominantemente na zona urbana, sendo São Bernardo do Campo a maior e mais populosa das cidades, com uma população estimada em 800 mil habitantes e, também, a única a contar com uma população rural de aproximadamente 13 mil habitantes. Segundo o “Sumário de Dados São Bernardo do Campo” do ano de 2010, a cidade possui o quarto maior Produto Interno Bruto (PIB) do Estado de São Paulo e é uma das cidades mais industrializada do Brasil, considerada a “capital do automóvel”, por conta do número de indústrias automobilísticas sediadas na cidade.

Mas, como a região do ABC chegou ao *status* de uma das regiões mais industrializadas e ricas do país?

Em finais do século XIX e início do XX a região era pouco habitada, contava com população pouco superior a 10 mil habitantes e suas atividades econômicas eram predominantemente agrícolas. Foi com a instalação, em princípios do século XX, da ferrovia São Paulo Railway, conhecida também como Santos-Jundiaí, que a região alcançou algum crescimento, por conta da facilidade de escoamento de produtos agrícolas até o porto de Santos, o principal porto brasileiro na época. Dentre os moradores, grande parte era imigrante ou descendente de imigrantes, sobretudo europeus e majoritariamente italianos, apenas em algumas regiões de Santo André havia núcleos de imigrantes oriundos da Alemanha e Suíça (ALMEIDA, 2008). Havia ainda imigrantes japoneses, que se concentravam em São Bernardo do Campo e Santo André. (IBGE, 2007).

O processo de industrialização no ABC Paulista não se iniciou com a chegada massiva de indústrias automobilísticas na região. A cidade que se tornou espaço privilegiado para a instalação de indústrias no século XIX e início do XX foi Santo André, seguida por São Caetano do Sul e São Bernardo do Campo, que muitas vezes ficava em desvantagem por não contar com a passagem da linha férrea em suas imediações, o que dificultava o acesso e acabava por encarecer o escoamento da produção, mas isto não significa a inexistência de fábricas na cidade.

Dentre as primeiras fábricas da região, havia pequenas olarias que fabricavam telhas e tijolos, ramo mais propício para a economia da região do que o cultivo agrícola. Tais olarias, no início do século XX, ganharam relevância econômica, principalmente em São Caetano do Sul, onde havia uma fábrica de grandes proporções, denominada “Cerâmica São Caetano”, que deu origem ao nome do bairro que cresceu ao seu redor. Atualmente, no local da antiga fábrica, existe uma construção de um empreendimento imobiliário de alto padrão e um shopping de igual

característica⁵. Além de olarias e grandes fábricas de cerâmica, havia indústrias têxteis, como por exemplo, a grande estrutura da Rhodia Poliamida, que se instalou na região no início do século XX, e ainda, é possível citar o desenvolvimento de uma forte indústria moveleira na região, sobretudo em São Bernardo do Campo, até hoje, também conhecida como polo moveleiro.

No ano de 1947 foi inaugurada, na região de São Bernardo do Campo, a rodovia Anchieta, uma das mais modernas estradas existentes no país até então, o que facilitava o acesso para a capital e para o litoral. A dificuldade em atrair maiores investimentos fabris e industriais começou a ser sanada a partir dessa inauguração e com “o *boom* da industrialização brasileira”. Assim, a partir dos anos 1950, a cidade já não apresentava um problema grave de acesso e escoamento da produção. Aproveitando os incentivos oferecidos pelo governo federal para a instalação de indústrias, principalmente automobilísticas e as condições favoráveis oferecidas também pela prefeitura, muitas empresas de grande porte e multinacionais passaram a instalar-se na cidade de São Bernardo do Campo. Grande parte delas fixou-se nos arredores da rodovia Anchieta, como é o caso da *Volkswagen*, *Mercedes-Benz*, *Ford*, *Scania*, entre outras (ALMEIDA, 2008).

Desse modo, em pouco tempo o ABC Paulista tornou-se um dos maiores polos industriais do país, lugar que ocupa até os dias de hoje. Em meados da década de 1970, a região era líder na produção automobilística, tornando-se, então, a mais industrializada do país e local de oferta de um número significativo de postos de trabalho, muito superior à mão de obra disponível na região.

É possível dizer que a região do ABC Paulista passou a ganhar maior notoriedade no cenário nacional a partir das décadas de 1940 e 1950, período de forte expansão industrial em todo o Brasil. A partir da segunda metade dos anos de 1950, o setor industrial passou a ser o “carro-chefe” da economia do país. Entre 1968 a 1974, o Brasil conheceu o chamado “milagre econômico”, ou seja, um crescimento econômico acelerado, porém, combinado com níveis altíssimos de pobreza e arrocho salarial para os trabalhadores, mas, com resultados excepcionais

⁵ Os fechamentos de empresas e utilização dos terrenos para construção de grandes empreendimentos como *shoppings centers* e grandes igrejas, é bastante comum na região do ABC Paulista, principalmente após a década de 1990, quando um número considerável de empresas “fecharam suas portas”, por motivo de falência ou por mudarem para outras cidades, dando lugar na paisagem da região ao surgimento de grandes supermercados, lojas e até mesmo igrejas, sobretudo, igrejas protestantes e neopentecostais. Estas informações foram obtidas após a realização de observações em microrregiões onde existiam indústrias, em Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, as três principais cidades da região.

como o Produto Interno Bruto nacional (PIB), que crescia 12% ao ano. Foi também um período de pesados investimentos em infraestrutura, porém, investimentos realizados majoritariamente, no setor industrial (PEREIRA, 2006).

A instalação massiva da indústria automobilística no ABC Paulista, na década de 1950, marcou o início da concentração de trabalhadores industriais migrantes de outras regiões do país, sobretudo do Nordeste, nas cidades da região. Entre os anos de 1950 e 1970, a população da região triplicou, embora não tenha existido nenhum tipo de organização ou preparação de infraestrutura para receber esses migrantes. Naquele momento, os interesses que preponderavam em relação aos “investimentos de ordem social” foram os das empresas multinacionais, que constituíam o “carro-chefe” da economia brasileira. A necessidade de mão de obra para as fábricas foi traduzida como oportunidade de trabalho e mobilidade social ascendente para um enorme contingente de trabalhadores rurais que migraram para o ABC Paulista (TOMIZAKI, 2007).

Tabela 1- Evolução da população residente nos municípios do ABC entre 1960 e 2010

Municípios	1960	1970	1980	1990	2000	2010
Santo André	245.147	418.826	553.072	610.708	649.331	673.914
São Bernardo	82.411	201.662	425.602	553.005	703.177	765.203
São Caetano	114.421	150.130	163.082	150.852	140.159	149.571
Mauá	28.924	101.700	205.740	286.225	363.392	417.281
Diadema	12.308	78.914	228.660	297.755	357.064	386.019
Ribeirão Pires	17.250	29.048	56.532	82.279	104.508	113.043
Rio Grande da Serra	3.955	8.397	20.093	28.937	37.091	44.084
Total	504.416	988.677	1.652.781	2.009.761	2.354.722	2.549.115

Fonte: IBGE, DIEESE

Esta experiência migratória no momento da expansão industrial brasileira constitui um dos mais importantes fenômenos da configuração atual de nossa sociedade, que deixou de ser uma sociedade majoritariamente rural para tornar-se urbana e industrial. De acordo com Hall (2008), o impacto da migração de nordestinos para São Paulo foi de enormes proporções e comparável à migração do Oriente Médio e Ásia para a Europa no início do século XX. Segundo Sader, “[...] São Paulo nos anos de 1950 teve um crescimento anual geométrico de 5,6%, saldo este, que aumentou mais de duas vezes e meia até a metade da década de 1980” (SADER, 1988: 67).

Consta no documento “Essa gente paulista”, publicado pelo Portal Web do Governo do Estado de São Paulo, que entre os anos de 1950 e 1960, Minas Gerais e da Bahia contribuíram com 65,04% do fluxo migratório para São Paulo, sendo o restante da região nordeste, responsável por 15% deste fluxo. A mão de obra existente no estado já não era suficiente para suprir as necessidades das indústrias que ali se instalavam e, também, a mão de obra migrante era barata. Para Sayad (1998), a condição primeira para que exista o imigrante/migrante é o trabalho, ou seja, que haja, de um lado, demanda por trabalhadores e, de outro, homens e mulheres, que em busca de melhores condições de vidas migrem em busca de trabalho para outras regiões, estados ou países.

[...] o imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, [...] a estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho [...] foi o trabalho que fez nascer o imigrante, que o fez existir; é ele que quando termina, que faz morrer o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra ao não-ser. E esse trabalho que condiciona toda a existência do imigrante não em qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o mercado de trabalho para imigrantes lhe atribui [...] ser imigrante e desempregado é um paradoxo. (SAYAD, 1998: 54 e 55).

Vindo para aonde há o trabalho, o migrante passa a existir por conta dele. “Como ele vive em função do trabalho – que melhorará sua vida e a de sua família – este é buscado a todo custo, porque além de necessidade o trabalho significava vitória na nova vida e também dignidade”. Porém, nem sempre era possível encontrar um trabalho digno e muitas vezes, faltava, qualquer que fosse esse trabalho e ficar desempregado colocava o migrante em situação de total vulnerabilidade, pois sem o trabalho não havia sentido na sua vi(n)da. Em muitos casos, trabalhadores migrantes em situação de desemprego passavam fome, frio e dependiam de ajuda alheia. Alguns retornavam, com ajuda, a sua terra natal, enquanto outros não conseguiam e não queriam retornar, pois, embora não pertencessem à sociedade receptora sem o trabalho, já não pertenciam mais à sociedade de origem. (SAYAD, 1998).

A vulnerabilidade na condição de migrante residia em parte no medo do novo e do desconhecido, no medo em fracassar, em retornar sem melhorias e em desapontar os seus que ficaram.

Segundo, Lussi e Marinuci, 2007:

“[...] O migrante é mais vulnerável enquanto tem mais probabilidade de ser “ferido” em suas dimensões constitutivas no ato de migrar ou a causa de sua condição de migrante [ou imigrante] em uma realidade que ainda não conhece suficientemente e na qual ainda tem escassas relações pessoais, sociais e trabalhistas. Tal situação o deixa com limitações a respeito das efetivas possibilidades de reação e autonomia no desenrolar de suas estratégias de articulação, inserção e até sobrevivência na nova realidade [...] Faz-se necessário elucidar, portanto, que a vulnerabilidade não se refere à pessoa do migrante, mas à situação em que ela se encontra no ato migratório. Por isso, ao invés de falar em “vulnerabilidade dos migrantes”, é mais correto falar de “migrantes em situação de vulnerabilidade”, frisando, desta maneira, que a vulnerabilidade não é uma característica inerente à pessoa migrante, mas à situação em que ela se encontra.” (LUSSI e MARINUCI: 2, 2007).

Grande parte dos migrantes que chegavam a Ferrazópolis no início dos anos de 1970 era homens e entre esses, muitos deles solteiros e alguns, casados, que migraram para conseguir um emprego e poder ofertar melhores condições para projetar a migração e instalação da família.

Em meio a estas condições que propiciaram a industrialização, o crescimento da oferta de emprego e a chegada cada vez maior de novos moradores para a cidade de São Paulo e a região do ABC, que vinha configurando-se como importante polo industrial do estado; estas cidades cresceram e novos bairros foram surgindo.

Após esta análise da história da região, a partir de agora apresentaremos o bairro Ferrazópolis desde a sua fundação, a chegada dos moradores, suas condições de instalação e de vida, os problemas do bairro e as transformações econômicas e sociais que afetaram tanto tal bairro, como a vida de seus moradores.

1.1 Ferrazópolis, a cidade dos Ferraz

No centro de São Bernardo do Campo altura do “km 23” da Via Anchieta, uma das principais vias de acesso do estado de São Paulo, que liga o ABC a São Paulo e ao litoral, encontra-se o bairro Ferrazópolis, também ligado ao centro da cidade. Do alto da passarela do terminal de ônibus Ferrazópolis, de propriedade da “Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos do estado de São Paulo”, avistam-se as casas no alto do morro. Como “pano de fundo”

do bairro, está a *Volkswagen* do Brasil, e um pouco mais ao longe, é possível que a ver até mesmo o Paço Municipal de São Bernardo do Campo, localizado no centro da cidade.

Ao subir pelo o terreno acidentado da região e ao aproximar-se da área residencial do bairro, é possível começar a localizar-se, há quem diga que “o som não se deixa confundir”, por quase todos os lados escuta-se forró, ritmo tipicamente nordestino, vindo das mais diferentes casas. Os bares têm shows com músicos locais ou recém-chegados do Nordeste, além da música alta que também vem dos carros. Por esse motivo, bairro recebeu dos próprios moradores, o apelido de “Forrozópolis”. Na parte baixa, a partir da Rua Nemer Fares Rahal, estão as melhores casas, que são também as primeiras residências construídas no bairro. Esta paisagem, porém, muda à medida em que se sobe a extensão territorial acidentada em que se encontra Ferrazópolis. Ao subir o morro, começam a surgir casas mais simples, não terminadas, ou acabadas apenas por dentro e, em alguns casos, sobretudo, na parte de baixo do bairro, melhor acabadas por fora. Quanto mais se sobe, mais observam-se as diferenças, vê-se as favelas na Vila São José, no Jardim Limpão e no Jardim Regina. “Seja bem vindo ao Ferrazópolis!”

MAPA 2 – Bairro Ferrazópolis

(Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo. Secretaria de Orçamento e Planejamento Participativo. Departamento de Indicadores Sociais e Econômicos, 2010).

FIGURA 4 – Ferrazópolis - vista do alto da Rua Pais de Andrade, no Jardim Limpão

(Acervo pessoal).

FIGURA 5 – Vista da Volkswagen - Rua Regente Lima e Silva

(Acervo pessoal).

FIGURA 6 - Jardim Limpão - vista do telhado de uma casa na Travessa José Martins.

(Acervo pessoal).

De acordo com os arquivos do Departamento de Biblioteca Pública e Preservação de Memória da Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo do ano de 1987, o loteamento habitacional no bairro começou oficialmente no ano de 1972, quando a família do advogado Oswaldo Ferraz (Dr. Ferraz) resolveu realizar um empreendimento imobiliário nas terras que recebeu como honorários de serviços prestados para a família Assuf. Na escolha de um nome para as terras que seriam loteadas, a família optou por “cidade dos Ferraz”, Ferrazópolis – dando assim origem ao nome do bairro.

A luta por moradia foi uma das características mais marcantes das famílias que vieram para o ABC Paulista no auge do período de industrialização. Como já citado, chegava à São Paulo e região Metropolitana um enorme contingente de moradores oriundos de diversas regiões do país, sobretudo de Minas Gerais e estados da região Nordeste, exatamente na época em que o bairro começou a ser loteado. Assim como Ferrazópolis, muitos outros bairros surgiam no período, alguns de forma mais organizada, outros de modo totalmente desorganizado e sem planejamento. Segundo Sader (1988), o que impulsionava o crescimento das novas periferias era a busca dos trabalhadores por um local de moradia que os livrasse dos pagamentos de altos aluguéis, o que acabava os direcionando a locais mais afastados e com menos infraestrutura,

porém mais acessíveis a seus recursos e condições financeiras. Tal afirmação é confirmada pelos depoimentos dos moradores de Ferrazópolis.

Em São Paulo e Região Metropolitana era bastante comum a existência de empreendimentos loteados sem nenhuma infraestrutura para essa nova população, que contava com poucos recursos financeiros e que vinha atraída pelas oportunidades de trabalho (ALMEIDA, 2008; SADER, 1988; PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, 1987).

Ferrazópolis começava então a desenhar-se como um bairro de operários e seu loteamento deu-se por interesses comerciais, comuns na época da industrialização automobilística, que geraram um “boom imobiliário”, provocando um momento de forte especulação no setor. O caso de Ferrazópolis assemelha-se, então, a muitos outros bairros periféricos de característica operária de São Bernardo do Campo e de outras cidades industriais do Brasil. Em um primeiro momento chegaram as indústrias, nesse caso específico a *Volkswagen* e a *Brastemp* e, ao redor dessas empresas, moravam os que lá trabalhavam, a especulação imobiliária crescia e os terrenos próximos começavam a ser loteados. (FONTES, 2008; SADER, 1988; SARTI, 2003).

No que tange à vida no bairro, os moradores mais antigos relatam que aqueles que chegavam para ali morar no início da formação do bairro “partilharam muitas experiências de privações”, falta de infraestrutura mínima, como água, esgoto e asfalto, o que provocou uma rede de solidariedade envolvendo a vida privada e coletiva destas famílias, tanto nos movimentos coletivos de bairro, que lutavam pela garantia de direitos mínimos para a comunidade local e pela urbanização da região de terrenos, quanto nas movimentações grevistas de 1978 até o início de 1990.

Exemplo disso é a fundação da primeira associação de bairros da região, a “Associação de Amigos do Bairro Ferrazópolis”, no ano de 1975, que teve como pauta de reivindicação prioritária a busca de melhorias em infraestrutura para o bairro e que é, até hoje, considerada por muitos dos moradores, como a entidade responsável pela conquista das melhorias que ocorreram ao longo dos anos.

É possível afirmar que a vida nos bairros também potencializou os acontecimentos grevistas na região do ABC Paulista no final dos anos de 1970. Durante as entrevistas realizadas para essa pesquisa, alguns relatos dos moradores sustentam esta afirmação, como o caso dos moradores que furavam greve. João Dantas, por exemplo, nos relatou que os trabalhadores que

continuavam a trabalhar durante as greves precisavam sair de madrugada, quando ainda estava escuro, sem movimentação na rua e com o carro da empresa, pois se algum trabalhador que estava em greve visse o “fura-greve” indo trabalhar, a confusão estava posta.

Ainda segundo os depoimentos coletados, as mulheres do bairro, por sua vez, conversavam entre si sobre o trabalho de seus maridos e também sobre o movimento grevista e, assim, auxiliavam na divulgação dos acontecimentos. Eram poucas as mulheres que trabalhavam no setor industrial nos primeiros vinte anos de história do bairro, poucas também, eram as mulheres que assumiam a militância como causa, embora não fossem indiferentes ao tema e algumas poucas tenham se tornado militantes de destaque, como discutiremos mais à frente.

No período das greves, as igrejas católicas da região auxiliavam os moradores do bairro com prestação de serviços de assistência, como a entrega de cestas básicas e articulação de fundo de greve e alguns padres e “ministros da palavra” - homens casados e trabalhadores que realizavam celebrações na ausência de padres - não deixavam de discutir em seus sermões questões relacionados ao trabalho e à política. O trabalho era tratado como um direito do homem à dignidade e os fiéis eram alertados sobre a legitimidade de lutar por seus direitos. Vale lembrar que na década de 1970, segmentos da Igreja Católica tinham na Teologia da Libertação, influenciada pelo marxismo, uma referência muito forte (GUTIÉRREZ, 1986; MARTINS, 1994).

Atualmente, Ferrazópolis é um bairro importante em São Bernardo do Campo e na região do ABC Paulista, de acordo com o “Sumário de Dados de São Bernardo do Campo”, dos anos de 2009 e 2010. O bairro conta com uma população de mais 43 mil habitantes, dentre os quais 8.269 são moradores com faixa etária entre 0 e 10 anos; 6.636 entre 11 e 18 anos; 9.357, entre 19 e 29 anos; 14.939 entre 30 e 59 anos e, por fim, 2.177 com 60 anos ou mais. Dentre os 11.408 chefes de domicílio do bairro, 14,76% não possuem rendimentos, 34,49% têm renda entre 1 a 3 salários mínimos, 22,26% de 3 a 5 salários mínimos e 28,49% ganham mais de 5 salários. De acordo com o Censo do IBGE de 2000⁶, a classificação socioeconômica do bairro é média-baixa, pois a renda familiar gira em torno de setecentos reais mensais.

Segundo os cadastros da Secretaria de Habitação da Prefeitura Municipal, o bairro possui 4.770 áreas residenciais, 859 unidades comerciais, 51 unidades industriais, 33 templos, 16

⁶ Ainda não foram divulgados dados sobre a classificação socioeconômica do bairro, de acordo com os dados do Censo de 2010.

unidades escolares e 2 repartições públicas (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, 2010).

Predominantemente residencial, o bairro abrange as vilas de São Bernardo Mirim, Vila Formosa, Vila do Tanque, Vila Boa Viagem, Vila São José, Jardim Regina, Jardim Silvina, Jardim Leblon e Jardim Limpão, essa nomenclatura das vilas é a existente no Departamento de Serviço de Biblioteca e Preservação de Memória. Já para a Empresa de Correios e Telégrafos, o bairro abrange algumas áreas que são indicadas como pertencentes à região do Montanhão, bairro vizinho à Ferrazópolis, que foi crescendo como uma extensão desse, por conta do crescimento da invasão dos terrenos nos morros, por isso recebe este nome. A região do Montanhão cresceu em proporções bastante consideráveis e foi separada de Ferrazópolis, passando a ser considerada outro bairro. Este é um fator comum a outros bairros da cidade, que vem crescendo, ganhando novas vilas, favelas e passando por um processo de divisão espacial. A extensão territorial do bairro pode parecer pequena se comparada à quantidade de habitantes, mas um dos fatores que contribui para esta disparidade é a existência das favelas, algumas parcialmente urbanizadas hoje em dia, e que em sua maioria, abrigam muitas pessoas em poucos cômodos construídos. Basta atentar para o fato de que o bairro possui 4.770 unidades residenciais e uma população de 43 mil habitantes, o que, em uma conta bastante grosseira, não considerando as diferenças nas unidades habitacionais, resultaria em uma média de 10 moradores por residência.

Ao caminhar pelo bairro é possível observar também uma heterogeneidade de indivíduos e de condições sociais, o que se materializa na existência de casas de alvenaria bem construídas e também barracos.

FIGURA 7 Vista das casas na Rua Hermínia Villa, parte baixa do bairro.

Fonte: Acervo pessoal.

FIGURA 8 Vista de casas no Jardim Limpão, região de favelas.

Fonte: Acervo pessoal.

O aumento do número de habitantes e das favelas foi outro aspecto importante para o crescimento de Ferrazópolis. Ao todo, somam-se 20 assentamentos precários no bairro, entre estes assentamentos precários os serviços essenciais de água e esgoto são prestados da seguinte maneira: 3 possuem atendimento da rede de água, 12 de água e esgoto, 2 possuem atendimento

parcial da rede de água e mais 2 atendimentos parciais das redes de água e esgoto (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, 2010).

Na tabela abaixo, observa-se o número de assentamentos precários nos bairros de São Bernardo do Campo, bem como os dados referentes ao bairro Ferrazópolis, que estão destacados.

TABELA 2 - Assentamentos precários, conjuntos irregulares, conjuntos habitacionais de interesse social e número de unidades habitacionais no bairro Ferrazópolis, 2009.

Assentamentos precários, conjuntos irregulares, conjuntos habitacionais de interesse social e número de unidades habitacionais no Bairro Ferrazópolis, São Bernardo do Campo, 2009*.							
Bairro	Favela	Favela urbanizada	Favela parcial/urbanizada	Loteamento Irregular	Conjunto hab. de interesse social	Total de assentamentos e loteamentos irregulares	Nº de unidades habitacionais
FERRAZÓPOLIS	10	8		2		20	3.873
Total no Município	95	56	4	106	11	272	85.999

(Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo. Sumário de Dados, 2010).

Com relação à rede de energia elétrica no bairro, 11 deles possuem ligações improvisadas, os chamados “gatos”, contra 9 que têm ligações regulares. De modo geral, nos assentamentos precários, em todo o município, 46% têm ligação da rede de energia elétrica por meio de “gatos” (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, 2010).

A partir da observação do bairro em diálogo com os moradores e da análise dos dados e das entrevistas realizadas, é possível observar que os moradores de Ferrazópolis vivenciam experiências de moradias que podem ser encaradas como radicalmente diferentes entre si, desde a compra de um terreno em uma área legalizada até a invasão de uma área privada ou de posse do poder público ou ainda a compra de um terreno irregular (em geral por um preço muito mais baixo do que em uma área legalizada). Entre os moradores da região das favelas, muitos relatam que até os dias de hoje sentem algum medo de perder o lugar onde moram, visto que temem haver alguma tentativa de retomada do terreno.

As condições de vida, de moradia e de infraestrutura, evidentemente sempre foram piores nas favelas, inclusive sob o ponto de vista geográfico, pois os terrenos que foram invadidos concentram-se, principalmente, na parte mais alta do bairro, acima dos morros, onde acontecem até hoje em dia, deslizamentos de barracos em época de chuvas.

Há que se considerar, portanto, na análise dos dados dessa pesquisa, a relação entre os moradores instalados nos terrenos legalizados (os moradores do Ferrazópolis, como são denominados entre as diferentes vilas do bairro) e os instalados nas favelas, em lotes ilegais. A hipótese de que os trabalhadores habitantes do bairro estudado não constituíam um todo homogêneo, foi comprovada pela análise minuciosa das entrevistas e pela dinâmica das relações do bairro. Tal análise conduziu à constatação da existência de modos de distinção entre moradores, pautados, sobretudo, no local de moradia ocupado. Trata-se de uma relação de diferenciação interna do grupo regida fundamentalmente pela distinção entre os que moram no “bairro” e os que moram na favela. É imprescindível fazer menção ao clássico trabalho de Norbert Elias e John Scotsson, *Os estabelecidos e os outsiders* (2000), em que os autores trataram os moradores de um povoado industrial na Inglaterra, chamado *Winston Parva*, observando as relações sociais entre os moradores e os mecanismos de distinção que foram se desenhando e sendo utilizados entre os antigos e os novos moradores do povoado. O estudo de Elias e Scotson (2000) foi de grande valia em nossa análise, pois nos permitiu ter um olhar um pouco mais aguçado na investigação sobre Ferrazópolis, olhar esse que nos permitiu ir além de uma simples homogeneização dos moradores do bairro. De acordo com Sarti (2003), algumas distinções entre moradores fazem parte de uma dinâmica existente nas periferias, representadas pela construção de fronteiras simbólicas entre si. As diferentes experiências de moradia no bairro e as que resultam delas, surgem então, como um fator fundamental na construção de tais fronteiras.

“Ainda que existam diferenças materiais entre as casas, o peso da distinção é simbólico: ser favelado corresponde a uma condição social inferior, da qual os que moram no bairro precisam reiteradamente se diferenciar. Justamente porque as distinções entre iguais são sutis, elas precisam ser nitidamente demarcadas através de categorias morais”. (SARTI, 2003:118, grifos da autora).

As demarcações citadas acima aparecem de formas variadas de acordo com a realidade local do bairro de Ferrazópolis. Pode-se notar entre os moradores, que o modo dos grupos se conceberem é diferenciado, parecendo haver uma tentativa de demonstrar superioridade material

no modo como os moradores da parte de baixo do bairro se diferenciam dos que moram nas favelas, no que tange ao fato de os moradores da parte de baixo do bairro perceberem-se como portadores de melhores condições financeiras por morarem em casas legalizadas e pagarem os impostos relativos a seus imóveis, assim como contas de água e luz; e também têm tentativas de demonstrar superioridade moral em suas falas e nos modos de comportamento, além de procurar manter a fachada de sua casa impecável aos olhos dos outros, relacionando qualquer sujeira e bagunça encontrada em casa com a favela e por vezes, relacionando acontecimentos criminais àqueles que vivem nas favelas. Os depoimentos abaixo, ajudam a elucidar um pouco melhor os modos como os grupos se portam, uns em relação aos outros:

Ah! Lá em cima é complicado, de noite eu nem gosto de ir lá por perto, porque é perigoso né? (Maria Dantas, 52 anos, moradora do bairro há 40 anos, loteamentos iniciais. Entrevista de pesquisa, 2011).

Eu vejo muita folga nesse pessoal do morro, porque nem pagam imposto e querem vender os barracos à preços altíssimos! A gente que se ferra pagando imposto pra eles! (Informação verbal ouvida na feira livre do bairro que ocorre nas manhãs de domingo, 2011). Gosto de morar aqui, a parte ruim é que toda hora tem favelado [sobre os moradores do Jardim Regina] passando na porta! (Vanessa, 26 anos, conversa informal em observação no bairro, 2010).

Podemos observar, ainda, que há algumas distinções até mesmo internas em cada um destes grupos, como se observa na fala e no comportamento dos moradores das favelas, em que é recorrente a ênfase na diferenciação do grupo composto pelos trabalhadores, considerados pela maioria como honestos e honrados, e aqueles que se envolveram com o universo da criminalidade – que no bairro estaria concentrado nas favelas - caracterizado, sobretudo, pelo envolvimento com o tráfico de drogas local.

Exemplo dessa diferenciação é o relato de Maria Dantas, mãe de uma das famílias entrevistadas, cujos pais pagavam aluguel da casa em que moravam, na área legalizada do bairro e, por conta disso, chegaram a cogitar, principalmente seu pai, a possibilidade de morar no Jardim Limpão, nos anos de 1980, quando começaram as invasões dos terrenos. Porém, quando sua mãe conheceu o local, foi categórica, dizendo que não moraria naquele lugar de modo algum. Ao ponderar as condições de moradia que teriam ali, sem energia elétrica, sem nenhuma via asfaltada, em casas sobrepostas umas às outras e com esgoto a céu aberto, considerou que “aquilo ali não é lugar de gente.” (Maria Dantas, 52 anos, Entrevista de pesquisa, 2011).

De acordo com Elias e Scotson (2000), sobre a comunidade de *Winston Parva*, na Inglaterra:

“[...] as ‘famílias antigas’ consideravam-se humanamente superiores aos residentes da parte vizinha da comunidade, de formação mais recente [...] tratavam todos os recém-chegados como pessoas que não se inseriam no grupo, como ‘os de fora’”. (ELIAS e SCOTSON, 2000: 20).

Porém, segundo os autores, os moradores de ambos os grupos da comunidade apresentavam características muito próximas, exceto pela data de chegada ao local, fator que levaria os mais antigos a excluírem os novos, e com o passar dos anos, aqueles que chegaram depois passaram a “excluir-se” e tomar para si algumas das características que lhes eram atribuídas. Sarti (2003) também notou que a parcela de moradores que sofria preconceito por conta do local de moradia no bairro de São Miguel Paulista em São Paulo acabava por internalizar os elementos negativos que lhes eram atribuídos. Esse fenômeno pode ser observado de modo limitado em Ferrazópolis, pois, de acordo com o depoimento de alguns moradores da região das favelas, alguns estigmas parecem ter sido internalizados, entre eles, o mais recorrente entre os entrevistados é o estigma de pobres e simples que por sua vez, são entendidos por estes moradores das favelas como características positivas que se somam aos adjetivos com os quais se definem como batalhadores, guerreiros e sofredores. Vejamos os depoimentos abaixo:

Não quero sair daqui, bom ou ruim, é aqui o lugar que eu moro e eu já me acostumei, as pessoas são como eu, gente da gente, muita gente do norte. O povo faz bagunça na rua, briga, mas depois, as família ta todo mundo junto e isso é bom. (Renato Ferreira, 19 anos, entrevista de pesquisa, 2010).

Não tenho vontade de sair do morro [Jardim Limpão], aqui estão os meus amigos e o pessoal é mais simples, lá embaixo só tem playboy. (Edson, 27 anos, conversa informal durante observação no bairro).

Observamos também alguns comentários entre os moradores das favelas a respeito da parte de baixo do bairro, ou seja, a parte tida como mais abastada. Eles afirmam que lá moram os ricos, pois possuem as melhores casas e têm acesso a uma gama de serviços de infraestrutura que as favelas não possuem, como por exemplo, o atendimento do serviço da Empresa de Correios e Telégrafos. No entanto, alguns moradores das favelas que alcançaram melhorias em sua condição financeira, mas pretendem continuar na mesma região, mudam para a parte mais baixa do bairro

em busca do atendimento dos serviços básicos que são prestados pelos órgãos públicos e não atendem aos moradores das favelas

Eu não moro mais na favela [Jardim Regina] desde que eu casei. Minha mãe ainda mora lá, mas é porque eu não tenho condições de comprar uma casa pra ela, porque morar naquele lugar é só pra quem não tem nenhuma condição. Não consigo entender meu tio, que podia ter comprado uma casa aqui e resolveu construir uma casa enorme lá no Regina, não é bom pra ninguém, muito menos pros filhos dele ficarem vendo certas coisas que acontecem lá [referindo-se ao tráfico de drogas nas vielas da favela]. (Ariana, 29 anos, conversa informal durante observação no bairro, 2011).

A minha maior felicidade, quando me mudei da favela pra outro bairro, foi quando o carteiro de roupa amarela tocou meu interfone pra entregar uma carta. Quando isso aconteceu, pensei: agora sim, sou uma cidadã como qualquer outra. (Maria, 26 anos, conversa informal durante observação no bairro, 2010).

Atualmente, com a urbanização parcial de parte das favelas, em alguns casos, as diferenças socioeconômicas entre os moradores são poucas, mas ainda pesa sobre os moradores do Jardim Limpão e morro Cabeça da Vaca, Jardim Regina e parte da Vila São José, onde se encontram os assentamentos precários, o preconceito de morar na favela.

Durante as conversas e entrevistas, nota-se que a relação daqueles que chegaram primeiro ao bairro com os moradores das favelas não chega a ser de exclusão total, porém, a situação de violência nas favelas brasileiras, o problema do tráfico de drogas que afeta o bairro como um todo e o imaginário de que a favela constitui um lugar de crime e violência, está fortemente presente entre os moradores de Ferrazópolis. Morar na favela representa, então, uma condição inferior de vida, uma fronteira de demarcação entre a pobreza e o “pior do que a pobreza”. Há, portanto, distinções simbólicas que permeiam a dinâmica das relações no bairro, mas é preciso salientar que as fronteiras existentes são sutis e, de modo mais geral, os moradores apresentam características mais ou menos comuns, como a origem rural, o trabalho no setor industrial que marcou a vida de muitos moradores desde a fundação do bairro e que, de certo modo, até hoje serve para caracterizá-lo, apesar da redução do número daqueles que estão empregados em indústrias, sobretudo no setor metalúrgico.

É preciso considerar ainda que, de modo geral, apesar das diferenças internas ao bairro, todos os moradores com os quais entramos em contato por conta da pesquisa apresentam-se como trabalhadores e pobres. Nota-se também que os moradores se identificam como trabalhadores e não como operários, o termo operário não apareceu em nenhum momento na fala dos entrevistados. Esta identificação pode ser entendida pelo fato do termo trabalhador ser “um

caleidoscópio de inúmeros arranjos possíveis” (ZALUAR, 1994: 88), pois um mesmo trabalhador pode ter várias ocupações possíveis, podendo trabalhar em uma fábrica ou na construção civil, ser entregador, motorista ou vendedor ambulante e ainda assim ser trabalhador, independente da ocupação que exerce. Além disso, a imagem de trabalhador é carregada de elementos morais positivos, que indicam superioridade e dignidade.

No que diz respeito à auto-identificação como pobres, além de aparecer como uma característica definidora de classe social, comum aos moradores do bairro, concordamos com Zaluar (1994), que demonstra a estreita relação entre trabalho e pobreza. Os dois termos andariam de “mãos dadas” devido à disseminação da ideia que se faz do pobre como aquele que precisa trabalhar para garantir sua sobrevivência.

Sendo assim, podemos afirmar que os moradores de Ferrazópolis, embora identifiquem as diferenças que “dividem” e “hierarquizam” o bairro em diferentes agrupamentos, consideram-se como moradores de um bairro de trabalhadores e pobres, com os problemas de segurança e violência mais acentuados do que bairros de regiões nobres da cidade. Os moradores mais velhos relatam, contudo, que a diferenciação interna ao bairro já foi mais acentuada há cerca de trinta anos, quando as favelas começaram a crescer, pois os moradores da região legalizada (o bairro) tinham medo do que a chegada dos “outros” pudesse significar para suas vidas. Esse medo era representado pela possibilidade de conviver com uma pobreza ainda maior do que a sua, por uma possível desvalorização de suas casas, já pouco valorizadas, pelo medo da violência, atrelada ao crescimento de favelas e, por fim, a carga simbólica negativa que pesa sobre os moradores de regiões como essas, atribuída não apenas internamente ao bairro, mas por muitos outros setores da sociedade, como por exemplo, moradores de outros bairros e meios de comunicação de massa.

1.1.2 Transformações macrossociais na vida do bairro e das famílias

As transformações recentes da indústria automobilística brasileira - que se convencionou chamar de “reestruturação produtiva” - provocaram modificações tanto na organização do mercado de trabalho, quanto na vida privada e familiar dos trabalhadores industriais. Situações vividas intensamente pelos moradores do bairro Ferrazópolis, como por todos os trabalhadores da região do ABC Paulista, uma das regiões mais industrializadas do país.

Grosso modo:

“[...] o processo de reestruturação industrial pelo qual passou a indústria automotiva brasileira desde os anos de 1980, até a última década, não só alterou o processo produtivo propriamente dito, como também o perfil das localidades onde as empresas e os trabalhadores estão instalados”. (RODRIGUES e RAMALHO, 2007: 47).

A reestruturação produtiva teve como um dos seus mais nefastos efeitos a diminuição do número de postos de trabalho, de acordo com Pochmann (2006).

“[...] Ademais do processo de reestruturação das empresas, observa-se a definição de medidas direcionadas à redução de empregos, por meio da adoção de programas de reengenharia, de reorganização do trabalho e da produção, terceirização e subcontratação de mão-de-obra, entre outros”. (POCHMANN, 2006: 71).

Na região do ABC não foi diferente, o nível de desemprego nos anos de 1990 foi drasticamente elevado, problema que afetou diretamente muitas das famílias de trabalhadores no bairro Ferrazópolis. Durante este processo, muitas fábricas deslocaram-se da região do ABC e passaram a instalar-se em cidades onde a mão de obra era mais barata e menos sindicalizada. A taxa de desemprego da população economicamente ativa da região estudada passou de 9,3% para 19,9 % entre os anos de 1990 e 1999. (PINTO, 2006).

Como muitos outros trabalhadores, uma parcela significativa dos moradores de Ferrazópolis perdeu seus empregos ao longo dos anos 1990. Foi um período de forte diminuição dos postos de trabalho e também de aumento das exigências necessárias para fazer parte do grupo que permaneceria empregado, “como maior escolaridade, maior tempo de serviço na mesma empresa e faixa etária mais elevada.” (POCHMANN, 2006: 71). Com destaque para a escolaridade como uma das maiores exigências para manter-se no emprego no período em questão. (PINTO, 2006; POCHMANN, 2006; RODRIGUES e RAMALHO, 2007).

Abaixo é possível observar os dados mais atualizados sobre a média de escolaridade no bairro Ferrazópolis, obtidos no “Sumário de Dados”, ano de 2010, publicado pela Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo e pautados nos resultados do Censo de 2000:

TABELA 3 – Escolaridade em 2000

População Alfabetizada	Número de Pessoas	%
10 anos e mais	31.673	93,6
Anos de Estudo do Chefe	Número Chefes	%
Sem instrução e menos de 1	1.004	8,8
1 a 3	1.787	15,7
4 a 7	4.289	37,7
8 a 19	2.273	20
11 a 14	1.752	15,4
15 e mais	277	2,4
Anos de Estudo do Chefe	Anos	----
Média	5,9	----

(Perfil Socioeconômico do bairro Ferrazópolis. Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo. Secretaria de Orçamento e Planejamento participativo. Departamento de Indicadores Sociais e Econômicos, 2009).

Como é possível observar, a média de grau de instrução por chefe de família no bairro é baixa: 5,9 anos corresponderia ao Ensino Fundamental Incompleto. Como os dados são de 2000, é preciso considerar que desde a coleta dessas informações, eventualmente, a situação pode ter sido alterada em função do maior acesso à escolaridade devido à ampliação do número de escolas e por consequência, do número de vagas em ensino supletivo/ Educação de Jovens e Adultos (EJA). Alguns dos moradores com os quais tivemos contato durante essa pesquisa, por exemplo, chegaram a retomar os estudos, entre eles há tanto os que concluíram o ensino médio e quanto os que desistiram novamente dos estudos. Esta média de escolaridade apresentada pelos moradores de Ferrazópolis, sem dúvida alguma, pode ser considerada insuficiente para que o nível de exigência das empresas do setor automobilístico, sobretudo, a partir de final dos anos 1980 e da década de 1990. Assim, os moradores que não deram continuidade aos estudos tiveram dificuldades cada vez maiores em manter o emprego na indústria automobilística e, aos poucos, até mesmo no setor industrial.

Nesse sentido, se na história do bairro há grande referência à ampliação das instalações das indústrias automobilísticas e ao aumento dos postos de trabalho como impulso para o seu loteamento, é possível classificar os anos 1990 como um momento de mudança na configuração das ocupações dos seus habitantes. Com os altos índices de desemprego no país, em especial na região do ABC Paulista, os moradores do Ferrazópolis foram atingidos de maneira muito significativa. Assim, as próprias características do bairro, desde sua formação majoritariamente

operária, começam a sofrer profundas alterações. Alguns trabalhadores, que melhoraram suas condições socioeconômicas, seja porque continuaram na indústria automobilística ou porque abriram um negócio próprio foram migrando para bairros mais nobres, com mais recursos, menores índices de violência, melhores escolas para seus filhos etc. E muitos dos que ficaram desempregados viram-se obrigados a buscar alternativas de trabalho para garantir o sustento mínimo da família, o que significou muitas vezes buscar trabalho fora do setor industrial, até mesmo no mercado informal.

Entre os moradores que ficaram desempregados, alguns abriram um negócio próprio após a saída da indústria metalúrgica, mas não obtiveram sucesso. Nas duas famílias entrevistadas, por exemplo, como em muitas outras com as quais houve contato durante as observações dessa pesquisa, os trabalhadores que se viam desempregados voltavam para a construção civil, tornavam-se autônomos – submetidos a condições de trabalho precárias e com baixa remuneração - ou migraram para o setor de serviços. Nessas duas famílias, a família Ferreira e a família Dantas, os pais Geraldo e João, foram metalúrgicos, mas após a saída do setor, nos anos de 1990, passaram a trabalhar em empresas prestadoras de serviços de segurança e construção civil. Há ainda relatos sobre trabalhadores migrantes que, sem conseguir emprego, voltaram para sua terra natal.

É possível observar também que a configuração do mercado de trabalho alterou-se em todo o estado de São Paulo, com uma diminuição dos postos no setor industrial ao longo da década de 1990, como já mencionamos anteriormente. Ao observar a distribuição de empregados formais na atualidade, nota-se que a maior parcela se concentra no setor de serviços, mas aponta também, um crescimento do número de postos de trabalho no setor industrial, o que se concentra, sobretudo, em indústrias de pequeno e médio porte. A tabela abaixo apresenta os setores de atividade que mais empregam na Região Metropolitana de São Paulo.

FIGURA 9 – Tabela: Estimativas do número de Ocupados, segundo Setores de Atividade Econômica (Região Metropolitana e São Paulo, 2009 -2010)

Tabela 2
Estimativas do Número de Ocupados, segundo Setores de Atividade Econômica
Região Metropolitana de São Paulo
2009-2010

Setores de Atividade	Estimativas (em mil pessoas)		Variações	
			Absoluta (em mil pessoas)	Relativa (%)
	2009	2010	2010/2009	2010/2009
Total	9.057	9.427	370	4,1
Indústria	1.621	1.735	114	7,0
Comércio	1.422	1.480	58	4,1
Serviços (1)	4.692	4.874	182	3,9
Outros (1) (2)	1.322	1.338	16	1,2

Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.
 (1) Estimativas alteradas. Ver Nota Técnica 11.
 (2) Incluem Construção Civil, Serviços Domésticos, etc..

(Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, 2010).

Esta nova conjuntura na esfera do trabalho industrial, baseada no processo de reestruturação produtiva, alterou inclusive a ação sindical da região, que ao final da década de 1970 ficou nacionalmente conhecida como “Novo Sindicalismo”, que criticava o atrelamento dos sindicatos ao Estado e defendia a negociação direta entre sindicato e patrões e a organização dos trabalhadores em seus locais de trabalho. Em linhas gerais, dos anos 1980 até os dias atuais, poderíamos dizer que o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista sofreu uma inflexão nas suas práticas, indo da confrontação direta entre capital e trabalho para uma tendência à negociação dos conflitos. (SANTANA, 1999; PINTO, 2006).

Por outro lado, nesse mesmo período, podemos observar que o Partido dos Trabalhadores (PT), tornou-se o principal partido político da esquerda no Brasil, chegando a alcançar vários postos eletivos ao longo dos últimos anos, inclusive a Presidência da República, em 2002, 2006 e 2010.

Podemos inferir que o conjunto de acontecimentos citados alterou a organização social e política em que as famílias operárias do ABC Paulista transitavam, por consequência, transformou também suas práticas, atitudes e valores, influenciando diretamente na dinâmica das relações entre as duas gerações das famílias analisadas.

Sendo assim, torna-se possível afirmar que o contexto em que os membros mais jovens das famílias operárias do ABC Paulista cresceram e foram socializados sofreu forte influência das experiências de moradia, trabalho e política, vivenciadas pelos pais – a primeira geração – como pretendemos demonstrar ao longo deste trabalho. Não seria exagerado afirmar também que as tradições sociopolíticas sofreram, nos últimos anos, profundas modificações, como já foi salientado anteriormente. Um dos elementos a ser destacado novamente do conjunto dessas mudanças é o prolongamento do período de escolarização dos trabalhadores brasileiros, em especial dos trabalhadores do ABC Paulista (TOMIZAKI, 2007). Dado que a necessidade de possuir níveis de escolaridade cada vez mais altos é um ponto chave na definição das expectativas e destinos dos jovens do ABC, principalmente depois dos anos 1990, bem como na compreensão das contradições e conflitos vivenciados entre pais e filhos operários no mundo todo, neste estudo, tal questão aparece como elemento importante na definição dos dois grupos geracionais estudados. (RAMALHO e RODRIGUES, 2007; BEAUD, 2003)

Podemos concluir que todas estas mudanças alteraram de forma significativa o perfil do bairro Ferrazópolis e de seus moradores. No caso das famílias entrevistadas, os pais não conseguiram fazer investimentos significativos na escolaridade de seus filhos, embora seja possível notar a preocupação, na maioria das famílias, com a educação escolar como forma de ascensão social e maneira de conseguir melhores posições no mercado de trabalho.

Da eliminação dos pais do setor metalúrgico, das dificuldades na reinserção no mercado de trabalho e das precárias condições financeiras das famílias em função dessa mudança nas condições de ocupação dos chefes de família, resultou um quadro no qual os filhos também tiveram poucas chances de investir adequadamente em sua escolarização e qualificação profissional, tendo, como seus pais, poucas chances de inserção no mercado de trabalho industrial, sobretudo no setor automobilístico.

“[...] As novas qualificações profissionais e educacionais na indústria automotiva têm levado, por sua vez, à substituição de antigos funcionários por uma geração de trabalhadores mais jovens e escolarizados advindas de centros de formação como o SENAI”. (PINTO, 2006: 86 Apud ROSANDISK, 1996).

Tudo isso contribuiu para a realidade observada hoje entre famílias entrevistadas: a baixa escolaridade dos filhos em relação ao que se exige para a entrada nas grandes montadoras ou até

mesmo nas indústrias de pequeno e médio porte do ABC Paulista (no mínimo ter feito o curso de aprendizagem industrial do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – o SENAI). Nenhum dos jovens das duas famílias entrevistadas teve acesso ao ensino profissionalizante do SENAI, pois todos estudaram em escolas públicas estaduais do bairro, e o ensino oferecido não foi suficiente para que fossem aprovados nos exames de seleção para realização dos cursos gratuitos desta instituição - um “Vestibulinho”, espécie de vestibular que exige conhecimentos de ensino fundamental para a entrada em Escolas Profissionalizantes e Técnicas que atualmente oferecem também, Ensino Médio. A maioria dos jovens entrevistados tem apenas o Ensino Médio completo, alguns realizaram, com auxílio da família, investimentos em cursos profissionalizantes em escolas particulares com diplomas menos reconhecidos ou realizaram cursos gratuitos de inserção no mercado de trabalho voltados para a população de baixa renda, por não terem conseguido acesso a escolas técnicas e profissionalizantes renomadas com ensino gratuito. Mas, mesmo assim, é preciso ressaltar que, em comparação ao primeiro grupo geracional desta análise, os jovens que possuem Ensino Médio completo e certificados de cursos técnicos e profissionalizantes, realizaram um salto em relação à escolaridade de seus pais, sendo este um dos critérios que define ascensão social para os entrevistados. (SARTI, 2003).

Quando se observa diretamente a participação política, é possível afirmar que o envolvimento com questões relacionadas à militância no Sindicato e no Partido dos Trabalhadores teve papel significativo na trajetória da primeira geração e, de um modo ou de outro, influenciou a maneira como se realizaram os processos de socialização no interior das famílias, até mesmo no que se refere à recusa de alguns membros na participação e envolvimento com e tais questões. Na família Ferreira, o pai direcionava grande parte de sua atenção e seu tempo, à participação política. Mesmo em casa, com a esposa e os filhos pequenos, procurava fazer com que seus familiares estivessem a par de suas atividades de militância no Sindicato e no Partido dos Trabalhadores, também procurou convencer sua esposa da importância dessas atividades para o futuro de muitas pessoas, mesmo que isso custasse a possibilidade de terem uma vida financeiramente mais confortável e, sua esposa, embora não concordasse em todos os pontos, tendeu sempre a apoiar o marido e procurava manter a casa e os filhos, explicando o que seu esposo fazia, dentro dos limites do que ela própria podia entender: a participação no sindicato para melhoria das condições de trabalho e no partido para levar melhorias à muitos outros trabalhadores, conforme evidenciou durante a pesquisa de campo realizada junto à sua família.

Já a família Ferreira, o pai, principal membro envolvido com atividades políticas, dedicava quase exclusivamente seu tempo a estas atividades enquanto trabalhava em indústria metalúrgica, mas não procurava dividir tudo com sua família, além disso, sua esposa não era a favor de seu envolvimento com política. De modo bastante limitado, procurava explicar para os filhos que as atividades políticas as quais se dedicava eram importantes para muitos trabalhadores e para melhorar as condições financeiras de sua família, e, poucas vezes, levou os filhos mais novos, ainda muito crianças, a assembleias e eventos no sindicato.

Acreditamos que mesmo, em comportamentos diferenciados, o envolvimento com política influenciou nos modos de socialização dos filhos e, conseqüentemente, de percepção que a segunda geração tem sobre o assunto, pois a política teve e ainda tem, no caso da família Dantas, papel fundamental na trajetória de seus pais e, reflete de algum modo, juntamente com outros fatores, como a escolaridade, a profissão e o grupo de pares a relação destes jovens com a política, seja por aproximação, conhecimento, desinteresse ou até mesmo aversão ao assunto.

É possível dizer ainda, que as mulheres, mães dessas famílias tiveram papel importante no que tange ao tipo de relação que seus filhos têm com a política, principalmente por terem manifestado apoio ou se colocado contrárias a militância de seus maridos.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que os processos de socialização realizados no interior dessas famílias, apresentam algumas prioridades no que tange a elementos a serem transmitidos aos filhos. Podemos observar que se sobressaiu a importância do trabalho, uma socialização para o trabalho, que visava demonstrar a importância deste na vida do pobre, visando que seus filhos se tornassem *bons trabalhadores*.

Moradores mais antigos, como João e Maria Dantas, Sr. Raimundo, Geraldo Ferreira, Sr. Odilon, atual presidente da Associação de bairro no Jardim Limpão, afirmam que o envolvimento dos moradores em movimentos de bairro e associações políticas como sindicatos e amigos de bairro existe desde o início do loteamento. É válido ressaltar aqui, que, na maioria das vezes, o termo militância não aparece em suas falas, dando lugar para o termo participação. De acordo com os moradores, tudo o que foi conseguido de melhoria nas condições de moradia e infraestrutura na região é fruto dessa participação, juntamente com o auxílio de algumas lideranças de partidos políticos, como é o caso da atual deputada estadual Ana do Carmo, do Partido dos Trabalhadores, bem como com o apoio de militâncias religiosas, caso do Diácono da paróquia Nossa Senhora de Fátima, localizada no bairro há mais de trinta anos.

A partir destas mudanças apresentadas acima, identificamos e analisamos, por meio das observações realizadas, de diálogos e dos relatos obtidos nas entrevistas das famílias e demais membros do bairro, alguns aspectos da experiência dos moradores do bairro, desde sua chegada, até os dias de hoje.

1.1.3 Viver em Ferrazópolis, ontem e hoje

Como já descrito, o bairro foi loteado no ano de 1972 durante o *boom* imobiliário pelo qual passava a região do ABC Paulista, com a chegada de um número cada vez maior de migrantes para trabalhar nas indústrias automobilísticas da “capital do automóvel”. Tal loteamento deu-se sem infraestrutura necessária para receber famílias e para construção de casas. Os que ali compravam um terreno não tinham condições de comprar em outro lugar com melhores condições de moradia. É possível afirmar que os moradores de Ferrazópolis passaram pelas mesmas privações com intenção de possuir moradia própria sem ter de pagar aluguel, mas que precisavam morar perto do trabalho ou em um local de fácil acesso a ele e construir um lar, mesmo que em péssimas condições, para suas famílias.

Segundo relatos dos moradores mais antigos, na chegada ao bairro, todos passaram por um “baque”, principalmente no caso das mulheres, que acreditavam estar migrando (mesmo com a incerteza do que as esperava) para uma vida melhor e, na chegada, deparavam-se com um local de moradia, sem água encanada, sem esgoto, sem asfalto e sem energia elétrica. Praticamente, todas as casas instaladas nos terrenos que eram comprados, eram barracos de madeira, pois não havia dinheiro para a construção de uma casa de alvenaria ao mesmo tempo em que se pagava pelo terreno, quase sempre comprado por meio de financiamentos longos.

Quando caracterizamos o bairro Ferrazópolis como tradicionalmente operário, como o fizemos desde o início do presente capítulo, apontamos para uma das principais características a data de sua fundação. No início da história do bairro havia essa característica fortemente acentuada, um enorme contingente de moradores estabelecia-se ali para trabalhar na *Volkswagen* e na *Brastemp*, localizadas nos arredores do bairro, assim como o era a Via Anchieta, local privilegiado para o estabelecimento das grandes indústrias por conta da boa localização e o fácil escoamento da produção. Muitos desses primeiros moradores eram metalúrgicos. Não há número

exato deles em fonte de dados oficial, porém, os relatos dos residentes com os quais houve contato durante essa pesquisa, ao lembrarem suas trajetórias, afirmam que trabalham ou já trabalharam neste setor produtivo. Até mesmo o pároco da Igreja Católica do bairro, que não é um sacerdote celibatário, é um diácono⁷, era metalúrgico e ocupava um cargo de chefia na empresa *TRW Automotive*.

Cabe salientar aqui que foram realizadas entrevistas não apenas com as duas famílias selecionadas e citadas até agora. Para análise e realização dessa pesquisa, houve conversas com diversos moradores antigos do bairro, bem como com figuras reconhecidas por eles como importantes, como o Diácono da paróquia do bairro e os donos de lojas de materiais de construção ali estabelecidas há mais tempo. Essas pessoas assistiram ao desenvolvimento do bairro e muitas vezes foram atores importantes de seu crescimento, financiando, facilitando e, muitas vezes, doando material para a construção de barracos ao longo dos morros, onde hoje existem as favelas totalmente ou parcialmente urbanizadas.

Vale ressaltar, por exemplo, a importância que alguns donos de lojas de material de construção tem para o bairro, a partir do exemplo do Sr. Raimundo, dono de uma dessas lojas no Jardim Limpão desde 1992, período em que a parte de baixo do Ferrazópolis já contava com certa infraestrutura, com maior parte das casas construídas em alvenaria, com acesso a água, esgoto, energia elétrica legalizada e grande parte das ruas asfaltadas, o que vinha acompanhado de um aumento significativo dos preços de imóveis, especialmente porque existiam poucos terrenos disponíveis nesta parte do bairro, fato que levou a expansão das favelas em outras regiões do bairro.

Ainda sobre as experiências concretas vivenciadas pelos moradores observa-se, na fala de grande parte deles, que o problema da violência e o tráfico de drogas são recorrentes. Não foi possível realizar uma análise pautada nos dados de criminalidade em Ferrazópolis, porque não há registros dos índices de violência por bairro em documentos do governo municipal. Localizamos, porém, nas estatísticas atuais da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo (SSP/SP), dados por município e tipos de delitos registrados, o que nos permitiu uma comparação

⁷ Na hierarquia da Igreja Católica, o sacerdote, antes de tornar-se padre recebe a nomeação de diácono, e pode decidir se quer prosseguir no celibato e tornar-se padre, ou se continua como diácono, não necessariamente celibatário, podendo constituir família e trabalhar, em paralelo a realização das atividades na Igreja, praticamente as mesmas atividades de um padre. O diácono faz parte do Ministério Sacerdotal da Igreja Católica e realiza celebrações (da palavra e não da Eucaristia), atribui sacramentos, como do batismo e do matrimônio, mas está impedido de conceder os sacramentos da confissão e a consagração da Eucaristia, incumbências somente dos padres. (CHIPARI, 2010, informação verbal).

geral entre os municípios do ABC Paulista e a cidade de São Paulo e, a partir disso, chegamos a conclusão de que os índices são muito próximos entre o ABC e a capital, como podemos observar na tabela abaixo.

Tabela 4: Taxa de Delito por 100 mil habitantes no município⁸, segundo trimestre de 2011.

Município	Homicídio Doloso	Furto	Roubo	Furto e Roubo de Veículos
São Paulo	8,95	1.739,84	963,82	731,96
Santo André	9,68	1.314,14	970,05	861,17
São B. Campo	11,10	942,61	800,31	774,23
São C. do Sul	1,99	1.273,69	897,96	1.105,03
Diadema	8,97	707,04	1.076,18	799,77
Mauá	11,09	738,94	521,71	479,97
Ribeirão Pires	8,75	654,24	282,51	398,84

(Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, 2011).

O problema da violência e do tráfico de drogas faz parte do cotidiano dos moradores e tem ligação direta na dinâmica de relações no bairro, como observado durante as entrevistas. Porém, tal problema reflete de maneira direta nos modos como os pais educam os seus filhos em todas as famílias entrevistadas, tentando criar estratégias para afastá-los da criminalidade.

Estudos mostram que o problema da violência em bairros populares e em periferias é bastante complexo (SARTI, 2003; ZALUAR, 1994). Em Ferrazópolis, a grande maioria dos habitantes, trabalhadores, convivem diariamente com essa realidade, principalmente aqueles que moram nas favelas. De acordo com Zaluvar (1994), neste contexto, o crime representa uma ruptura com o trabalho e é entendido pelos trabalhadores como uma busca pelo dinheiro fácil e o gosto pelo ócio, portanto, além de perigoso, é moralmente reprovável.

Em relatos dos moradores, foi possível observar que muitos deles atrelam o envolvimento no crime com a pobreza, a falta de moral, desestruturação familiar e a não disposição para o trabalho. Observa-se, abaixo, em algumas falas dos moradores a respeito da relação entre trabalho e criminalidade:

Tem que trabalhar porque se não trabalhar, vai ficar na rua e vai fazer o que não presta.
(Geraldo, 52 anos, entrevista de pesquisa, 2010).

Eu criei os meus filhos pra manter a mente ocupada, primeiro procurei de tudo pra eles poder estudar, os que não foram pra frente, tem que trabalhar e ajudar a família,

⁸ Não constam dados de Rio Grande da Serra, pertencente a região do ABC Paulista, pois segundo a SSSP/SP, há uma grande variabilidade nas taxas, o que é comum quando se trabalha com índice pequeno de eventos.

fazer as coisas, sem explorar, fazer nem que seja o serviço de casa, a cabeça vazia é oficina do diabo! (Lúcia, 52 anos, entrevista de pesquisa, 2010).

Ah, lá em cima têm muito aquele pessoal muito pobre, que não conseguiu emprego e foi pro mundo do crime, da droga, isso é uma tristeza! (Maria, 54 anos, entrevista de pesquisa, 2011).

Nota-se ainda que, de um modo ou de outro, independente do julgamento que se faz do envolvimento com o crime, o que apareceu nas falas como gosto pela desocupação também significa uma possibilidade gerada em decorrência das dificuldades de conseguir um emprego. O trabalho apareceu, nos relatos analisados, como solução para que não houvesse envolvimento com o universo do crime.

Segundo Zaluar (1994), essa visão positiva do trabalho não é partilhada por todos. Há aqueles que enxergam no trabalho um meio de exploração e submissão ao autoritarismo com o qual não estão dispostos a submeter-se e, por isso, buscam ganhar o dinheiro considerado “fácil”, por meio da entrada, observada como “lucrativa”, no mercado do tráfico de drogas, principalmente entre os jovens (ZALUAR, 1994). Embora não possamos afirmar qual o entendimento de Valter Ferreira [integrante da família Ferreira que está preso] sobre o trabalho e o mercado do tráfico de drogas, pelo fato de não termos conseguido entrevistá-lo, é válido citar o envolvimento deste com a criminalidade e o tráfico, e a sua prisão, mesmo tendo sido socializado em uma família que se define como trabalhadores e orgulha-se de não ter recorrido a meios diferentes do trabalho para ganhar dinheiro. A família não aceita esta situação, evitando ao máximo falar sobre o filho mais velho durante as entrevistas.

Na tentativa de solucionar problemas relacionados ao envolvimento com o crime de jovens pobres, discute-se muito sobre a importância de espaços de cultura e lazer e centros de formação profissional e escolar em bairros de periferia. Os moradores de Ferrazópolis têm algumas opções de lazer nas imediações, porém, é bastante comum, em finais de semana, que os numerosos bares que funcionam no bairro estejam lotados e em alguns deles funcionam também pontos de tráfico de drogas, ou como chamam os moradores, “as bocas”.

Na tabela a seguir é possível observar a quantidade de opções de cultura, lazer e esporte disponíveis por bairro na cidade de São Bernardo do Campo.

FIGURA 10 – Tabela: Praças de São Bernardo do Campo (2006)

BAIRROS	TOTAL DE PRAÇAS	COM JARDIM	COM OPÇÕES DE LAZER	COM QUADRA POLIESPORTIVA	OUTRAS	NÃO EXECUTADA
Centro	86	45	27	9	3	2
Rudge Ramos	45	10	23	10	2	-
Assunção	42	13	16	11	-	2
Baeta Neves	37	6	19	10	2	-
Independência	25	1	4	11	-	9
Taboão	24	3	10	10	1	-
Planalto	23	6	7	9	1	-
Demarchi	22	8	4	7	3	-
Anchieta	21	7	8	4	2	-
Jordanópolis	18	4	6	8	-	-
Paulicéia	18	3	5	8	2	-
Santa Terezinha	18	5	7	5	-	1
Dos Casa	17	6	5	6	-	-
Rio Grande	15	1	14	-	-	-
Ferrazópolis	14	2	6	4	1	1
Alves Dias	13	4	5	3	1	-
Nova Petrópolis	10	4	3	2	-	1
Batistini	6	3	-	1	1	1
Botujuru	6	3	2	1	-	-
Dos Alvarenga	4	-	-	1	-	3
Dos Finco	2	-	-	2	-	-
Balneária	1	-	-	1	-	-
Montanhão	1	-	-	1	-	-
Santa Cruz	1	-	-	1	-	-
Cooperativa	-	-	-	-	-	-
Total	469	134	171	125	19	20

(Secretaria Municipal de Planejamento de São Bernardo do Campo).

Em Ferrazópolis, funcionam também algumas *lan houses*⁹, nas quais há a possibilidade de acesso à internet, pois muitas famílias não possuem computador em casa, ou se têm, em alguns casos, não possuem acesso à web. No início da pesquisa notou-se que nas duas famílias entrevistadas, a família Dantas e a família Ferreira, não possuíam acesso a internet. Os Dantas não possuíam nem mesmo computador com instrumentos necessários para acesso a internet e os Ferreira até possuíam computador, mas não possuíam linha telefônica fixa para possibilitar o

⁹ Não há registro número exato de *lan houses* no bairro porque a maior parte delas não funciona de forma legalizada. A partir de observações da pesquisadora, podemos constatar que muitas delas são instalações improvisadas em garagens ou cômodos das casas dos seus donos, administradas por seus filhos, que têm um maior conhecimento de informática.

acesso. Porém, ao longo do período de observação ambas as famílias passaram a ter acesso a internet em suas casas, o que ocorreu a partir do ano de 2011.

Há ainda dois grandes campos de futebol na região: o Estádio Ângelo Carmelli, conhecido como Palmeirinhas no Jardim Regina e o campo do Jardim Leblon, situado na parte mais baixa do bairro, próximo a Rua Nossa Senhora da Boa Viagem, já citada anteriormente. Vale citar que as mães entrevistadas não costumam autorizar seus filhos a jogar futebol desacompanhados dos pais, sobretudo, no campo do Palmeirinhas, que é institucionalmente um órgão público de lazer, mas, na realidade, é fortemente dominado pelo tráfico de drogas local, como afirmam os moradores.

Na Vila São José existe um ginásio poliesportivo que faz parte do “Centro de Convivência Mariana Benvinda”. Nesse ginásio são realizadas atividades físicas gratuitas ao longo da semana, principalmente na parte da manhã e tarde, como ginástica e esportes coletivos, como o futebol de salão.

Já com relação às atividades culturais, há uma modesta biblioteca pública que opera no Centro Cultural Ferrazópolis, no qual há também algumas atividades artísticas, como aulas de teatro, tratamento de fotografia digital e artesanato. Recentemente, o espaço de uma das escolas públicas, nas imediações do bairro, a Escola Estadual Professor Carlos Pezzolo é utilizado periodicamente como “cineclube” para a exibição de filmes fora de cartaz, em períodos de ações temáticas de cinema da Prefeitura Municipal.

Atualmente, no Centro de Referência a Assistência Social (CRAS) da região, são oferecidos alguns cursos profissionalizantes para homens e mulheres, como os de pedreiro, manicure, bordado, corte e costura e eventualmente cursos de eletricitista¹⁰. (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, 2010).

A boa localização do bairro em relação ao centro da cidade possibilita aos jovens sair e divertir-se. Além disso, a Prefeitura de São Bernardo do Campo possui um programa de atividades voltadas para jovens com idade entre 14 e 29 anos, o Juventude Cidadã. Nesse programa são oferecidos mais de 65 modalidades de cursos, que vão desde aulas de violão, teatro, dança e desenho, a cursos de desenho de moda, *DJ* e artes circenses. Muitos jovens do bairro, observados durante essa pesquisa, fizeram ou fazem vários cursos do Juventude Cidadã, que

¹⁰ Essas informações foram obtidas durante a observação no bairro e confirmadas junto à Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, ano de 2010.

funciona ao lado do Paço Municipal da cidade, no espaço da Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania (SEDESC). Grande parte desses jovens de Ferrazópolis vai a pé até o local, o que leva em torno de cinquenta minutos caminhando, outros vão a pé apenas quando não têm o dinheiro da passagem, alguns, por não terem como pagar pelo transporte, vão a pé sempre. Vale acrescentar que há aqueles que preferem ir a pé quando estão em grupo e os que preferem economizar o dinheiro da passagem para comer alguma coisa, porque muitos fazem dois ou três cursos no mesmo dia. Neste mesmo espaço, funcionam algumas modalidades de curso profissionalizantes, como atendente de telemarketing e auxiliar administrativo, mas nessa pesquisa não foram encontrados jovens que fazem esses cursos. Quatro deles realizaram outros cursos¹¹ profissionalizantes que os encaminham para o trabalho em órgãos da prefeitura, pelo programa municipal de inclusão de jovens carentes no mercado de trabalho, o Programa de Educação do Adolescente para o Trabalho (PEAT).

De maio a junho, as cinco igrejas católicas do bairro, realizam quermesses, mas estas costumam terminar cedo porque é comum a ocorrência de conflitos e brigas durante as festas, assim como há a presença de traficantes que utilizam as comemorações para vender drogas – essas situações foram presenciadas durante as observações exploratórias realizadas no bairro na etapa de delimitação do projeto de pesquisa. Todos os jovens entrevistados frequentam as quermesses do bairro e dizem que têm o hábito de dar ao menos uma “passadinha” na festa.

Ao longo desse capítulo, apresentamos a formação do bairro de Ferrazópolis e também alguns aspectos do cotidiano dos moradores, tendo em vista delinear as condições objetivas nas quais se desenvolveram as relações entre as duas gerações familiares que serão analisadas nessa pesquisa.

No próximo capítulo, trabalharemos as experiências de vida das duas gerações, abordando a geração composta pelos pais das duas famílias entrevistadas, por meio da análise de suas trajetórias de vida, permeadas por elementos como a sua origem rural, a chegada ao bairro, o trabalho na indústria, a militância política e a socialização de seus filhos e, em seguida, no terceiro capítulo, serão abordados os filhos e sua constituição como grupo geracional, a partir de experiências comuns vivenciadas por esse grupo.

¹¹ O PEAT ministra cursos de preparação para o mercado de trabalho: disciplina e comportamento, administração básica, operação em telemarketing, preparação para vendas e atendimento ao público, durante um semestre. Todos os cursistas realizam todos os cursos, que são divididos em módulos e o próprio programa é responsável pela inserção de todos os concluintes em órgãos de responsabilidade da prefeitura, como a própria administração municipal, postos de saúde, secretaria de escolas etc.

CAPÍTULO 2 Histórias de vida da primeira geração

Neste trabalho o termo gerações é pensado a partir de duas grandes dimensões do fenômeno geracional: (i) os laços de parentesco, abordando as relações familiares e (ii) o enquadramento social do grupo geracional, sobretudo, em termos de acesso à escolarização e ao mercado de trabalho.

De acordo com Tomizaki (2010), gerações e socialização são dois fenômenos que se interligam, pois o processo de socialização tem grande responsabilidade pela transmissão de elementos, valores, normas e comportamentos entre uma geração e outra, ainda que esse processo ocorra de modos variados. A literatura especializada aponta para o uso do termo geração e o define como polissêmico e, até mesmo, de difícil teorização.

“Se a definição de gerações esteve na preocupação dos estudiosos desde os primórdios da sociologia, por outro lado sua utilização foi sempre teoricamente instável, porque polissêmica e, mesmo quando alcançado um grau de estruturação teórica alta, com Mannheim, também acompanhou a instabilidade inicial da aceitação teórica desse autor em alguns meios acadêmicos. Hoje a polissemia se mantém, mas também uma escassa atenção (ou percepção) às posições sociais geracionais e à dinâmica das relações entre as gerações”. (MOTTA, 2010: 225).

Neste estudo, a análise é realizada com duas gerações familiares: pais e filhos de duas famílias no bairro Ferrazópolis, em São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo. Procuramos analisar as experiências de vida das duas gerações, de modo que fosse possível entender a constituição de cada grupo enquanto geração. Neste capítulo, nos propusemos a trabalhar com aquela que classificamos como a primeira geração, composta pelos pais de ambas as famílias analisadas, Geraldo e Lúcia Ferreira e João e Maria Dantas.

Entendemos que o estudo minucioso da trajetória desses indivíduos, por meio da análise dos relatos de suas histórias de vida, das experiências pelas quais passaram e dos modos como foram socializados e ressocializados proporciona maior entendimento da maneira como socializaram seus filhos.

As trajetórias dos pais das famílias Ferreira e Dantas serão apresentadas de modo que possamos enxergar as experiências que, junto com tantos outros moradores de Ferrazópolis, os

caracterizam com um grupo geracional para além dos laços de parentesco e da contemporaneidade de idades. (MANNHEIM, 1990 e MANNHEIM, 1993).

Assim como grande parte das famílias moradoras de regiões industrializadas no Brasil, as duas famílias entrevistadas são de origem rural. (SADER, 1988; FONTES, 2008; ALMEIDA, 2008). Na família Dantas, o pai nasceu em Minas Gerais e a mãe no interior de São Paulo, já na família Ferreira, os pais são migrantes do sertão da Paraíba, região nordeste do Brasil, e vieram para São Paulo buscar melhores condições de trabalho e vida.

Desde meados dos anos de 1950, tem início no Brasil, de maneira mais significativa, um dos fenômenos mais importantes na reconfiguração da sociedade brasileira: a população do país, até então, majoritariamente rural, começa a migrar em busca de trabalho e melhores condições de vida para áreas urbanas, onde começa a aumentar o número de indústrias. A migração era maior para as áreas de forte concentração industrial. Nas cidades da região do ABC Paulista, a população mais do que triplica em 30 anos. A contratação de mão de obra não qualificada na indústria era alta e muitos homens, trabalhadores rurais, viam nesse fato uma oportunidade de ascensão social. (ALMEIDA, 2008; TOMIZAKI, 2008).

O processo de migração para o bairro Ferrazópolis, na grande maioria dos casos, deu-se mediante contato por uma espécie de rede de relacionamentos, pois todos os moradores migrantes com os quais conversamos durante essa pesquisa tinham contato com algum conhecido já estabelecido na região. Em concordância com Fontes (2008), entendemos as redes de solidariedade e a comunicação entre os migrantes e os que estavam prestes a sair de sua terra de origem como fatores que auxiliam no entendimento das grandes concentrações de moradores de mesmas regiões do país no bairro, que conta com grande número de paraibanos, principalmente da região dos municípios de Souza; também com muitos cearenses, provenientes da região de Várzea Alegre; e muitos mineiros, sobretudo, do norte de Minas Gerais¹². Tivemos também a oportunidade de entrar em contato com migrantes que chegaram ao bairro recentemente. Todos eles vieram com auxílio de parentes já estabelecidos e contaram com seu apoio até estabelecerem-se no novo endereço, na nova realidade.

¹² Dados obtidos através de observação no bairro, como conversas com moradores, representantes religiosos e das associações de bairros e também por meio das entrevistas realizadas para a pesquisa. Vale salientar que a pesquisadora morou em Ferrazópolis pelo período de treze anos, dos nove aos vinte dois anos, o que representa um conhecimento significativo da dinâmica e da rotina do bairro.

Ao longo deste capítulo, procuramos trabalhar de forma mais detalhada a trajetória da primeira geração, composta pelos pais e mães das famílias analisadas.

2.1 João e Maria Dantas

Os Dantas fazem parte do grupo que constitui os primeiros a chegarem ao bairro Ferrazópolis, no início dos anos 1970, quando o bairro começou a ser loteado. Moradores do bairro há mais de 40 anos, essa família possibilitou a ampliação do conhecimento sobre o bairro. Procuramos apresentar uma genealogia da família, desde a chegada ao bairro, começando, portanto, com os pais, João e Maria.

Nasci em Minas, o nome já diz, João né? Nasci em Minas, Salinas e nem me lembro como era a cidade lá, eu era moleque de colo ainda né, quando fui pro Paraná. Fomos para o Paraná, aí ficamos trabalhando, meu pai ficou trabalhando, assim, fazendeiro, sitiante né? Trabalhava e assim, aí depois nós mudava de uma fazenda pra outra, sempre explorados pelos coronéis, na época do coronelismo ainda. Eu era pequenininho ainda [...]. (João, entrevista de pesquisa, 2010).

João provém de uma família do norte do estado de Minas Gerais, do município de Salinas, e realizou a primeira migração ainda criança, aos sete anos de idade, em direção ao interior do Estado do Paraná. Esse depoente é oriundo do campo, sua família foi por muito tempo dependente do trabalho em terras alheias em troca de moradia e do plantio para subsistência. De acordo com João, toda a família migrou quando ele era criança, em busca de melhores condições de trabalho, pois ouviram falar que as fazendas de café do Paraná eram um pouco melhores de trabalhar do que as em sua cidade natal. Segundo ele, sua família era “sitiante” e trabalhava por temporada nas terras de grandes fazendeiros, denominados por ele como “coronéis”.

Com o tempo, os familiares de João, que trabalhavam como meeiros ou “por empreitada”, conseguiram comprar um sítio para morar e trabalhar por conta própria e para plantar além de café, milho, arroz e feijão. A plantação era em parte consumida pela família e também vendida para a obtenção de rendimentos.

João relata que as condições de vida ficaram um pouco melhores após a compra do sítio, mas que não conseguia ter muita perspectiva de melhorias para além do trabalho rural, o que,

segundo ele, o motivava a querer morar em outro lugar, com melhores condições e oportunidades.

No depoimento de João não foi possível apreender muito de sua vida no campo, ele afirma não ter muitas recordações desse período, falava apenas da vida difícil, do trabalho pesado desde a infância, da pobreza e das dificuldades que sua família passou na dependência dos fazendeiros para quem trabalhavam (estes, sempre denominados como coronéis, o que em sua concepção, quer dizer pessoas cruéis, muito ricas e que se sentiam acima da lei, tendo, muitas vezes, prejudicado seus pais).

Citando pontos em comum entre os entrevistados, seria possível apresentar entre os pais, que formam a primeira geração, a experiência do trabalho infantil. Durante as entrevistas e as observações, João não teve recordações de momentos de brincadeira e descontração na infância, ele começou a auxiliar os pais no trabalho na roça aos sete anos de idade e relembra emocionado das dificuldades que passaram em sua infância.

Comecei a trabalhar com sete anos, sete anos eu ia colher café mais meu pai e a gente ia pros outros. Meu pai ia pra roça e nós levantava quatro horas da manhã (relembra emocionado) e aí saía pra ir colher café, pros outros, por empreitada. Aí meu pai pegava as ponteira do café e eu mais meu irmão fazia a parte baixa do café. Aí nós saía assim, na época da colheita do café, maio, junho, junho, mês de junho, julho e tinha dia que assim, tinha geada e a gente não tinha um sapato pra calçar (chora ao contar) era pé no chão. Eu comprei um sapato pra mim calçar, eu tinha 17 anos. (João, entrevista de pesquisa, 2010).

O que João sempre relata são as dificuldades vivenciadas por sua família no passado, enfatizando que suas vidas eram complicadas porque mudavam muito de um sítio para o outro e também que não eram muito religiosos e não frequentavam missas e festas de santo regularmente.

Com relação à escolaridade, quando criança, João frequentava escolas esporadicamente por conta da migração constante da família e, no ensino regular, constantemente interrompido, cursou apenas até a quarta série, atualmente, o equivalente ao Ensino Fundamental I. Completou o Ensino Fundamental em Educação de Jovens e Adultos (EJA) muitos anos depois, já em Ferrazópolis, e com família constituída. Essa escolaridade incompleta e irregular deu-se do mesmo modo para todos os seus irmãos e seus pais eram semianalfabetos.

2.1.2 Chegada em Ferrazópolis.

Aí, quando eu tinha uns 18 anos eu vim pra cá, pra São Bernardo, especificamente pro Ferrazópolis, eu vim direto pra cá. Não nesta casa que moro hoje, mas do lado aqui, no número 74. Tinha um amigo, que tinha um irmão que morava aqui e a gente [ele e dois irmãos] veio mais ele, a gente se instalou na casa dele, nós chegamos em 71. (João, entrevista de pesquisa, 2010).

Assim como na maioria dos casos de migração para o bairro, João e seus dois irmãos realizaram contatos com conhecidos já estabelecidos no destino pretendido por eles antes da partida. No ano de 1971, o loteamento do bairro ainda não tinha sido oficializado, porém, já existiam algumas moradias erguendo-se no local, como era o caso dos amigos de João. No ano de 1972, com a expansão e oficialização do loteamento dos primeiros terrenos, João adquiriu um lote e construiu um pequeno barraco de madeira para morar e poder sair da casa dos amigos. Os irmãos seguiram o mesmo exemplo e foram morar em suas próprias casas em outras ruas da parte baixa do bairro, região onde se iniciaram os loteamentos.

Dois anos depois de chegar ao bairro, em 1973, João conheceu Maria, uma vizinha que se mudara para a mesma rua onde ficava sua casa. Ela migrou junto com sua numerosa família, seus pais e seus sete irmãos, entre estes seis mulheres.

Maria também é de origem rural, nasceu no interior do estado de São Paulo, na cidade de Marabá Paulista, porém, sua família era dona das terras em que viviam e plantavam. Em seu depoimento, diferentemente de João, Maria diz que sua vida no campo, ou melhor, na “roça”, como ela denomina, era simples, mas feliz. Relembra a casa espaçosa, as plantações, afirma que era um ambiente solidário e alegre, sente saudades das festas juninas e de muitos momentos de brincadeiras com suas irmãs. Outro fator importante apontado por Maria foi ter aprendido a ser uma “boa dona de casa com a sua mãe”, já que era a filha mais velha e ajudava em todos os afazeres domésticos, inclusive na criação das irmãs mais novas enquanto sua mãe ia trabalhar na roça. Quando ela mesma não precisava ir ajudar na roça, preparava e levava o almoço para a família. Desde os sete anos de idade, Maria, por vezes, acompanhava o trabalho dos pais, a “lida na roça”.

A socialização exercida na família de Maria, majoritariamente feminina, privilegiava uma educação de mulheres para serem “boas donas de casa e boas esposas”, porém, além disso, seu pai almejava que um dia suas filhas fossem cultas, “estudadas”. O que se apresenta como uma

contradição. Desde cedo, as filhas deveriam aprender os afazeres domésticos e com auxílio das filhas nas tarefas de casa, a mãe poderia passar mais tempo no trabalho na roça e ampliar os rendimentos familiares. Maria conta que gostava de ajudar a mãe e ficava feliz quando ela elogiava seu trabalho. Ela nos relata ainda, que a educação de seu único irmão foi diferente. Ele tinha uma série de privilégios e não necessitava, de maneira alguma, ajudar as irmãs em trabalhos domésticos; sua obrigação era acompanhar os pais no trabalho na roça.

Sobre a migração de sua família, Maria lembra apenas que aos 15 anos de idade, em 1972, seu pai decidiu vender a casa em que moravam no campo para migrar para São Bernardo do Campo, alegando ser preciso para que suas filhas pudessem estudar, o irmão de Maria não queria estudar e o pai não fazia questão do estudo para seu filho, importava-se mais com que ele trabalhasse e, este filho, já estava em São Paulo quando todo o restante da família migrou, ele trabalhava como ajudante de pedreiro e morava no alojamento oferecido pela construtora.

Uma tia de Maria já estava instalada em São Bernardo do Campo, no bairro Jardim Represa e a sua família inicialmente contou com o apoio dessa tia, inclusive o irmão, que migrara antes. A família de Maria hospedou-se por cerca de três meses com a tia, até saberem do início do loteamento do bairro Ferrazópolis. Seu pai almejava comprar um terreno e construir uma casa, mas não teve condições. Porém, como já trabalhava no setor de limpeza da *Brastemp*, localizada no bairro, decidiu alugar uma casa em Ferrazópolis e mudou-se com a família, pois já não se sentiam mais a vontade vivendo “de favor”, o ano era 1973.

Maria relata que não tinha planos de mudar de cidade e que não partiu dela a intenção de migrar. Os motivos que levaram à migração de sua família chamam a atenção, por não se enquadrarem entre os que ditos pelos outros migrantes no bairro. Segundo Maria, seu pai sempre sonhou em ter uma filha formada, que chegasse à universidade, porém, mesmo com o projeto de migração, este sonho não se realizou, pois em uma família com muitas mulheres a oferta de emprego era limitada. Apesar de todas as suas filhas frequentarem a escola, o grau máximo escolaridade a que chegaram foi a conclusão do Ensino Fundamental.

Ao chegar ao bairro, logo conheceu João e o namoro “engrenou” rápido. Casaram-se em 1974 e estabeleceram-se no barraco de madeira em que João morava, na Rua Hermínia Villa, onde moram até hoje, porém, atualmente, em casa de alvenaria, considerada como a melhor região de Ferrazópolis.

2.2 Geraldo e Lúcia Ferreira

Nascido em 1958, no sertão do estado da Paraíba, Geraldo é o segundo filho de um total de quatorze filhos de Severina e João, dentre os quais apenas oito estão vivos. Oriundo de uma família de origem rural que trabalhava como meeira¹³, aos sete anos, Geraldo começou a trabalhar na roça junto com os pais, assim como outros brasileiros em condições parecidas.

Durante sua infância, relata que houve momentos de privação e destaca sempre ter feito questão de contar sua vida difícil aos filhos, para que os mesmos dessem valor aos pais e à vida. Relata que trabalhava duro e que seu pai, João, trabalhava na roça pela manhã e à tarde e à noite era professor do Mobral (apesar de possuir apenas o Ensino Fundamental concluído), na escola do sítio. Sua mãe, Severina, além de cuidar da casa e dos filhos, ia junto para a lida na roça. Neste período, afirma que as condições socioeconômicas da família eram muito ruins, por vezes, chegou a passar fome, lembra de ter visto sua mãe não ter o que comer para garantir o mínimo a ele e aos irmãos.

[...] Nossa comida muitas vezes era feijão com farinha, cuscuz com feijão, ou até mesmo o cuscuz puro, porque não tinha dinheiro pra comprar mistura. Minha mãe, pra variar, às vezes usava da farinha de milho moída e fazia angu pra gente comer, pegava um pedaço de carne só, pra dividir entre todo mundo e botava num molho lá pra dar um gosto. A gente não tinha brinquedo, se divertia pulando na roça mesmo, e quando chegava a uns sete, oito anos de idade ia tudo ajudar na roça. (Geraldo, entrevista de pesquisa, 2010).

Da infância, Geraldo não relata muitos momentos de brincadeira. Ao ser questionado sobre sua escolarização, recorda-se, apenas, que foi alfabetizado na escola do sítio em que morava, onde seu pai era o professor, mas abandonou a escola por desinteresse. Diz ainda que nos anos em que estudou, cursou apenas até a quarta série do que hoje corresponderia ao Ensino Fundamental I.

Os problemas que sua família passava, por conta das dificuldades financeiras eram agravados porque seu pai bebia muito e gastava a maior parte do dinheiro que a família ganhava para sustentar o seu vício. Sua mãe era analfabeta, apesar de ser filha de um homem, o Sr Julio, muito conhecido e respeitado na região, que tinha até mesmo algumas posses, um homem muito

¹³ Meeiro é o nome dado àquele que mora e planta em terras alheias e em troca da estadia nas terras paga ao proprietário com a metade da produção do que planta.

religioso, educado pela Igreja Católica em ações de alfabetização na paróquia local que tinham o intuito de difundir a “Palavra de Deus”, o que aumenta ainda mais a contradição da situação de analfabeta de sua filha. Após o falecimento do Sr. Júlio, suas terras acabaram ficando para alguns irmãos. Severina, que havia fugido de casa aos treze anos para se casar com João, não teve direito a receber terras de seu pai (a divisão das terras correspondentes à herança ocorreu de forma dramática e violenta).

Geraldo diz sentir-se saudosos das atividades de lazer que praticavam na roça, como os bailes e as festas nos dias de santo. Sua família era católica, mas no sítio e nas proximidades não havia igreja, apenas na cidade mais próxima, o que dificultava a ida às missas semanalmente, e, quando havia festas de santo, celebravam missas e todos participavam juntos, mas a mãe e única irmã, Maria, não participavam muito das festividades, iam apenas às missas, pois o pai e os irmãos achavam que não ficava bem que as mulheres fossem sempre às festas.

Em Riacho Verde, no ano de 1975, Geraldo casou-se com Lúcia, sua prima, os dois com dezessete anos. Ambos afirmam que o casamento entre primos era comum na sua região. Começaram a namorar e após um ano casaram-se, pois, naquela época afirmava-se que os namoros não podiam ser muito longos. A família de Lúcia era proprietária das terras em que viviam e plantavam para subsistência. Sua escolaridade também é baixa, sabe ler, mas nem sequer lembra até que ano estudou, frequentou a escola na roça, onde o pai de Geraldo era professor. Lúcia abandonou a escola por conta de suas obrigações domésticas, mas afirma que também não se interessava muito pelos estudos, para ela, a escola não representava o mesmo desenvolvimento e oportunidades profissionais que representa hoje. Depois do casamento, Geraldo continuou trabalhando na roça, mas como não possuía terras e as que pertenciam à família eram de posse da Dona Maria, mãe de Lúcia, o casal foi para a cidade mais próxima, Aguiar, trabalhar em terras de outras pessoas.

2.2.1 Chegada em Ferrazópolis

Durante a realização da pesquisa de campo, no contato com os moradores, foi possível observar claramente que a trajetória de grande parte das famílias de Ferrazópolis é marcada pela migração do campo para a cidade e a entrada no trabalho industrial nos anos 1970, traço

característico à grande parte dos primeiros trabalhadores industriais do Brasil. (LOPES, 1987). A trajetória da família Ferreira, por sua vez, é marcada por vários períodos curtos de migração antes da vinda definitiva para São Bernardo do Campo.

Lúcia estava grávida quando Geraldo começou a projetar a primeira migração e tinha muito medo, mas não contrariou os planos do marido, pois, apesar da insegurança, afirma que também tinha vontade de vencer e mudar de vida em São Paulo. Normalmente, as mulheres não migravam sozinhas, a migração delas era mais comum acompanhando os pais ou os maridos. Os homens representavam o maior número de migrantes do nordeste para São Paulo e região metropolitana. (FONTES, 2008).

Geraldo afirma que gostava do lugar em que morava e não tem apenas recordações ruins de sua terra natal, mas conta que sofria com as duras condições de vida existentes, e passou a encará-las como impulso para um dia poder sair daquele lugar, daquela situação.

Eu vim de lá do Norte, com dezoito, dezenove anos, a procura de uma vida melhor, porque lá era muito ruim, muito difícil. Dos sete aos dezenove anos eu trabalhei na roça, né? Trabalhei na roça e não consegui fazer nada. Eu vim pra São Paulo à procura de uma vida melhor...(Geraldo, entrevista de pesquisa 2010).

A vinda de Geraldo para São Paulo foi feita mediante planejamento. A primeira vez em que migrou veio junto com seu pai, ele tinha alguns conhecidos que estavam em São Bernardo do Campo e que trabalhavam na construção civil, assim, o contato prévio com estes conhecidos possibilitou a chegada e a obtenção de um emprego para sua sobrevivência. Durante quase um ano, trabalhou junto com o pai na construção civil e morou nos alojamentos existentes na própria obra. Essa migração ocorreu porque não via mais nenhum futuro no trabalho rural em sua região.

Trabalhei na roça e não consegui fazer nada. Eu vim pra São Paulo a procura de uma vida melhor. Nesse meio tempo eu já tava casado, vim pra cá eu não era solteiro. Eu vim pra cá em 78, em 1978 eu vim pra cá. Aí cheguei aqui e fui trabalhar na construção civil né? Primeiro eu fui trabalhar na construção civil, em 78. Aí trabalhei por volta de onze mês na construção civil voltei pro Norte de novo, Paraíba. Nessa época, a minha esposa tinha ficado lá e estava grávida na época, do menino que nasceu e faleceu. Aí eu fiquei em torno de três meses lá e voltei pra São Paulo de novo, né? Fui trabalhar na mesma construção que eu trabalhei antes, trabalhei mais um ano. Dali eu saí e trabalhei em outra empresa, indústria de papel em Diadema, essa com nome de Brasil Cote, aí trabalhei uns três ou quatro meses nessa empresa aí. Aí eu saí e fui trabalhar na área de segurança. (Geraldo, entrevista de pesquisa, 2010).

Por um problema de saúde com seu filho recém-nascido, que Geraldo nem mesmo havia conhecido, viu-se obrigado a voltar para a Paraíba. Quando voltou, conheceu seu filho, porém, em pouco tempo, ele faleceu, o ano era 1979. Neste período, os índices de mortalidade infantil no Brasil eram muito altos, sobretudo nas regiões norte e nordeste. Dentre os moradores com os quais tivemos contato, a ampla maioria relata casos de mortalidade infantil em suas famílias. Na família de Geraldo ocorreram várias mortes de irmãos; sua mãe teve quatorze filhos, dos quais apenas oito sobreviveram, os outros seis faleceram no nascimento ou na infância, por doenças como meningite, picadas de animais peçonhentos e desnutrição, tanto da mãe como da criança. Não havia no sítio em que moravam, nem mesmo na cidade mais próxima, médicos e hospitais que possibilitassem o tratamento adequado de doenças, muitas vezes graves, que levaram muitas crianças à morte.

Após o falecimento de seu filho, Geraldo retornou para São Paulo em 1980, dessa vez junto com sua esposa. Depois de algum tempo retornou a sua terra natal.

Em meados de 1987, Geraldo resolveu migrar mais uma vez para São Paulo, passou alguns meses morando com a família na casa de seus dois irmãos, José e Valdemir, que tinham migrado para São Caetano do Sul e trabalhavam como segurança. Neste período, decidiu trazer toda a sua família para São Paulo novamente. Comprou um terreno em uma área de ocupação ilegal, onde começava a crescer uma favela no bairro Ferrazópolis. Havia terrenos a serem comprados na área de loteamento legal, porém, como ele não possuía recursos suficientes para comprar um terreno nesta área do bairro e tinha como princípio não pagar aluguel, ele comprou o terreno na antiga passagem das Flores, no Jardim Limpão (atual Travessa José Martins) e construiu um barraco em madeira, com apenas dois cômodos para morar com sua mulher e seus seis filhos.

Pela segunda vez, agora em 1988, Lúcia migrava para São Bernardo do Campo e dessa vez com seis filhos. Como vimos, Geraldo migrou antes, em 1987, e construiu o barraco onde morariam. Ao ser questionada sobre as condições de moradia no Jardim Limpão afirmou que estava lá por não ter alternativa, pedi para que definisse o local e ela respondeu de imediato: “era muito ruim!”

Era muito ruim morar aqui! Nós viemos porque não tinha outro jeito mesmo. Essas barreira aqui era puro barro, eu e os menino caía direto quando estava chovendo, eles nem gostavam de ir pra escola, porque várias vezes, quando a gente estava indo em dia de chuva, caía todo mundo na barreira ficava tudo sujo de barro e era obrigada a vir pra

casa trocar de roupa e aí chegava atrasado era uma luta. (Lúcia, entrevista de pesquisa, 2010).

A migração para essas famílias representou uma experiência marcante, pois a encaram como uma mudança sem precedentes em sua vida. A adaptação ao novo ambiente e às novas exigências de morar na cidade representaram grande dificuldade no início, porém, nenhum deles se refere com pesar por ter deixado a antiga vida e a condição de trabalhador rural, encarando a vida na cidade como difícil, mas com melhorias significativas em relação à vida no campo. Tais melhorias são entendidas pela ampliação das possibilidades de consumo e pelo elemento demarcador de não passar fome. E, apesar de todas as dificuldades, pela maior oferta de empregos que encontraram nas cidades e pela possibilidade de frequentar escola, esta última, principalmente, para os filhos. (SARTI, 2003)

Quando a gente veio embora pra cá, eu não sabia bem como era, só sabia do que o povo falava e, o povo do norte fala muita coisa! Mas foi bom, porque aqui os menino que quiseram estudar estudaram, por mim tudo tinha estudado, mas tem coisa que eu não consegui fazer, tentei, mas não consegui, porque eu não pude obrigar mais, eu tentei. Aqui a gente tem as coisa, é mais fácil pra emprego, qualquer emprego, por mais que não seja dos melhor. Também aqui, a gente tem a casa, e ainda deu pra fazer mais pros menino, pra ajudar a criar os neto e, ah! A gente tem as coisa, tem geladeira, televisão, tem os mercado, tudo mais perto, por mais que não seja lá essas coisa, nós somos pobre mesmo, nós mora no lugar de pobre, porque dinheiro pra pagar aluguel eu nunca tive, igual meus cunhado que ainda pagou um pouco. Aluguel é um dinheiro jogado no lixo, que você não vê retorno, Sempre morei aqui, não tanto por gosto, mas porque era o que tinha, se eu pudesse mudaria, mas como não posso, fico aqui mesmo. Melhor aqui do que já estive um dia. (Lúcia, entrevista de pesquisa, 2010).

“Ah! A minha vida melhorou muito, porque lá [na Paraíba], eu não tinha nada. Lá eu só tinha trabalho, eu só tinha a vida e saúde pra trabalhar, não tinha mais nada. E vim pra cá, lutei, trabalhei, consegui um lugar pra morar, consegui criar um monte de filho, criar oito filho, e tão tudo criado aí, então pra mim foi maravilhoso! E outra, tenho muita saúde, continuo trabalhando, vou trabalhar por muito tempo, se Deus quiser e pra mim isso aí vai ser tudo”. (Geraldo, entrevista de pesquisa, 2010).

Apesar de não lamentarem terem deixado a vida no campo, durante as entrevistas, ficou evidente, especialmente nos depoimentos das mulheres, certa decepção ao deparar-se com aquele que seria o novo local de moradia, onde deveriam viver e criar seus filhos. Em termos de infraestrutura deixava muito a desejar em relação ao que imaginavam quando deixaram seus antigos lares, ou mesmo ao que imaginavam ser a “cidade grande”.

“Um desencanto fundamental marca os pobres urbanos em São Paulo [década de 1990] retrato da derrocada da promessa de felicidade que encerrava o crescimento industrial e econômico do país [...]. Suas vidas são o resultado da industrialização e da urbanização do país, a partir dos anos 50, e da migração que fez parte desse processo, ‘o sonho feliz da cidade’, a promessa de dias melhores, [...] buscando o Brasil moderno, cuja síntese perfeita estava em metrópoles como São Paulo. Sonho que forjou as periferias pobres das cidades”. (SARTI, 2003: 27).

Este desencanto foi traduzido nos relatos dessas mulheres que viveram muitas experiências de dificuldades e privações também na sua “nova vida” na cidade, o que foi nomeado por elas incontáveis vezes como uma “vida difícil”. Grande parte de suas vidas foi dedicada ao auxílio à família dos pais, ao marido e aos filhos. Ficou claro durante seus depoimentos que o cuidado da casa e dos filhos não era necessariamente um problema, e sim, considerado um dever. Os sacrifícios e infortúnios aos quais se referem são as dificuldades financeiras, a precariedade das moradias, a péssima infraestrutura do local em que se instalaram, o envolvimento dos maridos com atividades sindicais e movimentos grevistas e, mais recentemente, o problema da violência e do tráfico de drogas no bairro, o que segundo elas, resultou em maior dificuldade para educar os filhos, exigindo um enorme esforço para mantê-los o mais distante possível do mundo do crime, ou de “gente ruim”.

As condições de moradia e infraestrutura no bairro, como sabemos, eram ruins, mas ao longo dos anos, os primeiros moradores que permaneceram em Ferrazópolis foram também os primeiros a usufruir das melhorias em infraestrutura oriundas do crescimento do bairro e da (ainda pouca) atenção dada pela administração municipal. De acordo com a primeira geração da família Dantas, muitas melhorias foram resultado das reivindicações de moradores, de políticos moradores do bairro, como o caso da deputada estadual Ana do Carmo, do Partido dos Trabalhadores, e de grupos participantes da Associação de Amigos de Bairro. Com o tempo, as melhorias chegaram às favelas no bairro, mas em ritmo mais lento. Ritmo este, que, por motivos óbvios de dificuldades de acesso e de aproximação com muitos moradores, e até mesmo interesse por parte do poder público, poderíamos classificar como desigual até os dias de hoje.

Mesmo com origem rural semelhante e partilhando a experiência da migração, podemos observar que as diferentes experiências de moradia vivenciadas pelas duas famílias marcaram suas trajetórias. João e Maria chegaram a Ferrazópolis no início do loteamento do bairro (primeira metade da década de 1970), João comprou um dos lotes e construiu sua moradia, ainda que precária, e a família de Maria conseguiu por um tempo, pagar aluguel em uma das poucas

casas disponíveis para tal naquele período. Além da migração e a adaptação à nova realidade, a família Ferreira, que se instalou na favela do Jardim Limpão, teve ainda uma carga simbólica negativa de sentirem-se “ainda mais pobres” em um bairro pobre, moradores do pior local do bairro e, em muitas vezes, estereotipados como pessoas violentas.

2.3 A entrada no mercado de trabalho

Um dos principais motivos que leva à migração, ou o maior deles, como já discutido, é o trabalho, já que este é a condição de existência do migrante. (SAYAD, 1998). Os entrevistados da primeira geração jamais haviam passado por outra experiência de trabalho que não fosse o trabalho do campo. Para Geraldo e João, o objetivo da migração em termos de expectativas profissionais era o mesmo: a inserção na indústria automobilística.

Para João Dantas, a entrada no mercado de trabalho na cidade, ocorreu logo que chegou ao bairro. Em 1971, ele trabalhou por cerca de quatro meses em empregos temporários, ou como ele mesmo relatou “fazendo bicos”.

[...] Nós chegamos em 71, nós chegamos em junho, aí fiquei fazendo uns bicos, uns bico por aí e quando foi em outubro ou novembro aí eu entrei na *Brastemp*, foi a primeira firma de verdade que eu trabalhei. Aí trabalhei dois anos na *Brastemp*, saí e entrei na *Crysler* aqui né? Que é uma firma americana que fazia automóveis. Aí trabalhei dois anos também, saí e entrei na *Volkswagen*. (João, entrevista de pesquisa, 2010).

É interessante observar como o depoente refere-se ao trabalho industrial em fábrica como “trabalho em uma firma de verdade”. É bastante comum ouvir entre os moradores afirmações como esta, principalmente quando se trata de trabalho em grandes montadoras, consideradas por muitos o emprego ideal. Pesa ainda, o fato de haver entre os entrevistados o ideal de ser metalúrgico, preferencialmente, em montadora de automóveis de grande porte. Há entre esses sujeitos uma idealização de status de superioridade no “ser um metalúrgico” e, muitas vezes o ideal de ser metalúrgico é o maior objetivo pretendido por eles no mercado de trabalho, ainda que possa ser pouco provável alcançá-lo. Tais declarações levam a entender que a experiência de trabalhos temporários ou em fábricas pequenas, muitas vezes chamadas de “boca de porco” (por conta das péssimas condições de trabalho), representava uma alternativa para não ficar

desocupado e sem dinheiro, pois segundo todos os entrevistados, o pior que poderia acontecer era não ter nenhuma forma de trabalho.

Geraldo veio para trabalhar na construção civil, com “rumo certo”, acompanhado por seu pai. Trabalhando e morando no mesmo local, o objetivo dos dois era poder juntar dinheiro suficiente para conseguir pagar um local para morar e poder trazer para São Paulo o restante da família. No caso de Geraldo, a esposa e o filho que estava para nascer.

Os empregos em empresas pequenas, com más condições de trabalho, ou alternativas de trabalho precário como o comércio ambulante e ainda os trabalhos na construção civil não faziam parte do ideal de ambos os pais entrevistados. Seu ideal de vida como trabalhador era representado pelo mínimo de certeza, de estabilidade - salário fixo e benefícios - e tudo isso era traduzido por eles como o trabalho em grandes montadoras de automóveis ou indústrias metalúrgicas de grande porte.

Notamos nas falas dos moradores entrevistados, a importância que os benefícios oferecidos pelo empregador representavam para toda a sua família, sobretudo para suas esposas. Com destaque para o acesso a planos de saúde para toda a família. Normalmente, as mulheres apegam-se muito mais aos benefícios que o marido pode ter no emprego do que ao salário dele, pois os benefícios acabam sendo estendidos a todos da família. E como são tarefas da mulher levar filho ao médico, proporcionar algum lazer seguro, realizar as compras de supermercado baseada nos ganhos do marido, o cumprimento dessas tarefas torna-se menos dificultoso com esse benefícios. É possível notar esse traço na fala transcrita a seguir:

Na *Volks* tinha um convênio muito bom, tinha o clube da *Volks*, lá na Avenida Tiradentes e a gente tinha tudo isso, tinha a Cooperativa da *Volks* né? A gente fazia uma carteirinha e comprava e pagava só com 30 dias no pagamento, né? Tinha dentista também, até as crianças passava, eu passava. Você fazia uma ficha lá e descontava no pagamento. Era muito melhor, facilitava tudo, né? (Maria, entrevista de pesquisa, 2011). O que eu sempre preferia era quando Geraldo trabalhava em firma, porque era onde tinha uns benefício melhor. Tinha cesta [básica] e tinha o convênio pra mim e pros menino. O ruim é que isso não era sempre. (Lúcia, entrevista de pesquisa, 2010).

Sobre a entrada no trabalho industrial, observa-se que esta se deu primeiramente para João, ainda na década de 1970, e para Geraldo em 1982, quando foi admitido como auxiliar de produção da *Metalúrgica Villares*, onde trabalhou durante menos de um ano. Após este curto

período de trabalho na indústria, Geraldo só voltaria a este segmento do mercado no início dos anos de 1990, quando foi admitido pela empresa *Fris Moldu Car*.

Este hiato de tempo entre a entrada e permanência dois entrevistados, assim como a descontinuidade na trajetória de Geraldo, representam algumas das diferenças no padrão de vida das duas famílias, por conta da diferença nos salários recebidos, que eram (e ainda são) maiores nas grandes montadoras. Também encontramos diferenças em relação ao tipo de socialização secundária que ambos vivenciaram no trabalho e o impacto desta socialização secundária no meio familiar.

Explicando de forma mais detalhada, foi possível observar, para além das condições materiais de subsistência das duas famílias, que o período maior de trabalho em indústria metalúrgica de grande porte fez com que João proporcionasse a toda a família uma renda mensal melhor. Em segundo lugar, o fato de João ter passado mais tempo do que Geraldo no trabalho metalúrgico proporcionou-lhe, participar desde o início da onda grevista deflagrada no ABC no final da década de 1970, acontecimento responsável por grandes mudanças nas práticas, reivindicações e modos de entendimento do trabalho. Isso não significa que Geraldo não tenha adquirido algumas dessas práticas, que, de modos variados, se tornaram inerentes a grande parte da categoria de trabalhadores do ABC. O período em que Geraldo esteve ausente foi um período significativo na história do movimento operário brasileiro, em especial, no ABC Paulista (exatamente entre os anos 1982 e 1990) e que representa diferenças nos modos como os pais se relacionaram e se relacionam atualmente com o universo da política.

Apesar de terem dado início no trabalho industrial em períodos diferenciados e com trajetórias de trabalho diferenciadas, trabalhar neste setor é considerado por ambos o melhor dos empregos que já tiveram, por conta do salário, da estabilidade relativa e dos benefícios.

Para além da segurança, ou melhor, de maiores garantias de trabalho na fábrica, estes trabalhadores apontam a entrada em montadoras e empresas metalúrgicas como um local de aprendizado de ofício, visto que tendo a disposição para trabalhar e a força física, o ofício da linha de produção ou outros que exigiam mais conhecimentos ou destreza manual eram ensinados e aprendidos na prática. (ANTUNES, 1992; SADER, 1988).

Mesmo considerando o emprego na indústria metalúrgica o melhor, as condições iniciais de trabalho estavam longe de serem as ideais, ou mesmo, as que haviam sido sonhadas por esses migrantes. De acordo com relatos citados na bibliografia consultada (PEREIRA, 2006;

ANTUNES, 1992; SADER, 1988) o trabalho era pesado, o descanso era pouco, os patrões exigentes e, em muitos casos, a pressão pela alta produtividade do funcionário levava-os a estafa, além dos salários serem defasados. Essa série de problemas aumentou o descontentamento dos trabalhadores e na junção de suas altas expectativas em relação aos ganhos que teriam com o processo migratório com outros fatores políticos e sindicais, as grandes greves eclodiram no ABC Paulista, em 1978.

João fazia parte da massa de trabalhadores não qualificados e com poucas credenciais escolares que entregavam quase todo o seu tempo para o trabalho e sentiam-se pouco recompensados. Ele relata que desde o início dos acontecimentos grevistas e das movimentações sindicais do Novo Sindicalismo esteve presente, como gosta de falar “participou do Movimento, estava junto”. Ele informa que não foi por acaso que resolveu envolver-se com estas questões, mas sim, porque tinha muitos colegas que eram do sindicato e foi fortemente influenciado por esta convivência e tem orgulho disso.

No caso de João, podemos observar forte influência dos processos de socialização secundária por conta do local de trabalho e do grupo de pares a respeito da sua participação junto ao sindicato e às movimentações grevistas.

Já para Geraldo, o trabalho industrial deu-se primeiramente em uma fábrica de papéis. A entrada no setor metalúrgico ocorreu no início da década de 1990 e o aprendizado do ofício ocorreu na prática, pois também era um trabalhador da linha de produção ou, como prefere falar era um “peão”. Em sua estada no trabalho, apesar dos anos que separam o início das movimentações grevistas e de sua entrada no setor metalúrgico, as condições de trabalho continuavam ruins. Trabalhava em uma fábrica de autopeças e reclamava também do abuso de autoridade patronal.

Atualmente, nenhum dos dois pais continua no setor metalúrgico. Durante o processo de reestruturação produtiva, sobretudo entre as décadas de 1990 e 2000, com a drástica diminuição dos postos de trabalho e ampliação de exigências necessárias para continuar empregado no setor, estes trabalhadores, que estavam longe da aposentadoria, não possuíam credenciais escolares suficientes ou maior tempo de serviço na mesma empresa (POCHMANN, 2006), foram postos para fora deste setor produtivo. (PINTO, 2006; POCHMANN, 2006; RODRIGUES e RAMALHO, 2007).

A saída do setor metalúrgico teve importância significativa na trajetória dessas famílias. Para além do fator financeiro, já mencionado neste trabalho, deixar de ser metalúrgico representou, para ambos, certa ruptura. Havia, também, o fator afetivo relacionado à inserção no movimento operário. A partilha de más condições de trabalho e o sentimento de ter pertencido a uma luta, não só de melhoria das condições de trabalho, mas que envolvia também, a redemocratização do país e que, por fim, significou a inserção mais profunda desses indivíduos com o universo da política.

Ao sair do setor metalúrgico, em 1997, João ficou desempregado por um curto período e passou a trabalhar no setor de serviços em uma empresa de segurança patrimonial. Em 2010, já estava aposentado, por idade e tempo de contribuição previdenciária, porém continua trabalhando como segurança para complementar a renda.

Já Geraldo, quando deixou de ser metalúrgico, trabalhou por um curto período no início dos anos 2000, como auxiliar de serviços gerais na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em São Bernardo do Campo, emprego conseguido por indicação de sua esposa, que havia se convertido evangélica da IURD recentemente. Porém, ele diz que sua experiência como metalúrgico e sindicalista não o permitiu ser oprimido em um ambiente que deveria ser de libertação, como uma igreja. Quando terminou a reforma da casa, tentou trabalhar por conta própria em uma série de empreendimentos: o primeiro como vendedor ambulante de cachorro quente, em seguida arrendou um bar que era de um irmão, mas não obteve sucesso em nenhum deles.

Atualmente, Geraldo é empregado terceirizado na montadora *TOYOTA* em São Bernardo do Campo e trabalha no setor de limpeza de máquinas, emprego este conseguido por indicação do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos na época, em 2006. A única vaga que Geraldo pode pleitear foi como terceirizado e não na área de metalurgia, por conta da baixa escolaridade, pois a *TOYOTA* não emprega nenhum trabalhador sem o Ensino Médio Completo¹⁴. Na entrevista, ele afirma que deseja aposentar-se sem ter que trocar de emprego novamente.

É importante citar que a saída de ambos os pais do setor metalúrgico foi algo sentido com muito pesar por eles. Nas entrevistas deixaram transparecer que preferiam continuar trabalhando no setor, não apenas por conta da maior estabilidade e salário, mas porque sentiam orgulho de pertencer à categoria metalúrgica, cujo peso simbólico no ABC é importantíssimo, e,

¹⁴ Informação obtida por meio de trabalhadores da empresa *TOYOTA* de São Bernardo do Campo.

principalmente, por terem participado de um momento histórico do movimento operário brasileiro e, na visão deles, fizeram parte da “*história da categoria*”.

“Olha menina, quando eu vi que não ia mais poder ser da categoria, nossa! Pra mim foi assim, tipo um baque, sabe? Tentava uma empresa, tentava outra e nada, eu não tinha muito estudo e era muito envolvido com sindicato, aí eu não tava mais conseguindo nem firma pequena, a última que eu entrei faliu e os patrão sumiram e fecharam a firma sem pagar pra gente, foi um período muito ruim. **Aí eu tive que por na minha cabeça que precisava trabalhar em qualquer que fosse o emprego**, aí, como te falei, com uma ajudinha de uns conhecido da Ana [do Carmo], me indicaram e eu acabei entrando pra área de segurança, mas não era o que eu queria... Até hoje eu tenho contato com o pessoal do sindicato, fiz de tudo pra ver se meus filho virava metalúrgico, mas só Jonas é que acabou entrando na área. Eu guardo tudo as minhas coisas, ta aqui: minha carteirinha do Sindicato dos Metalúrgicos, é dos anos 70! Eu guardo, é uma lembrança, na verdade, é uma prova. Prova de que eu participei da história, da história do Brasil, dos trabalhador, do Sindicato, da história do próprio Lula. Eu sinto um pouco, porque eu acabei não conseguindo ficar e aproveitar o que melhorou, mas tá bom, hoje meu filho pode. Pena é que ele não quer participar do sindicato, eu faço de tudo pra ele participar, mas ele não quer.” (João, entrevista de pesquisa, 2010).

“Eu nunca fui de recusar trabalho, mas se fosse pra eu escolher, eu queria continuar no setor metalúrgico. **Porque ser metalúrgico é muito bom, minha fia! O metalúrgico ele é visto, em qualquer lugar ele é visto. Em tudo o que as pessoas olha, a primeira coisa que eles olha é o metalúrgico!** [A esposa interrompe e diz: *os bagunceiros dos metalúrgicos*]. Não tô falando de bagunça! **O metalúrgico, ele sabe lutar pelos seus direito!** [...] Então, isso é muito gostoso, minha fia. Eu tenho muito orgulho desse tempo, de ter participado, de ter contribuído pra isso. (Geraldo, entrevista de pesquisa, 2010. Grifos nossos).

2.3.1 As mulheres da primeira geração e o mercado de trabalho

Para as mulheres a experiência com o mercado de trabalho foi bastante diferente. Lúcia e Maria jamais trabalharam no setor industrial, ambas entraram no mercado de trabalho como empregadas domésticas.

Maria Dantas, irmã mais velha de sua família, trabalhava como empregada doméstica durante o dia e estudava a noite, seu trabalho sempre foi fundamental para complementar a renda de sua família. Seu pai era analfabeto e ganhava pouco com empregado do setor de limpeza da *Brastemp*, empresa de eletrodomésticos, localizada no bairro. Segundo Maria:

[...] Meu primeiro emprego aqui foi numa casa de família lá em São Paulo, as filha da minha madrinha arrumou pra mim, eu tinha que ficar lá, morar lá, só vinha no final de

semana, no sábado a noite a gente vinha embora, aí ficava a noite de sábado, o resto do domingo e na noite do domingo já ia embora de novo. [...] Aí foi muito difícil. O que eu ganhava era pra pagar aluguel e aquele tempo eu nem lembro quanto que era a casa que a gente alugou. Era muito pequena, dois cômodos e um banheirinho só pra todo mundo morar. Uns dormia na cozinha, outros dormia no quarto, era tudo... Então, o que eu ganhava era pra mim pagar aluguel e o que meu pai ganhava era pra comprar as coisas em casa. Eu ajudava, o meu dinheiro era assim: só chegava e eu entregava na mão da minha mãe e se virava, né? E meu outro irmão tava morando nesse alojamento, não quis vir pra cá por enquanto, então ficou eu e minhas irmãs. Aí elas começou a crescer e já foi arrumando emprego assim, em casa de família. (Maria, entrevista de pesquisa, 2011).

Apesar das dificuldades enfrentadas pela família, pelo pouco dinheiro e o grande número de filhos, o pai de Maria não permitia que nenhuma de suas filhas trabalhasse em fábricas.

[...] Aí as minhas irmã começou a crescer e já foi arrumando emprego assim, em casa de família. Porque a gente assim, naquele tempo meu pai e outros pais também, não deixava a gente, mulher, ir trabalhar em fábrica. Tinha aqui, a *Brastemp* aqui em baixo, a *Volks*, um monte de firma, mais meu pai não deixava, ele falava que fábrica tinha muito homem, que não era pras filhas dele trabalhar desse jeito. Então, a gente perdeu assim, muito tempo da vida, fia. Porque teve casa que eu cheguei ficar seis anos e nunca fui registrada, nunca fui. Então eu perdia todo esse tempo. Chegava a ficar cinco ano numa casa, ano ano, e depois saía de lá e não tinha nada pra receber e aí, já ia procurar um outro emprego e assim foi. E foi uma fase muito difícil e passou uma situação muito difícil, porque tinha muita gente pra comer, muita gente pra vestir e minha mãe ficava só dentro de casa, cuidando dos meus irmão pequeno. (Maria, entrevista de pesquisa, 2011, grifos nossos).

Após o casamento, Maria continuou trabalhando como empregada doméstica, mas parou de trabalhar ao engravidar de sua primeira filha, em 1975, pois como o número de creches no bairro era limitadíssimo (só havia uma¹⁵) e ela e o marido não possuíam condições financeiras que permitissem pagar uma pessoa para cuidar de seus filhos, somando-se ao fato de que ela não se sentia segura em deixa-los sob os cuidados de outras pessoas, logo, decidiu, juntamente com seu marido, que deveria ficar em casa enquanto seus filhos fossem pequenos.

Já Lúcia Ferreira não buscou o trabalho fora de casa num primeiro momento. Assim como o marido, migrou mais de uma vez (foram duas migrações até instalarem-se definitivamente no Jardim Limpão em 1988). Começou a trabalhar fora, como empregada doméstica em 1989, um ano após retornar para São Bernardo e, desta vez, já era mãe de seis filhos. O trabalho foi a maneira encontrada para complementar a renda do marido e poder proporcionar alguma regalia

¹⁵ Informação retirada de relatos de moradoras que vivem no bairro desde meados dos anos de 1970.

para os filhos, que ficavam em casa sob os cuidados da filha mais velha, que tinha sete anos de idade.

Nas famílias do bairro, assim como na maioria das famílias pobres brasileiras do período (décadas de 1970, 1980 e 1990), apesar da mudança no comportamento feminino e das transformações que isso acarretou no perfil das famílias, o trabalho feminino era encarado, até então, como uma maneira de completar a renda da família. O provedor era representado na figura do pai, que deve cumprir este papel, que é um motivo de orgulho para si, para a esposa e para seus pares. A hierarquia da família pobre patriarcal, retrato das famílias desta análise poderia ser definida a partir da seguinte imagem:

Assim como representado na imagem, a ordem hierárquica e de funcionamento da família reflete a organização de famílias pobres em diversas partes do país (ZALUAR, 1994; SARTI, 2003; FONTES, 2008). A ordem também é a mesma quando o assunto é quem deve trabalhar para o provimento do sustento da família. Esta tarefa é delegada primeira e especialmente ao homem, na figura de pai e, na impossibilidade de bastarem os rendimentos do marido, a mulher, que tem como função primeira nesta família gerir o orçamento doméstico e zelar para que o dinheiro trazido pelo marido seja suficiente para cobrir todas as despesas ao longo do mês, passa a procurar alguma forma de ajudar financeiramente, buscando trabalho fora de casa. O mesmo ocorre com os filhos, que entram no mercado de trabalho antes de terem a idade legalmente permitida fazendo os chamados bicos para ajudar e complementar a renda familiar. Essa entrada dos filhos no mercado de trabalho, ainda que informal, representa também um meio de socialização para o trabalho, capaz de transmitir um meio de vida digno e respeitável com valores positivos como a aquisição de dinheiro.

O trabalho feminino nem sempre é bem visto pelos maridos no momento em que se pesam os prós e os contras da ausência feminina para a família. Ao deixar a sua casa para

trabalhar, o cumprimento do papel que a mulher deve exercer na família, que é gerir o lar e cuidar da educação dos filhos fica comprometido, além da necessidade da mulher trabalhar fora guardar implicitamente o insucesso do chefe da família em prover o sustento desta. (SARTI, 2003; ZALUAR, 1994, PAOLI, 1994. HOGGART, 1973). Porém, apesar dos problemas em ausentar-se da casa e da família por grande parte de seu dia, a mulher pobre, de um modo ou de outro, acaba exercendo trabalho remunerado na maioria dos casos, pois sua renda complementar é fundamental para a família.

E alguns também tinha suas esposa que trabalha as vezes na fábrica por aí e até tinha trabalho melhor, mas muitos não tinha, a maioria das mulheres não trabalhava, não era igual hoje, não era igual! Hoje todo mundo trabalha. E tinha muito machismo, nossa, minha mulher não ia trabalhar! Era assim, a minha mulher só vai cuidar dos filho e da casa. Mas o João ele nunca foi assim comigo, ele tinha muito ciúmes quando a gente casou e eu também tinha muito ciúme dele, mas eu sempre trabalhei fora e ele nunca foi de proibir de falar mulher minha não vai trabalhar e falar essas coisa, assim, porque tem muito homem por aí, até hoje que é assim, mas ele não. (Maria, entrevista de pesquisa, 2011).

Geraldo não se importava que eu saísse pra trabalhar não, não tinha outro jeito e esse foi o jeito que eu arrumei de ajudar ele e dar alguma coisinha pros menino. No começo ele reclamou um pouco porque não dava tempo de fazer tudo dentro de casa, mas Valéria me ajudava, eu tenho uma dó hoje quando me lembro, mas ela sempre me ajudou, criei minhas filha pra poder saber cuidar de uma casa e aqui todo mundo sempre teve que ajudar, de um jeito ou de outro. (Lúcia, entrevista de pesquisa, 2011).

Em nenhuma das famílias analisadas o trabalho feminino foi motivo de problemas entre o casal. Os maridos entendiam o trabalho feminino como necessário, embora afirmassem preferir que suas esposas não trabalhassem, mas que a necessidade “falava mais alto”. Revelam que seu desejo era que seus salários fossem o suficiente para que suas esposas pudessem ficar em casa cuidando dos filhos e do lar, mas como isso não era sempre possível, suas esposas acabavam trabalhando fora.

É preciso salientar que as mulheres entrevistadas da primeira geração não demonstraram e nem declararam sentirem-se menosprezadas e/ou oprimidas por serem donas de casa e ocuparem-se quase que exclusivamente do lar e dos filhos. A reclamação delas girava sobre a falta de dinheiro quando não trabalhavam, do sentimento de falta da alguma liberdade para gastar, sobretudo para satisfazer algum gosto de seus filhos. Essas mulheres da primeira geração foram socializadas desde a infância no entendimento de que o papel feminino é o de cuidar da família.

Para elas, o lar é o seu mundo, é o local em que a mulher é a maior responsável por manter a unidade da família. (HOGGART, 1973; NETO, 1982; KIRK, 2004, SARTI, 2003) e isso é visto como um dos pontos mais importantes no papel da mulher.

“[...] Tendo como foco o trabalho doméstico que, muito além do sentido concreto de lavar, passar cozinhar, limpar e arrumar significa, junto com a maternidade, é o substrato fundamental da construção da identidade feminina, definindo um jeito de ser mulher, sempre enredado em intermináveis lides domésticas, neste mundo social fortemente recortado pela diferenciação de gênero”. (SARTI, 2003: 98).

E ainda, segundo Neto, 1982:

“[...] Não tem sentido centrar a teorização sobre a mulher operária na passividade, na falta de iniciativa, na submissão ao homem ou na prisão alienante do lar. [...] Pensamos que dentro de certo nível, o que se pode verificar é muito ao contrário do que tradicionalmente se atribui à mulher caseira, uma grande capacidade de iniciativas e de planejamento (e execução) de estratégias de sobrevivência, tanto de produção de renda, como de consumo, além de níveis significativos de autonomia, inclusive e principalmente em relação ao homem”. (NETO, 1982: 19, grifos nossos).

Atualmente Maria e Lúcia ainda trabalham como empregadas domésticas e atuam como diaristas. O trabalho delas sempre foi importante, especialmente, quando seus maridos deixaram o setor metalúrgico entre os anos de 1990 e 2000 e passaram por dificuldades até enquadrarem-se em outros setores produtivos.

No início dos anos 2000, Maria passou por um grave problema de saúde e resolveu esforçar-se menos no trabalho. Lúcia, por sua vez, foi empregada doméstica em uma casa com carteira registrada por cerca de quatro anos, mas em 2007, devido a uma doença grave ficou afastada pela Previdência Social, com Auxílio Doença por cerca de dois anos, porém, assim que recebeu alta para trabalhar foi demitida e, a partir de então, atua como diarista. Atualmente, Lúcia trabalha como diarista em duas casas e suas patroas são suas filhas Maria e Valéria, que tiveram ascensão social via casamento. As filhas alegam empregar a mãe para ajudá-la a ganhar o próprio dinheiro.

Ainda vale citarmos que as mulheres da primeira geração ainda trabalham pelos mesmos motivos: ajudar a complementar a renda da família e ter algum dinheiro para gastar individualmente, sem ter que dar satisfação dos gastos aos maridos, o que implica na compra itens que não são classificados por elas como de primeira necessidade, como roupas,

eletrodomésticos mais modernos, produtos de beleza, celulares e equipamentos eletrônicos. Grande parte de seus gastos é classificada como individual e destinada a seus filhos e netos.

2.4 A política para a primeira geração

Annick Percheron (1985; 1993) acreditava que todos os indivíduos são dotados de competência política. A autora classificou as diferentes competências políticas em três tipos: (i) a competência técnica, que se refere ao conhecimento sobre o funcionamento do sistema político; (ii) a competência política *stricto sensu*, que diz respeito à capacidade do indivíduo situar-se em um eixo político que vai da direita à esquerda¹⁶; e (iii) a competência social, que considera o interesse dos indivíduos pela política. A partir dessa classificação das competências políticas, procuramos entender a relação da família com a política e o tipo de socialização posta em prática em seu meio, traçando assim um perfil de cada família analisada em uma intersecção entre sua “posição política” e suas práticas de socialização.

Neste trabalho procuramos classificar diferentes perfis familiares relacionados à suas “tomadas de posição política”. Consideramos o fato de que todas são dotadas de competência política, mesmo que essas competências não resultem em ação política no sentido estrito do termo. Entre as famílias aqui analisadas e tantas outras que foram parcialmente entrevistadas e observadas ao longo dessa pesquisa, essas competências aparecem da seguinte forma: (i) famílias que apresentem forte envolvimento com questões políticas, ou melhor dizendo, famílias cujos

¹⁶ A noção de direita e esquerda foi cunhada pela primeira vez no século XVIII, para distinguir o posicionamento ideológico no parlamento francês e até os dias atuais é utilizada com este sentido. Pensadores como Bobbio (2009) apresentam uma definição de direita e esquerda em que se considera a igualdade como elemento fundamental para que a distinção dos dois eixos, entendendo que a esquerda tenderia mais para a igualdade e a direita, por sua vez, apresenta uma tendência à aceitação dos acontecimentos (incluindo-se as desigualdades sociais, políticas e econômicas) como naturais. De acordo com Singer (2000), no Brasil, essa definição não é a melhor para classificar direita e esquerda, pois de acordo com o autor, todos os eleitores brasileiros, apresentam certo apreço pela igualdade. O que poderia classificar e distinguir melhor os dois eixos, no que tange a ideia que se faz da participação do Estado para o provimento dessa igualdade, em que a direita privilegia a atuação do Estado e a esquerda seria a que acredita que os movimentos sociais é que são capazes de promover a igualdade social. Para esta pesquisa, as definições foram utilizadas de forma limitada, pensando, principalmente, a aproximação e o tipo de relação dos entrevistados com movimentos sociais. Observou-se, durante as entrevistas, que tanto os pais, quanto os jovens entrevistados, tendem a entender à esquerda como o lado mais radical da política e a direita como mais conservadora e alguns indivíduos, sobretudo os jovens e algumas mães, colocam-se como se não fizessem parte nem de um extremo nem do outro, preferindo posicionar-se em um meio termo entre os dois.

membros interessam-se muito por política, se mantém informados sobre os diferentes tipos de acontecimentos de caráter político, possuem um nível relativamente alto de informações sobre o funcionamento do sistema político-partidário brasileiro e são capazes de situar-se em determinado eixo ideológico; (ii) famílias que apresentam conhecimento sobre o funcionamento do sistema político-partidário, porém não se envolvem nem se interessam vivamente por questões políticas e de militância (em geral, trata-se de famílias cujos membros já participaram ou interessaram-se por política em algum momento da trajetória, apresentam conhecimento do funcionamento do sistema político, mantêm-se, de algum modo, informadas sobre o assunto e são capazes de posicionar-se em determinado eixo ideológico, porém não apresentam interesse atual pela política, seja por um processo de “desencanto”, ressentimento ou frustração com o período em que os membros da família engajaram-se politicamente e, por fim, (iii) famílias que apresentam forte desinteresse, chegando até à aversão por assuntos relacionados à política e vagos conhecimentos sobre o funcionamento do sistema político-partidário brasileiro, (mesmo quando algum de seus membros já tiveram algum tipo envolvimento político).

2.4.1 Os Dantas e a política

Na família Dantas, a mãe, Maria, não fez menção de aproximação política em sua infância, mas João, reiteradamente, tratava do problema dos latifundiários estarem acima da lei e desrespeitarem as famílias pobres de sitiantes, tendo sido este um fato recorrente em sua família e do qual ele guarda muita mágoa. Afirma não admitir certas injustiças no trabalho e na vida por ter sido obrigado a suportar muitos problemas desde a infância. Ele afirma ainda que sua família vivia a mercê das ordens dos coronéis, inclusive nas questões políticas, o que evidencia práticas clientelistas, comuns à sociedade rural brasileira até os dias de hoje¹⁷.

Porém, seu primeiro contato com a política por meio de troca de favores, ou seja, no exercício cotidiano do clientelismo no Nordeste, acabou refletindo, ainda que de modos variados,

¹⁷ De acordo com Bobbio (2009), o termo clientelismo faz alusão à Roma Antiga, pois “[...] Em Roma entendia-se como clientela uma relação entre sujeitos de *status* diversos [...] relação de dependência tanto econômica quanto política, sancionada pelo próprio foro religioso, entre um indivíduo de posição mais elevada (*patronus*) que protege seus clientes, os defende em juízo, testemunha a seu favor, lhes destina as próprias terras para cultivo e seu gado para criar e um ou mais *clientes* os retribuem [...] não só mostrando submissão e deferência, como também obedecendo e auxiliando de várias maneiras o *patronus*.” (BOBBIO; MATTEUCCI e PASQUINO, 2009: 177).

na maneira como esse depoente se comporta em relação à política até os dias de hoje, como procuraremos demonstrar ao longo deste capítulo.

O envolvimento com a política após a migração para São Bernardo do Campo aconteceu por meio do movimento operário, na *Volkswagen*. João trabalhou no setor metalúrgico desde o início dos anos de 1970 até a metade da década de 1990, o que proporcionou a ele, participar desde o início da “onda” grevista deflagrada no ABC no final da década de 1970, acontecimento que foi responsável por grandes mudanças nas práticas, reivindicações e modos de entendimento do trabalho na região. As péssimas condições de trabalho, os salários defasados e a amizade com colegas que estavam descontentes com as práticas sindicalistas desenvolvidas até então, que estavam atreladas ao interesse patronal e estatal, serviram de “estopim” para a participação de João no sindicato e nas greves. Ele orgulha-se desse passado, que o levou a militar no Partido dos Trabalhadores (PT) desde sua formação até os dias de hoje. Relata que desde o início dos acontecimentos grevistas e das movimentações sindicais do Novo Sindicalismo esteve presente, como gosta de falar “participou do movimento, estava junto”.

Esse entrevistado afirma também não ter sido por acaso que decidiu envolver-se com estas questões, mas sim, porque tinha muitos colegas que eram do sindicato e foi fortemente influenciado por esta convivência.

Neste caso, podemos observar forte influência dos processos de socialização secundária relacionados à participação política, sobretudo ao ambiente de trabalho e, mais especificamente, ao grupo de pares, às pessoas com as quais teve maior proximidade nas empresas em que trabalhou. Mas, para nós, soma-se a isso, o fato de João presenciar, desde a infância, certa politização; segundo ele, sua família era constantemente submetida às vontades e “leis” dos grandes latifundiários, tanto em Minas Gerais, quanto no Paraná. No seu depoimento sobre a infância e a vida no campo apareceram, por várias vezes, relatos de conversas em família que demonstravam o descontentamento com os fazendeiros para os quais trabalhavam. O medo de serem expulsos das terras sempre que cobravam seus direitos (o que quase sempre acontecia) e, finalmente, certa clareza de que eram única e exclusivamente utilizados como força de trabalho agrícola para os latifundiários, entendidos por ele como coronéis, são evidentes.

Segundo todos os entrevistados dessa família, a política era sempre um assunto recorrente, o pai sentava-se a mesa, conversava sobre o que acontecia no sindicato ou no partido. Maria não era completamente a favor da participação de seu marido em greves, mas, ao contrário de grande

parte das mulheres no bairro, militava junto com João, e sempre que seu marido lhe explicava o dia a dia no trabalho e no sindicato, procurava explicar aos filhos a importância da participação sindical de seu pai na empresa e também nos primeiros anos de existência do Partido dos Trabalhadores. No trecho abaixo, Maria explica um pouco melhor o fato de acompanhar o marido em atividades do partido:

Eu ia, sabe porque? Porque muitas esposa ia pra dar um apoio e depois assim, pra ver o Lula, conhecer assim, o Lula de perto, porque a gente via muito assim em televisão, no jornal, o que o marido falava, então eu queria conhecer, porque o Lula era assim, respeitado, todo mundo falava muito bem do Lula, gostava muito dele, porque ele lutava muito assim, pela classe trabalhadora, então eu ia mais pra isso, né? E era gostoso ir. Eu acho que o PT hoje mudou muito, é mais briga e muita confusão, muito ‘disse-me-disse’ e antes, não era assim. Eu gostava de participar, eu tenho carteirinha, eu fiz a minha carteirinha, hoje eu não sei mais aonde tá, nem nada, porque eu esqueci um pouco da política, assim, eu esqueci um pouco, deixei pra lá, né? Mas eu tinha até carteirinha. (Maria, entrevista de pesquisa, 2011).

A militância no partido foi a maior aproximação de Maria com a política. Ela nos contou, inclusive, que, juntamente com João, fez parte da gravação da primeira propaganda eleitoral petista. Atualmente, Maria afirma não militar, mas não se afastou completamente de atividades do partido, pois em período de campanha eleitoral ela auxilia o marido nas propagandas de rua, distribui voluntariamente “santinhos” de candidatos e se mantém informada sobre política não apenas em períodos de campanha eleitoral, já que seu marido é bastante envolvido e sempre conversam sobre os novos acontecimentos, especialmente assuntos relacionados ao Partido dos Trabalhadores.

Além das atividades partidárias, Maria também conversava sobre política com outras mulheres no bairro:

Quando tinha umas mulher mais amiga sua, que o marido tava passando a mesma situação que a sua, que os marido também tava na greve, reunião e tal, as vezes você comentava, né? Igual tinha a cunhada da Ana do Carmo [Deputada Estadual e moradora do bairro pelo Partido dos Trabalhadores] que a gente era muito amiga e o marido dela também tava na mesma situação, e a gente discutia, conversava junto, falava sobre política. Mas aí tudo isso passou, o pessoal mudou, foi embora, as greve acabou, então... (Maria, entrevista de pesquisa, 2011).

Porém, na trajetória de Maria, é importante observar que nem sempre ela apoiava o marido em sua militância e lamenta as privações que sua família passou.

Nessa época era as greve. Era 78. Então, essa greve era muito difícil, eles não tinha noção de como a gente ficava. Então eles fazia assim, hoje tinha greve, não ia trabalhar, todo mundo se reunia lá e fazia as passeata, da *Volks* eles ia até a Matriz aonde eles se reunia, o Lula tava lá também o Vicentinho, tava um monte lá no meio. Enquanto isso, a gente ficava aqui preocupada né, com eles. Preocupada com polícia, às vezes chegar e bater e machucar eles, como machucou muitos, né? Esse vizinho aqui quebrou o braço, teve que fazer cirurgia, outros apanhava, levava aquelas bombas de gás, então a gente ficava preocupada com o que tava acontecendo lá com eles. [...] (Maria, entrevista de pesquisa, 2011).

No início das greves, Maria era contra a participação de João, temia que ele se machucasse ou fosse mandado embora, sofria muito quando os pontos eram cortados e os trabalhadores ficavam sem receber durante muitos dias, porque os reflexos eram sentidos pelas mulheres que administravam o orçamento doméstico ainda mais prejudicado pela falta de parte do pagamento. Porém, com o tempo, ela foi aceitando a posição do marido.

Então, com o tempo foi mudando, porque ele chegava dessas reunião, dessas palavras, chegava e sentava comigo, conversava comigo e falava, fia a gente tem que fazer, é pro nosso bem. Aí explicava o porquê que tava fazendo isso, o que que eles queria, e aí a gente ia aceitando um pouco mais. Foi muito difícil porque por causa dessa greve, a *Volks* mandou muita gente embora, e ele também. Esse meu vizinho, pra você ver a diferença, tinha dois vizinhos que trabalhava na *Volks*, um não fez greve que era esse que a perua sempre vinha buscar e ele aposentou lá na *Volks*, aposentou lá, já o outro irmão dele que participou de greve e tudo isso teve o braço quebrado, hoje ele tem defeito no braço, tem aqueles ferrinho no braço e foi mandado embora. E meu marido passou um tempinho e foi mandado embora também, então essa, essa é a diferença, hoje a gente poderia estar melhor e não ter passado tanta coisa que a gente passou. Mas como ele dizia, não, não vou furar nem nada, foi assim mesmo. (Maria, entrevista de pesquisa, 2011).

Observamos que apesar de procurar entender o marido, Maria ressentia-se por aquilo que ela entende ter perdido pelo fato de João privilegiar a militância sindical ao emprego, o que, para ela, acabava trazendo duras consequências para toda a família.

[...] Assim, eu entendia que tinha que ir pras greve quando ele me explicava, mas ainda assim, achava que ele tinha que ir trabalhar, a minha opinião sempre era essa. Falava João, você tem que ir, a gente tá começando a vida agora, tem muita conta, nesse tempo eu já tinha a menina e já estava esperando o outro menino, o Reinaldo. Então, eu falei pra ele que tem que pensar nisso, não podia pensar, ah, o outro ta fazendo tem que fazer, vai me chamar de pelego, disso aquilo, eu falava não, não pode pensar assim... Mas aí é

a cabeça dele, vai fazer o que? Você não pode mandar, você tem que falar o que você acha e pronto, né? (Maria, entrevista de pesquisa, 2011).

João deixou de ser metalúrgico em 1997 e tornou-se segurança. Hoje, trabalha no setor de serviços, realidade de muitos dos ex-metalúrgicos de Ferrazópolis, aposentou-se por tempo de serviço, mas continua trabalhando. Apesar de ter deixado o setor metalúrgico, ainda participa de reuniões esporádicas com colegas do sindicato e milita no Partido dos Trabalhadores.

Na época eu fui obrigado a mudar! Porque não tinha mais serviço de fábrica, né? Eu tava lá, numa firminha, a última metalúrgica que trabalhei e faliu e era uma autopeças e nós trabalhava pra trator, peça de moto, peça de caminhão, inclusive mais pra trator agrícola também, nós fazia peça pra Catepila que fazia máquina pra trabalhar em rua né? Pra *HONDA* e trator industrial que trabalha em área rural, né? Era mais esse trabalho que a gente fazia. E na época do Fernando Henrique acabou, né?! Foi a época que a agricultura acabou, foi uma grande crise da agricultura e isso foi enrolando, esperando e nunca que acontecia nada, não vendia nada, né? Porque agora no governo Lula, né? Os cara tão bombando aí né? Toda máquina que fabrica, os fazendeiro agora só compra máquina sofisticada. Na época não comprava nenhum trator pra rastelar as roça lá, não comprava, porque não tinha, né? Não tinha investimento na agricultura na época do Fernando Henrique. (João, entrevista de pesquisa, 2010).

O seu bom relacionamento com alguns políticos eleitos serviu de auxílio em certos momentos, como na procura por um emprego.

Aí o cara lá me ofereceu uma vaga de vigilante na Septem, que o chefe lá era amigo da Ana do Carmo, aí eles me levaram lá e fiz uma ficha e no outro dia eu já comecei a trabalhar, tava com a corda no pescoço... E aí trabalhei uns cinco ano e de lá já fiz curso de vigilante, tal e fui trabalhando na área e to até hoje.[...] Aí, a Ana me arrumou esse emprego e eu comecei a trabalhar com a Ana aí me envolvi em todos os mandatos da Ana eu trabalhei com ela. Toda campanha política eu tava no meio, Aí eu fiquei meio fanático! Eu já tinha trabalhado antes, com outros político aí, me engrenei com a Ana e ela não tinha ganhado nenhuma eleição ainda, trabalhei uma vez pra ela e não ganhou e aí depois foi ganhando e não parou mais, e das últimas vezes pra deputado que ela ganhou, acho que foi umas três ou quatro vezes pra vereador e ganhou duas pra deputado. Nessa última eleição, o pessoal do sindicato me convidou pra fazer campanha pro Carlos Grana, que era secretário geral do sindicato aí o pessoal conhecia, assim, o meu trabalho na política, né? Sempre trabalhando com a Ana e eu sou filiado ao PT, tenho carteirinha e tudo. Aí o pessoal falou, ah João! Você trabalha com a gente e tentaram tirar eu da Ana e eu acabei fazendo um acordo devido ele ser metalúrgico e o João Paulo tá trabalhando de metalúrgico, fui ajudar o Grana. (João, entrevista de pesquisa, 2010).

Observamos nesse trecho do depoimento certo reflexo de práticas clientelistas de troca de favores no entendimento da política. João passou a auxiliar a deputada citada por conta do

emprego conquistado graças à sua indicação. Ao ser questionado sobre o que fazia desta deputada uma boa escolha, ele afirmou que ela sempre ajuda quem precisa que é só procurar que ela não desampara, haja visto o emprego que ela conseguiu para ele e por tantos outros que ela tenta arrumar, o que faz com que alguns se sintam agradecidos e passem a apoiá-la. A deputada afirma “o bom político é quem tá com o povo”, mas na visão de muitas pessoas, inclusive de outros moradores no bairro é de que um único candidato ou político com mandato assumido pode e deve conseguir empregos, benefícios para aqueles que o conhecem e apoiam, pois assim, sempre darão o apoio e o voto à eles, em outras palavras, seria “um ajudando o outro”. Neste sentido, para esses moradores do bairro, com os quais mantivemos contato, a esfera da administração pública de maneira mais geral, ficaria em segundo plano, em detrimento de pequenos auxílios que garantiriam a continuidade daquele ou daquela que os ajudou no governo.

As preferências partidárias de João e seu auto-enquadramento claro no eixo ideológico de esquerda fazem com que todas as suas afirmações sobre o país e sobre os problemas pelos quais passou sejam atribuídos à outros governos, partidos ou propriamente à alguma figura emblemática de outro partido, como no caso acima que trata o problema da agricultura nos anos de 1990 como responsabilidade exclusiva do ex-presidente da república Fernando Henrique Cardoso. A visão sobre a política e o sistema administrativo que João adquiriu ao longo dos anos permite enxergá-los dessa maneira e foi esse viés que permeou o que ele nos relatou na maioria de nossas conversas.

Até hoje esse depoente está sempre envolvido em campanhas políticas, apoiando um candidato do Partido dos Trabalhadores, sobretudo vereadores e deputados, quando os cargos eram pleiteados por conhecidos seus do sindicato ou do bairro. João procura, até hoje, influenciar o voto de toda a família.

A participação intensa de João em questões político-partidárias resulta, ainda, em um interesse maior, mas como ele conhece de modo mais profundo e respeita o funcionamento de um partido e os interesses em jogo no momento das prévias eleitorais e lançamento de candidatos ele aceita o que o partido decide:

Eu tinha vontade de me candidatar, mas de acordo com o jeito que os caras tem, que tem as cartas marcada, não dá. Porque ali tem as cartas marcada, quando chega lá, já tem as carta marcada, lá só entra quem eles quer. [...]Se eles for com a sua cara, eles pensam, não vamos apoiar o outro, o outro tá aqui todo dia, o João não aparece muito... eu trabalho, por exemplo, como eu trabalho eu não vivo da política, eu não posso participar de muita reunião, todo dia reunião, nos diretório, entendeu? Que nem tem o diretório no

Paço, então, a maioria das decisão são feita lá, aí se reúne o pessoal, faz a reunião e a todas as decisão são feita lá, por exemplo, aqui tem uma, como se diz, um presidente, que é o cara que comanda aqui o diretório de São Bernardo e tem outro, e assim por diante, então aqui é decidido os candidato de São Bernardo, Santo André os de Santo André, então em cada região é que escolhe seus candidato, aqui, por exemplo, eu falo: quero sair candidato! Como aqui em Ferrazópolis umas dez pessoa quer sair candidato a vereador, mas só umas duas ou três pode sair, entendeu? Porque se sair um monte, cada um vai ganhar menos voto e não vai eleger ninguém, sabe? Aí o que decidia, então? Os nosso delegado vão escolher vão votar, aí começa aquela manipulação lá por debaixo do pano, aí chega os vereador lá e fala, não você vai votar nesse, vota nesse aqui que é melhor, aí o que é que acontece? Aquele é o escolhido, então é mais ou menos assim que funciona. [o filho intervém e diz que se o pai se candidatasse teria grandes chances, pois muita gente o conhece e o admira na região]. (João, entrevista de pesquisa, 2010).

Até mesmo em momentos de lazer, como no futebol de várzea e campeonatos amadores com os quais a família envolve-se, João traz questões ligadas à política:

A gente sempre mexeu com futebol, sempre muitos anos envolvidos com futebol, nós já comandamos três times de futebol, conhece um monte de gente. Inclusive o AJAX, o nosso time aí, já tem quinze anos já com o AJAX Futebol Clube, só o AJAX, mas já fomos organizar outros dois time e a gente tem um conhecimento muito grande de São Bernardo, tem vez que tá reunido 170, 180 time de futebol de São Bernardo, disputa de campeonato tudo, aí. E as vezes a gente á num congresso de 180 times, até mais de 200, já tivemos com 220 time. Por exemplo, 200 time, são 200 diretor e incluindo comigo e a gente tá sempre nos congresso discutindo, forma de campeonato, é muito badalado e tem política junto. Inclusive a gente entrou com o time nosso apoiando o Grana, né? E o Pio, presidente da (Associação de Amigos do Bairro Ferrazópolis) tá com a rádio pra ser autorizada logo, não sei se ainda esse ano, parece que, não sei se vai ser no Limpão, que é um lugar alto, lá que vai ser a Princesa e um dos objetos também é que ele falou, João, que vai ser vários interesses que a gente pra apoiar o Grana, vai ter a rádio, vai ter, a gente, creio eu que a gente vai ter uns anúncios grátis pra divulgar o time e vocês vão ver eu falando lá na rádio quando for inaugurado e eu vou lá fazer umas visita e eu fazia parte da equipe do Pio na Política e aí vocês vão ver eu falando na rádio, divulgando o time de futebol e tudo e vai ser bastante amplo, vai ser bastante divulgado o nosso time de futebol e algumas campanha que a gente tem ainda em mente, é vamos soltar o nome de um candidato pra vereador que a gente vai apoiar de novo, entendeu? E a gente vai continuar aí uns dia na política, né, não sei até quando, né? O que pra mim é uma coisa que nem um time, que nem se eu tiver jogando futebol, que a gente tá num campo é tá discutindo a política, é... mais é gostoso você tá no meio da multidão, você tá embalado ali e tenta convencer o eleitor e diz ó, esse aqui é melhor! Porque os cara fala, mas não tem político que preste, aí eu falava, mas espera o Grana ganhar que você vai ver, porque ele não é político, ele é um cara do sindicato, um cara que tá envolvido com o povo, benefício, briga por salário, briga por direito social, né? Então a gente discute tudo isso. (João, entrevista de pesquisa, 2010, grifos nossos).

Como podemos observar, nesta família, a política faz parte do cotidiano, embora não sejam todos que se envolvam com a militância propriamente dita.

2.4.2 Os Ferreira e a política

O casal Geraldo e Lúcia morava em uma cidade pequena, no sertão do nordeste, em que algumas questões políticas, em especial as campanhas eleitorais para as eleições locais representava grande importância na vida das pessoas. Ambos relatam que mesmo aqueles que não se interessassem pelas campanhas eleitorais, na “época da política” (as eleições) acabavam envolvidos, sejam por questões familiares ou relações de trabalho (por vezes, a participação na campanha política e até mesmo o voto era direcionado aos candidatos que os patrões apoiavam). Havia também aqueles engajados em apoiar aos candidatos da região e por fim, os que participavam pela “farra”, pois na época da campanha eleitoral a vida nas cidades próximas ao sítio ficava muito mais agitada.

Segundo Geraldo, muitas pessoas aproveitavam o período de campanha eleitoral e apoiavam determinados candidatos em troca de favores, em práticas políticas que poderiam ser classificadas como clientelistas. Os favores eram configurados pela prestação de alguns serviços básicos que o Estado deveria promover (mas não promovia) para atender a população, como transporte para consultas médicas em outras cidades (por conta da falta de médicos na região), a realização de exames oftalmológicos, a compra de óculos, doações de dentaduras etc. Segundo o casal, muitos candidatos aproveitavam-se da situação de carência e falta de informação da população para comprar votos.

Notamos que a relação com a política nessas famílias não foi iniciada no trabalho industrial. É claro que se observa um novo tipo de aproximação a partir da sua entrada no mercado de trabalho na cidade, porém, ainda que de modos variados, esses sujeitos já eram dotados de competências políticas, a política já fazia parte da realidade de tais trabalhadores desde quando moravam no campo, seja ela, técnica, referindo-se ao conhecimento sobre o funcionamento do sistema político; política *stricto sensu*, que diz respeito à capacidade do indivíduo situar-se em um eixo político, como direita e esquerda ou social, que considera o interesse dos indivíduos pela política. (PERCHERON e MUXEL, 1985; 1993).

Percheron e Muxel (1985; 1993) apresentam ainda hipóteses referentes ao sucesso da transmissão de preferências partidárias ou ideológicas, entendendo que o mesmo depende: (i) do interesse da família por política; (ii) de uma maior escolarização desta; e (iii) de uma homogeneidade de preferências entre o pai e a mãe.

Diferentemente de Maria, Lúcia não gostava da participação e envolvimento de seu marido com questões de militância sindical no trabalho, temia pelo emprego do marido, que era a principal fonte de renda da família. Ela afirma que não tinha interesse em saber da participação do marido com mais detalhes e não o apoiava em nada que envolvesse política, conta também que sentiu aversão a esses assuntos e declarou que sentia ciúmes do tempo que Geraldo dedicava a atividades sindicais e de militância, sobretudo, quando era necessário fazer viagens ou dormir fora de casa por qualquer motivo relacionado.

Lúcia jamais participou de reuniões com outras esposas de sindicalistas, não tinha interesse em participar de campanhas políticas para nenhum partido político e o único momento em que ouvia o que seu marido falava sobre política era no momento do voto, pois afirma que por não conhecer muitos candidatos, acabava votando naqueles que seu marido apoiava por falta de conhecimento e interesse em escolher outro candidato.

Atualmente, ao ser questionada sobre quais são seus meios para a escolha do voto, Lúcia afirma que escolhe seu voto a partir das indicações dos pastores da igreja que frequenta, a Igreja Universal do Reino de Deus.

É preciso considerar também o modo como diferentes pessoas, que não estão necessariamente inseridas no campo da política, entendem as questões a ela relacionadas, isso pode ser feito de acordo com três dimensões: (i) a política como espaço (espaço de atividades e de conflitos em torno da questão do governo da sociedade) (ii) a política como atividade (atividade de governo ou de influência sobre o governo – exercício da atividade política profissional, por exemplo); e por fim, a (iii) política como ação (ações e decisões tomadas por aqueles que exercem funções no governo sobre determinados setores da sociedade, como as políticas públicas, por exemplo). (DORMAGEN e MOUCHARD, 2010).

A trajetória política de Geraldo no movimento operário e sindical ocorreu de forma diferente de João, apesar de inicialmente terem os mesmos motivos: a vivência de más condições de trabalho na fábrica. A esposa não gostava do seu envolvimento nessas questões, mas não se julgava capaz de proibi-lo de participar de nada. Apesar de a política ter certo espaço na vida dos dois desde a cidade natal, jamais havia ocupado o espaço que começava a ocupar na vida de Geraldo em São Bernardo do Campo.

A entrada para a militância foi o contato mais forte que a família teve até então com questões políticas e isso influenciou nos modos de socialização dos filhos do casal. Geraldo conta que

conversava de modo muito geral sobre o sindicato com sua família, explicava suas atividades de militância para a esposa, que não concordava com suas opiniões e tinha verdadeira aversão a elas, afirmando por repetidas vezes que “as ações sindicais eram vandalismo”.

Sempre que algum assunto relacionado à política iniciava-se na família, o que ocorria quando a questão era a eleição, os partidos, determinado político ou candidato, o casal afirma que sempre conversava sobre o assunto, cada um expressando sua opinião, mas que eventualmente discutiam de forma mais séria, devido às divergências entre eles. Geraldo constantemente ficava bravo, porque os argumentos utilizados por Lúcia não eram embasados em conhecimento político, por vezes, pareciam ser apenas para contrariá-lo.

Durante as entrevistas, podemos presenciar uma discussão entre o casal, quando Geraldo relembra o período em que participou ativamente das atividades sindicais e partidárias, observemos abaixo:

“Em tudo o que as pessoas olha, a primeira coisa que eles olha é o metalúrgico! [A esposa interrompe e diz: ‘os bagunceiros dos metalúrgicos’]. Não tô falando de bagunça! O metalúrgico, ele sabe lutar pelos seus direito! [novamente a esposa interrompe: ‘me lembra que vocês ia se reunir pra ir quebrar ônibus aí, em tempo de matar as pessoas’...]. A gente não queria quebrar e nem bagunçar, a gente pedia pra que as pessoas fizesse as coisa correta. Então, se eles não queria fazer as coisa correta, tinha que usar uma maneira que eles escutasse a gente, que eles ouvisse a gente, que eles visse a gente, porque eles não queria enxergar a gente. Nós era como se não fosse nada na época, eles não queria ver, nós era tratado como baderneiro, mas não era baderneiro, se eles ouvisse a gente, nós não ia fazer bagunça, se eles ouvisse aquilo que a gente queria pra falar. Às vezes nós queria falar e era impedido de falar. Que nem na Ditadura Militar, não poderia fazer isso, você não poderia falar, você não poderia escrever nada, você não poderia ter sua expressão, você não poderia pedir nada, exigir nada de alguém, na época, você não poderia fazer isso. Porque na época da ditadura se alguém se expressasse dessa maneira ele era preso, ele era exilado, era tirado daqui, era levado pra outro lugar porque se não as pessoas torturava, matava até. Mas hoje, nós tem, através dessa luta, dessa briga toda, que as pessoas chama baderna, é que nós tem nosso direito hoje adquirido, é que tem nossa liberdade adquirida, que nós pode ir, pode vim e pode se expressar da maneira que você quiser, então, através dessa luta, então, e isso é que é muito bonito, isso é que é gostoso. Quantas e quantas vezes eu tive que passar noites e noites, na rua por causa disso aí, dessas greve, dessas luta, dessas briga.[...] Um dos maiores resultado quem é? Lula! Mas lula era um herói, era não, ele é um herói! Porque ele venceu tudo aquilo ali, ele chorava amarrado no velório da mãe. Ele tá lá. Ele fez muita coisa por nós, ele fez muita coisa pelo seu país, pelos metalúrgicos, por São Bernardo, que foi onde ele se estabilizou. [Fala isso também em resposta à esposa que novamente reclama: ‘o Lula é o Lula e não levou o Getúlio com ele, pra onde ele está hoje’]. Eu tenho orgulho, porque na época, a gente participava, como é que você não tem orgulho de uma coisa que foi bom pro seu país? Lógico que, mais do que tudo nós somos patriota né? [a esposa diz: ‘ele só fez a obrigação dele’]. Eu me considero uma pessoa de São Bernardo e sou brasileiro e tenho orgulho disso, ter uma pessoa que nem Lula na presidência e ter mudado o país em oito anos que nem ele mudou. Um país que vivia falido em um país que tá crescendo. [a esposa diz: ‘ele e qualquer um, que tem o dever de fazer mesmo, porque é a gente que põe eles lá’] Qualquer um não, porque ficou

a gente aí a vida inteira e ele mudou! Não era qualquer um! Mas ele fez porque, qual era o objetivo? Essa luta que ele teve a vida inteira, o objetivo dele era chegar lá, e fizesse com que acontecesse o que aconteceu pra que todo mundo visse que a luta não foi em vão. A luta que ele fez mais os companheiro dele, não foi uma luta em vão, ela foi uma luta proveitosa, minha fia, ele terminou fazendo tudo aquilo que o seu país esperava, que era mudar o Brasil e ele mudou, nisso não é só eu, todos metalúrgicos bate no peito e fala, é o Lula! De ter passado por isso e hoje tá vendo o que tá vendo.” (Geraldo e Lúcia, entrevista de pesquisa, 2010).

Essa discussão entre o casal é muito rica para a nossa análise, pelo fato de demonstrar como o casal se comporta de modo diferente no que diz respeito à política. Já citamos que Lúcia não apoiava o marido e, mais ainda, com o trecho acima, podemos perceber que ela se ressentia pelo fato de o marido ter dedicado tanto tempo às atividades políticas, perdido bons empregos, benefícios para a família e hoje, só ter palavras e orgulho por participar de uma história que não o favoreceu, pois ele não chegou a usufruir dos benefícios e estabilidades conquistados pela categoria metalúrgica no ABC Paulista, sobretudo, daqueles para os que trabalham em grandes montadoras da região.

Durante a realização da pesquisa de campo, podemos observar a importância e influência que a liderança de Lula no Movimento Sindical teve sobre os trabalhadores que entrevistamos e até mesmo sobre suas esposas, menos no caso de Lúcia que afirma “detestar” Lula.

No trecho abaixo, fica clara a influência da figura de Lula na participação de Maria junto ao movimento sindical e ao Partido dos Trabalhadores:

“Eu ia sabe por quê? Porque muitas esposa ia pra dar um apoio e depois assim, pra ver o Lula, conhecer assim, o Lula de perto, porque a gente via muito assim em televisão, no jornal, o que o marido falava, então eu queria conhecer, porque o Lula era assim, respeitado, todo mundo falava muito bem do Lula, gostava muito dele, porque ele lutava muito assim, pela classe trabalhadora, então eu ia mais pra isso, né? Então, eu participei ainda de umas coisas, tinha umas festa, tinha, quando o Lula ia falar em algum lugar... [...] Eu gosto muito dele. Sabe, lá 1º de maio eu ia ver ele falar, era muita gente que ia”. (Maria, entrevista de pesquisa, 2010).

Como podemos observar nos trechos acima, muitos trabalhadores metalúrgicos falam com verdadeira paixão sobre Lula¹⁸, e tendem a retratar suas trajetórias procurando sempre enfatizar os momentos em que estavam próximos a ele. Essa admiração pode ser notada no depoimento de Geraldo Ferreira e também de Maria Dantas, que chega a afirmar que “iniciou sua participação em atividades políticas por admirar Lula e o que ele fazia para os trabalhadores”. A figura de

¹⁸ Observação concluída ao longo de conversas com metalúrgicos de diferentes empresas, com ex- metalúrgicos do bairro e seus familiares, bem como a partir dos depoimentos dos entrevistados.

Lula é emblemática para esses trabalhadores, pelo fato de enxergarem que a trajetória de Lula iniciou-se de modo semelhante as deles, com a migração, as dificuldades de moradia, péssimas condições de trabalho, participação no movimento sindical, prisão e a ascendente trajetória política que resultou na chegada à Presidência da República. Tudo isso aparece nos depoimentos de três entrevistados da primeira geração, como um exemplo de que a luta dos metalúrgicos do ABC não foi em vão, mas por outro lado, acaba tornando-se uma das poucas vitórias as quais podem agarrar-se como resultado do tempo que dedicaram à militância, pois mesmo sem terem obtido melhorias objetivas em suas vidas, pois não continuaram no setor metalúrgico, projetam a vitória e o orgulho por terem participado deste período do movimento sindical brasileiro na vitória alcançada por Lula – pessoa que é para Geraldo, João e Maria, um grande exemplo e incentivo.

Por fim, neste capítulo procuramos tratar de experiências comuns partilhadas por estes indivíduos, passíveis de constituir grupos geracionais. Poderíamos classificar algumas dessas experiências como: (i) a origem rural e pobre, (ii) a baixa escolaridade, (iii) a migração, (iv) a vivência em um bairro popular, ainda que de modos diferenciados, (v) o trabalho doméstico para as mulheres e industrial, em empresas metalúrgicas, para os homens, (vi) a atuação no sindicato e a militância pelo Partido dos Trabalhadores e, por fim, (vii) a saída do setor metalúrgico em meados dos anos 1990 por não atenderem às novas exigências impostas pelo processo de reestruturação produtiva no setor.

Trabalhados estes pontos, no próximo capítulo, pretendemos abordar as histórias e experiência de vida daquela que classificamos como a segunda geração familiar, composta pelos filhos da primeira geração, de modo que seja possível entender como esse grupo pode constituir uma geração e quais processos de socialização foram e ainda são realizados no interior dessas famílias.

CAPÍTULO 3 A segunda geração: jovens filhos de trabalhadores

Neste capítulo, trataremos da trajetória da segunda geração analisada: os filhos das famílias Dantas e Ferreira. Como apresentado desde o início, o uso do conceito geração neste trabalho é feito de maneira mais limitada do que o fez Karl Mannheim (1963; 1982 e 1990). Procuramos nos ater a gerações familiares, aqui pensadas como os pais e os filhos dessas famílias de trabalhadores.

Ao longo do capítulo anterior, apresentamos elementos fundamentais da trajetória da primeira geração familiar e experiências de vida comuns pelas quais passaram, como a migração, chegada ao bairro, constituição da família, o trabalho industrial e a relação com o universo político. Agora, tratando da segunda geração de modo que possamos entender como ocorreu o processo de socialização no interior de cada família analisada, analisaremos quais elementos foram priorizados e como as transmissões implicadas no interior da família resultaram em comportamentos dos jovens e em modos como eles veem e se veem no mundo.

Este capítulo está estruturado de modo a apresentar os membros mais jovens que compõem a segunda geração e detalhar a trajetória dos três que foram entrevistados em profundidade - Jonas Dantas, de 28 anos, e Renato e Rubens Ferreira, ambos com 19 anos. O fato de as entrevistas mais aprofundadas terem sido realizadas com estes jovens permitiu a análise mais apurada sobre a trajetória deles. Mas, durante as observações realizadas na rotina das famílias, foi possível apreender também informações consideráveis sobre os outros filhos, que aparecerão durante o texto, de modo a tornar a análise mais detalhada.

Seguimos a mesma lógica utilizada para apresentar a primeira geração: iniciamos a análise com a família que reside há maior tempo no bairro, os Dantas, e trabalhamos com um sub-item ao tratar de cada família, que se refere à importância do trabalho no processo de socialização, em seguida, agrupamos as duas famílias no item que pretende discutir a política no processo de socialização e os modos como esses jovens portam-se em relação ao universo político.

3.1 Os filhos da família Dantas

[...] Bom, a minha infância, acho que foi igual à de muita gente da minha idade, eu nasci aqui em Ferrazópolis, um bairro pobre com gente humilde, onde moro até hoje e, gosto muito daqui. Tem seus problemas, mas eu gosto daqui, e minha família, ah! Eu nem tenho muito que reclamar. (Jonas, entrevista de pesquisa, 2010).

Jonas é o filho mais novo da família Dantas. São eles, em ordem de nascimento: Fernanda de 35 anos, Ronaldo de 33, Júlia de 29 anos e Jonas de 28 anos. A primeira filha dos Dantas, Fernanda, nasceu em 1975. Ao saber da chegada de um filho os pais empenharam-se em economizar para conseguir terminar a construção da casa de alvenaria o mais rápido possível para abrigar um pouco melhor a criança. A construção foi terminada, porém, o acabamento da casa ficou para depois e o berço comprado para a filha foi colocado junto à cama dos pais, no único quarto da casa.

Ela cursou o Ensino Médio em período regular e paralelamente fez um curso profissionalizante de enfermagem em escola particular. Como auxiliar, porém, não conseguiu emprego na área e trabalha há muitos anos como recepcionista em um consultório dentário. Fernanda já foi casada, mas, atualmente, é divorciada e não tem filhos.

Em 1977, nasceu outro filho, Ronaldo, o que fez com que aumentassem esforços dos pais para ampliar a casa, o que ocorreu ao longo do tempo. Ronaldo também cursou o Ensino Médio Regular e começou a trabalhar na adolescência, em uma tapeçaria no bairro. Em seguida, teve outros trabalhos temporários no bairro, realizou um curso profissionalizante, também em escola particular, mas na área de embalagens e, atualmente, trabalha em uma fábrica de embalagens no município de Diadema. Ronaldo é casado e tem duas filhas, uma de 10 anos e outra de 3 e mora com a esposa e as filhas no fundo da casa dos pais. O casamento de Ronaldo foi motivo de problemas na família, sobretudo com a mãe. Maria nos contou que até hoje não se conforma com o fato do casamento ter ocorrido tão cedo - na ocasião, Ronaldo tinha apenas 22 anos - e por sua namorada Josélia, na época com 17 anos, ter engravidado. Casaram-se, portanto, contra a vontade de sua mãe que achava que o casamento não era necessário, bastava que fossem tomados todos os cuidados com a criança, mas a família de Josélia fazia questão do casamento.

Quando os primeiros filhos dos Dantas cresceram um pouco e começaram a frequentar a pré-escola, Maria voltou a trabalhar como empregada doméstica, mas dessa vez, como diarista, para poder ter mais flexibilidade de horário e conseguir ajudar o marido sem grandes prejuízos no

cuidado dos filhos. Eventualmente, recorria a alguma vizinha para cuidar dos filhos até que ela chegasse a sua casa. Afirmo que já estava mais acostumada com seus vizinhos e tinha um pouco mais de confiança em deixar seus filhos sob os cuidados de alguns deles, mas era sempre por períodos curtos de tempo.

O tempo passou e a casa foi melhorada, e a família também construiu uma pequena casa na parte debaixo de seu terreno e alugou para poder completar a renda mensal. Essa prática era muito comum no bairro, pois a procura por moradia por lá era alta, devido a boa localização e a proximidade do centro da cidade, da Via Anchieta e de muitas empresas, inclusive de grande porte, como a *Volkswagen* e a *Brastemp*.

Em 1981, nasceu Júlia e, em 1982, Jonas, o último filho do casal, já que Maria realizou cirurgia de ligadura de trompas para que não engravidar mais uma vez e ampliar ainda mais a família. Ela ressentia-se por não ter recebido orientações de sua mãe quanto a meios de contracepção, e diz que se tivesse recebido tais orientações poderia ter planejado melhor a família e não teria passado por tantas dificuldades, porém, afirma que hoje em dia entende a posição de sua mãe e, que mulheres de sua geração, de maneira geral, sofreram com falta de informação sobre métodos contraceptivos e planejamento familiar. Maria destaca-se entre as mulheres entrevistadas pelos posicionamentos e opiniões manifestas, que são um pouco diferentes das demais, o que poderíamos classificar como menos conservadoras.

Júlia, assim como seus irmãos, também cursou Ensino Médio Regular, porém, não fez nenhum curso profissionalizante e nunca trabalhou por muito tempo no mesmo local. O emprego em que permaneceu por maior tempo foi como recepcionista de um salão de beleza localizado no bairro. No período das observações e entrevistas, Júlia estava desempregada e morava junto com seu namorado na casa de seus pais.

Nesta família, optamos por entrevistas em profundidade com o filho Jonas, hoje com 28 anos, pois entre os quatro filhos, foi o único que se tornou metalúrgico, profissão da qual sentem orgulho tanto ele, quanto seu pai.

Jonas considera-se um filho “difícil”. Ao pedir para que falasse sobre sua vida, ele sempre se remete à escola e ao quanto deu “trabalho” quando estudava, já que não se adaptava à rotina disciplinar da escola, com os horários a serem cumpridos e, principalmente, com o péssimo relacionamento que costumava ter com os professores. De acordo com o próprio depoente e com os seus pais, Jonas foi o filho que mais os desobedecia. Os pais costumavam punir fisicamente os

filhos desobedientes e, segundo Jonas, o que mais os irritava era quando eles pegavam brinquedos dos colegas e traziam para casa.

Nesta família os filhos podiam brincar na rua, mas Maria afirma que só permitia que seus filhos brincassem em frente ao portão, jogando bola com os amigos, pois os vizinhos eram conhecidos há muito tempo. Eram permitidos o futebol e as brincadeiras de rua, como “esconde-esconde” e “pega-pega”. Segundo Jonas, na rua, a maioria dos que saíam para brincar eram meninos. Os pais evitavam deixar as filhas irem brincar na rua, o que também ocorria em sua família.

Assim que completou oito anos de idade Jonas ganhou seu primeiro vídeo game para brincar junto com seus irmãos. Nesse período, início dos anos de 1990, poucas crianças no bairro possuíam esse tipo de brinquedo eletrônico e sua casa vivia cheia de garotos, o que muitas vezes irritava seus pais. João informou que havia vezes que trancava o vídeo game dentro do guarda roupa para que o filho não “lotasse” a casa com os garotos do bairro.

O fato de o pai poder presentear o filho com um brinquedo mais caro, como é o caso de um vídeo game, aponta para a melhor condição socioeconômica da família, que podia realizar gastos maiores com despesas alheias à vida doméstica, como alimentação, por exemplo, que é a preocupação central de todas as famílias entrevistadas. Após ganhar o vídeo game, Jonas passou a ficar muito mais tempo em casa, e esse era realmente o intuito de seus pais ao comprarem o brinquedo.

Citamos o vídeo game na trajetória deste filho pelo fato de que, apesar de ser um brinquedo para todos os irmãos, o maior interessado em possuí-lo era o próprio Jonas, que, a partir de então, se dedicou a brincadeiras com jogos eletrônicos, chegando a fazer disso uma forma paralela de ganhar dinheiro, participando de campeonatos com premiações bastante significativas. Outro motivo está na importância que essa relação com jogos eletrônicos desempenhou em sua socialização. Segundo ele, o gosto por jogos eletrônicos influenciou até mesmo seu gosto musical pelo “rock”, suas vestimentas e redistribuiu seu ciclo de amizades, que foi ficando cada vez mais relacionado àqueles que também jogavam e possuíam assuntos e conhecimentos comuns. De acordo com Setton (2005), as mídias desenvolvem papel fundamental no processo de socialização contemporâneo, o que foi possível observar na trajetória do filho caçula dos Dantas. Desde a compra do primeiro vídeo game, ele sempre teve o último modelo do

ano. Em sua casa há uma coleção considerável de cinco modelos de grandes marcas consoles, que fica exposta em local de destaque na sala de estar.

Na adolescência, Jonas foi *punk*. Vestia-se e comportava-se de acordo com o movimento musical de mesmo nome, surgido nos anos de 1970, na Inglaterra, e que chegou com maior peso no Brasil nos anos 1980. Os *punks* apreciam a música pesada e simples e também são, de modo geral, grupos politizados influenciados majoritariamente pelo anarquismo, repudiando e protestando contra todos os tipos de instituições, principalmente o Estado, a Igreja e a família. Um número bastante considerável de jovens *punks* define-se como ateu, como era o caso Jonas durante a adolescência.

Sobre isso é importante citar o fato de que a família Dantas, no geral, não é muito religiosa. Os filhos não frequentam nenhuma igreja ou seita e, assim, a religiosidade não foi um aspecto importante no processo de socialização dos filhos, no entanto, Maria declara-se evangélica e frequenta de forma irregular uma Igreja Neopentecostal do bairro, embora não exija a participação de nenhum de seus filhos, nem do marido nos cultos. O filho Jonas, por influência da esposa, afirma acreditar em Deus, mas diz isso apenas para agradar a esposa, pois não crê realmente e, muito menos, frequenta ou frequentaria nenhum tipo de igreja e nem seguiria religiões.

Sobre o modo como foi educado ele diz-se satisfeito com o que os pais puderam oferecer-lhe, porém, reclamou da ausência do pai na infância:

Sempre sentia um pouco a falta do meu pai. Queria que ele estivesse mais presente comigo, eu aprontava na escola, aprontava mesmo, era danado, mas hoje eu entendo que era para chamar a atenção dele. (Jonas, entrevista de pesquisa, 2010).

Hoje em dia, afirma valorizar tudo o que o pai fez para criá-los e a forma como se dedicou aos seus ideais. Durante toda a entrevista, Jonas narrou algumas histórias que seu pai lhe contava sobre a militância, e, por vezes, foi necessário interrompê-lo e pedir para que falasse um pouco mais sobre sua própria trajetória. Segundo o depoente, seu pai fez questão de contar, especialmente a ele, muita coisa de sua trajetória política, pelo fato de ele ser o único filho que se tornou metalúrgico.

A vivência desse filho no bairro foi bastante intensa, tinha amizades, com costumes em comum com os outros moradores. Pouco andava com os garotos da parte mais alta, onde se

localizava a maioria das favelas, mas seus pais jamais proibiram a aproximação com os moradores dessa região. Mesmo não frequentando igreja, fazia como a maioria dos jovens do bairro e frequentava as quermesses anuais das igrejas católicas da região, pois estas funcionavam como um ponto de encontro tradicional entre os jovens.

Seu pai participava de times de futebol de várzea em São Bernardo do Campo, e fazia questão de que seus filhos o acompanhassem e jogassem. O futebol é outro *hobby* de Jonas, e também de seu irmão Ronaldo, escolha fortemente influenciada pelo seu pai. Paralelo a isso, o jogo eletrônico preferido de Jonas é também, o futebol, com o qual ele conquistou a maioria dos campeonatos que participou. E toda a família mobilizava-se para a realização de campeonatos de futebol, inclusive as mulheres: algumas participavam da torcida, normalmente as mais jovens, as outras ficavam em casa preparando comida para todo o time em dias de jogos.

Quando completou 20 anos de idade, Jonas ainda não havia conseguido encontrar emprego, mesmo tendo concluído o Ensino Médio Regular, como seus irmãos. Trabalhava desde os 16 anos, fazendo bicos esporadicamente, como ajudante de caminhoneiro em entregas - ajudava um vizinho e ganhava por entrega realizada. Não realizou nenhum curso técnico ou profissionalizante até esse período, não tinha interesse nenhum nesse tipo de escolaridade, apesar da insistência de seus pais para que tentasse. A solução encontrada por ele para conseguir trabalho foi migrar para o Paraná, precisamente para Curitiba, onde morava um de seus tios. Jonas tinha uma namorada e pretendia casar-se, mas, como não conseguiu um emprego que considerasse bom, resolveu migrar sozinho e tentar a vida em outro estado, seguindo o exemplo de seu pai. Ele não considerava o trabalho no comércio como um bom emprego e repudiava a ideia de trabalhar em uma loja de shopping, lugar pelo qual sentia particular aversão, pois o considerava como “templo de consumo”.

A estadia em Curitiba durou cerca de dois anos e ele visitava a namorada e a família em feriados nacionais. Ficou pouco tempo na casa do tio, logo alugou um quarto em uma pensão, encontrou emprego em uma empresa Metalúrgica, a *Bosh*, e realizou cursos profissionalizantes em escolas particulares da cidade. A empresa na qual empregou-se tinha filial em São Bernardo do Campo e, com um ano de trabalho, pediu para ser transferido e retornou para a casa dos pais. Foi quando iniciou a reforma nos fundos do terreno para a construção de uma casa para morar com a futura esposa. Jonas casou-se em 2008, não tem filhos e mora nos fundos da casa dos pais.

Assim como muitos jovens de sua idade sem curso superior, Jonas passou por uma série de problemas para conseguir trabalho, até que migrou, realizou cursos profissionalizantes na área de metalurgia e conseguiu emprego na área, porém, nenhum deles era um emprego para funcionário qualificado. Durante o período de 2008 a 2010, passou por cerca de quatro empresas metalúrgicas de pequeno e médio porte, geralmente de autopeças, mas não permaneceu por muito tempo em nenhuma delas, pois, segundo ele, a trajetória de seu pai o ensinou a não aceitar más condições de trabalho. Chegou a selecionar emprego de acordo com o cumprimento de acordos sindicais ou não e, mesmo sem ser militante sindical, ele associava-se para garantir alguns direitos, quando não entrava em empresa com acordo coletivo, em que todos os funcionários eram associados.

Atualmente, Jonas está empregado no setor metalúrgico, trabalha na produção em uma empresa de componentes automotivos de médio porte em São Bernardo do Campo, a “Filtros Fram” pertencente ao grupo *Sogefi*.

Sobre a vivência no bairro, ele, mesmo depois de um período fora do estado, afirma:

Eu gosto de morar aqui. Não tenho vontade de mudar, no bairro tem muita gente que conheço desde pequeno, gente assim como eu, parecida comigo, simples e honesta. Claro que tem gente estranha, tem os problemas da violência, mas aqui eu tenho minha família, meus amigos e as pessoas são muito mais carinhosas e amigáveis do que lá no sul, na minha opinião. Estou bem localizado, moro perto dos meus pais e aqui sou bastante feliz. (Jonas, entrevista de pesquisa, 2010).

Detalhada a família, trataremos um pouco mais a importância do trabalho e da política no interior dela, bem como sua implicação nos processos de socialização.

3.1.2 O trabalho no processo de socialização

Para a família Dantas, os filhos deveriam ocupar-se em estudar no tempo correto, quer dizer, no período regular - durante a infância e adolescência - porque isso lhes garantiria um bom emprego. O trabalho é considerado dignificante, assim como os valores positivos agregados a ele, que foram presentes ao longo dos processos de socialização observados nesta família.

Ah, nós sempre explicamos pros menino que eles tinham que trabalhar, mas que principalmente deviam estudar, porque estudando podia conseguir um trabalho melhorzinho, em uma firma boa, grande, com todos benefício. A pessoa que trabalha, ela tem a cabeça boa, fica longe da rua, muitas vezes ajuda a se afastar do que não presta. (Maria, entrevista de pesquisa, 2011).

Ah, meus filhos, Graças a Deus, não me deram trabalho. Sempre estudaram, mesmo sendo difícil na escola, que nem Jonas, mas, tudinho terminaram a escola, fizeram curso e trabalharam, são tudo trabalhador. O cabra tem que trabalhar, porque o trabalho é que ajuda o homem a se tornar homem, é o dinheiro digno, suado. Sempre procurei dar exemplo de trabalho pros meus filhos, principalmente pros menino. (João, entrevista de pesquisa, 2010).

Os filhos homens do casal conseguiram empregos temporários esporádicos desde o início da adolescência: Ronaldo a partir de quatorze anos e Jonas aos dezesseis. Já as filhas mulheres não trabalharam até completarem 16 anos. Fernanda, por exemplo, começou a trabalhar com essa idade em um bazar no bairro. Em casa, não eram obrigadas a ajudar a mãe nas tarefas domésticas, aliás, de acordo com os pais, nenhum dos filhos realizava muitos trabalhos domésticos. A única tarefa que as filhas tinham, de vez em quando, era cuidar dos irmãos mais novos. Maria preferia, ela mesma, realizar as tarefas domésticas, afirma que seu desejo era o de que suas filhas importassem-se apenas com os estudos. João fazia questão de que seus filhos trabalhassem na “idade certa”, porque o trabalho para ele “ajudava a formar o homem”. Tal “idade certa”, para ele, era a partir da adolescência, mas o trabalho deveria sempre ser conciliado com a escola.

Os investimentos educacionais que os pais conseguiram realizar não se ampliaram muito além do ensino regular em escolas públicas, porém, sempre visavam uma boa colocação no mercado de trabalho, por isso, apoiaram e investiram em cursos de informática para as filhas, pois os filhos não se interessaram. Custearam o curso em auxiliar de enfermagem de Fernanda e os cursos profissionalizantes em tapeçaria e em embalagens realizados por Ronaldo. Maria e João sabiam que a realização de investimentos extracurriculares e em cursos profissionalizantes era fundamental para conseguir uma melhor colocação no mercado de trabalho, mas realizavam investimentos de acordo com seus conhecimentos e poder aquisitivo, o que só alcançava a realização de cursos em pequenas escolas particulares de ensino profissionalizante, ou algum curso gratuito. O fato de ter um pai metalúrgico influenciou o filho mais velho a prestar o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), mas ele não foi aprovado no processo seletivo e não participou dele novamente. Apenas Jonas recusou-se a realizar cursos durante a adolescência

e seus pais lamentam por ele não ter aproveitado nenhuma oportunidade que puderam lhe oferecer.

[...] Ah, o Jonas... Ele é um menino inteligente, mas eu não sei não, viu. De todos, acho que ele é o mais esperto, o mais inteligente, mas o moleque parece que parou no tempo, não quer saber de estudar mais nada, só fez a escola e pronto. Aí, lá no Paraná fez uns cursinhos, que pelo menos, rendeu um emprego a ele, mas precisava fazer faculdade. Hoje em dia a gente sabe mais um pouquinho das coisa, meus amigo do sindicato fala, e os filho dele que trabalha nas montadora é tudo formado. Pra trabalhar na metalúrgica tem que ter faculdade, tem é um bocado de engenheiro apertando botão lá, e ele fica aí perdendo tempo, a gente já quis até ajudar ele a pagar a faculdade, porque hoje em dia as coisas tão melhor, mas ainda nada! Mas vamo deixar, uma hora a gente convence ele! (João, entrevista de pesquisa, 2011).

Nesta família podemos observar que o trabalho tem uma dimensão fundamental, fez parte da socialização, porém, a dimensão dada ao trabalho vai além da dignidade e da moral proveniente dele. O trabalho era entendido como um meio de mobilidade social e, para isso, era necessário preparar-se adquirindo credenciais escolares. Esforços foram e ainda são empreendidos neste sentido (ao passo que a família tem mais acesso às informações). Os pais sempre almejavam ver seus filhos trabalhando, independentes e em bons empregos, por isso investiram em credenciais escolares, dentro do alcance da família. Atualmente João, Maria e a esposa de Jonas esforçam-se para convencê-lo a cursar faculdade para que possa progredir na carreira como metalúrgico, o que demonstra a importância dada à educação na busca de melhores empregos e, conseqüentemente, melhores salários, com maior número de benefícios.

3.2 Os filhos da família Ferreira

Entre os seis primeiros filhos do casal, apenas Valter, o mais velho, nasceu em São Bernardo do Campo, os demais nasceram na Paraíba, no mesmo local em que os pais, o sítio Riacho Verde. Todos os seis filhos passaram pela experiência da migração. O primeiro filho, como já citado, faleceu ainda bebê, em seguida, Geraldo, que voltou de São Bernardo do Campo quando seu filho ainda estava doente, no ano de 1980, resolveu ficar mais um tempo em sua terra natal, alternando em períodos de ida e volta, o que representa uma trajetória de migração entrecortada.

O filho mais velho, Valter, tem hoje trinta anos, é pai de três filhos e está em seu segundo casamento. Não chegou a concluir o ensino médio, parou várias vezes de estudar, até que desistir de frequentar a escola. Seus pais tentaram aconselhar-lhe, mas como nenhum dos dois era muito presente em casa, porque trabalhavam fora, os filhos acabavam desobedecendo algumas de suas ordens. A trajetória profissional de Valter foi também bastante acidentada, os irmãos contam que ele trabalhava fazendo “bicos”, ajudando o pai e os vizinhos desde a adolescência, quando tinha em torno de 11 anos de idade. Após completar 18 anos chegou a trabalhar em fábricas pequenas, como uma gráfica, porém, sempre trabalhou pouco tempo em cada uma delas. Após o nascimento de seu primeiro filho, hoje com oito anos de idade, construiu uma casa de dois cômodos na parte de baixo da casa de seus pais, prática comum entre as famílias do bairro, que pudemos notar em entrevistas e observações no local. Os terrenos, que não são muito grandes, chegam a comportar até quatro casas para abrigar as novas famílias que os filhos constituem. Após o casamento, Valter começou auxiliar o cunhado em uma empresa de estamparia, o que foi avaliado como um avanço em termos de estabilidade, pois apesar de ser uma empresa da família, tratava-se de um trabalho formal.

As informações sobre Valter foram passadas pelos irmãos e pelos pais, de modo superficial, porque ao longo do período de observações realizadas na família, ele estava preso por envolvimento com tráfico de drogas. Foi possível notar que o fato de ter um filho preso representa uma mágoa para os pais, que não entravam em detalhes sobre o envolvimento do filho com o “mundo do crime”, mas ao longo de seus depoimentos relatavam as dificuldades que estavam passando para pagar advogado e fazer visitas periódicas ao filho, visto que ele havia sido transferido para um presídio no interior de São Paulo. No pouco que Lúcia falou sobre o filho, comentava que não poderia abandoná-lo neste momento com medo que ele jamais se recuperasse. Geraldo, por sua vez, que pouco falou sobre o assunto, referia-se ao filho apenas em alguns momentos para relatar as dificuldades financeiras que passava por conta da situação em que se encontrava e também porque a ex- esposa de Valter movera uma ação que obrigava Geraldo a pagar pensão para seus netos.

Como já citado, a violência e o tráfico de drogas representam um problema sério no bairro Ferrazópolis, principalmente na região das favelas. É recorrente no depoimento dos filhos mais novos, relatos sobre a preocupação que os pais tinham em não deixar com que se envolvessem com o crime e as drogas, e isso conduzia inclusive o modo como eles foram educados, no qual as

brincadeiras na rua eram proibidas porque os pais sempre falavam que “a rua é lugar de gente ruim”.

A segunda filha do casal, Valéria, de 28 anos, não se lembra do período da infância que passou na Paraíba. Ela migrou para São Bernardo com sua avó materna, ainda criança, no ano de 1987, antes da vinda de seus pais para o Jardim Limpão, e só voltou a morar com eles novamente em 1988, após a migração de toda a família.

Por ser a filha mais velha, cuidava da casa e dos irmãos enquanto seus pais trabalhavam fora. Frequentava a escola, mas também teve uma escolaridade irregular, assim como a de seu irmão mais velho. Porém, aos 20 anos voltou a estudar em curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em uma escola pública na região central da cidade. Trabalhava como operadora de telemarketing e, com isso, realizou mais investimentos em educação: cursou ensino técnico em química, em uma escola particular de São Bernardo, o colégio Anchieta, e em seguida, fez graduação em Gestão Ambiental na mesma instituição. Valéria é a única filha do casal que cursou ensino superior, porém não trabalha na sua área de formação, atualmente continua trabalhando com telemarketing em uma empresa de seguros, a *Porto Seguro*.

Sílvio, o terceiro filho do casal, nasceu em 1983, também na Paraíba. Assim como os outros irmãos, migrou ainda criança para o ABC Paulista. A trajetória escolar de Sílvio foi irregular, assim como a de seus irmãos mais velhos, porém retomou os estudos, a exemplo da irmã mais velha, em uma escola estadual na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no bairro. Atualmente trabalha na produção em uma fábrica de pães na cidade de Diadema, a *Wickbold*, e cursa ensino técnico em radiologia.

Após Sílvio, nasceu Fernando, em 1985 (hoje, portanto, com 26 anos). Casado e pai de uma filha de três anos de idade, mora em um barraco de madeira de dois cômodos, no morro “Cabeça da Vaca”, pouco acima do Jardim Limpão, mas passa a maior parte do tempo na casa de seus pais. Atualmente está desempregado, mas seu último trabalho foi na produção da empresa *Bombril*. Já trabalhou na linha de produção em outras fábricas da região, mas nunca em empresa do setor metalúrgico. Apesar de não morar com os pais, durante o período de observação e entrevistas com a família, Fernando, sua esposa e filha sempre estavam na casa deles, mesmo que chegassem lá ao final do dia, após o período de trabalho. Ele conta que fica com sua esposa e filha a maior parte do tempo na casa dos seus pais, inclusive realizando as refeições junto com eles.

Diana, uma das filhas do casal, nasceu em 1986, na Paraíba, e sempre foi uma criança muito recatada e tímida segundo seus irmãos. Eles relatam que a irmã tinha um problema de fala, não conseguia pronunciar as palavras de forma correta e era motivo de chacota entre os irmãos e os filhos dos vizinhos no Jardim Limpão. Assim como os outros irmãos, também não cursou o ensino básico de forma regular e afirma que o fato de ter problemas fonoaudiólogos contribuiu para que não tivesse boas notas. Na época, seus pais não tinham acesso às informações sobre tratamento gratuito e muito menos dinheiro para pagar para que ela tratasse o problema. Ela afirma que sofria com a “gozação” dos irmãos e dos garotos, dizendo sentir-se até mesmo rejeitada pelos pais.

Aos 20 anos, Diana também retornou à escola, por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), para concluir o Ensino Médio que havia abandonado no primeiro ano, na mesma escola em que Silvio estudou. Atualmente está casada e mora também em Ferrazópolis, na Rua Bartira, Vila Jardim Leblon. Não trabalha fora, é dona de casa e assim como Fernando, passa a maior parte do dia com sua mãe, na casa de seus pais e também realiza a maior parte das refeições com eles.

A última filha nascida na Paraíba é Maria, hoje com vinte e três anos. É considerada pelos irmãos a filha mais querida pelos pais até a chegada dos gêmeos. Quando a família migrou para o Jardim Limpão ela ainda era bebê de colo. Apesar de ter sido muito estudiosa nos primeiros anos da vida escolar, não concluiu o Ensino Fundamental. Abandonou a escola alegando que “não nasceu pra isso”, não tem paciência para estudar e, por isso, não repetiu o exemplo de seus irmãos que buscaram a EJA para concluir o ensino básico. Casou-se aos dezenove anos com um vizinho, Ananias, que mora onde se considera a melhor parte do Jardim Limpão, a Rua Pais de Andrade. A família de Ananias é bastante conhecida no bairro, porque seu pai era dono de um dos primeiros bares que servia almoço no local e atualmente representam uma das famílias de mais posses e melhor condição financeira que moram no Jardim Limpão. Ananias empregou e ainda emprega alguns irmãos de Maria em sua empresa, uma estamperia localizada em Ferrazópolis, na região dos primeiros loteamentos.

Os seis filhos mais velhos relatam constantemente que não levavam uma “vida fácil”, mas que se divertiam. O pai trabalhava fora e em grande parte da infância dos filhos mais velhos esteve envolvido com a militância e questões sindicais, o que o afastava de casa e da família por mais tempo. Assim que chegaram ao bairro, a mãe cuidou da casa e dos filhos, mas conforme a

situação financeira ficou mais difícil, começou a trabalhar como diarista e logo conseguiu “casas fixas”, onde trabalhava como empregada doméstica. Poucas vezes trabalhou com registro em carteira de trabalho.

O serviço que eu sabia fazer era arrumar casa, aí como eu precisava ajudar de algum jeito, eu fui trabalhar em casa de família. Os meninos eu deixava em casa sozinho, um cuidava do outro. A menina mais velha, Valéria, cuidava do irmão menor. (Lúcia, entrevista de pesquisa, 2010).

Após cinco anos morando no Jardim Limpão, o barraco de madeira já era uma casa de alvenaria, com dois cômodos, toda acabada por dentro e construída pelo próprio Geraldo, com a ajuda dos vizinhos e dos filhos mais velhos. O terreno comportava uma construção maior, mas o dinheiro não foi o bastante para que essa casa de alvenaria fosse suficientemente grande para acomodar a numerosa família. Em 1992, nasceram os filhos gêmeos, Rubens e Renato. Lúcia diz que quando soube que seria mãe de gêmeos, ao pensar na situação financeira em que vivia com os outros seis filhos em fase de crescimento, teve como reação inicial o desespero. Na época em que os últimos filhos nasceram Geraldo estava muito envolvido com a militância sindical. Ela considera que talvez este tenha sido um dos momentos em que o marido mais esteve envolvido com questões políticas, situação que nunca a agradou, pois não gosta e não apoia nada que envolva política, muito menos as atividades de militância que o marido exercia. A única coisa que ela considerava boa, é que Geraldo era membro da CIPA¹⁹ da *Fris Moldu Car*, o que garantia estabilidade no emprego.

Como dito anteriormente, os filhos entrevistados em profundidade foram os gêmeos, e nas linhas que seguem, tratamos com mais riqueza de detalhes a trajetória desses dois jovens.

Os próprios filhos reconhecem que “a nossa criação não foi a mesma em alguns pontos”. Há que se considerar que nas relações familiares normalmente há diferenciações entre os modos que se educam os filhos mais velhos ou os caçulas, e muitos fatores podem ser elencados para explicar isto: a condição financeira, o local de moradia que se altera, mudanças de religião e até mesmo aumento dos níveis de escolaridade. A educação, de modo geral, ocorre dentro de certo padrão, mas há diferenças na relação com os filhos, ainda mais em uma família tão numerosa. É possível observar que antes do nascimento dos gêmeos, Maria, a caçula até então, era tida como a

¹⁹ Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) é uma comissão formada por representantes indicados por empregadores e trabalhadores em uma empresa, cujo intuito fundamental é a prevenção de acidentes de trabalho.

privilegiada e quando perdeu o posto de caçula, os privilégios concentraram-se nos gêmeos, que passaram a receber mais investimentos não somente de seus pais, como também dos irmãos mais velhos, que depositavam esperanças neles por serem mais novos. Além disso, eles nasceram em uma “época melhor” para a família, em termos de amadurecimento dos pais e de condições financeiras de modo geral. Observamos, pelos relatos dos filhos e pelo tratamento dado pelos pais, que existiram certas diferenças na educação, o que privilegiou os filhos caçulas.

É importante observar, que durante os primeiros anos da infância dos gêmeos, Lúcia mudou de religião, deixando de ser católica, para tornar-se evangélica da Igreja Universal do Reino de Deus, o que acarretou mudanças não apenas no modo como os filhos mais novos foram educados, mas também, mudanças de comportamento em relação aos filhos mais velhos e ao marido, como por exemplo, o não consentimento de castigos físicos mais duros que Geraldo aplicava aos filhos e a insistência na conversão do marido para sua nova religião. A família não era católica praticante, apenas a mãe e a filha mais velha iam à missa esporadicamente e o pai só frequentava a igreja em batizados, casamentos ou por motivo de morte de algum parente próximo ou amigo.

Renato é um dos gêmeos, tem 19 anos e trabalha na estamparia do cunhado, auxiliando na criação de estampas para as roupas produzidas na empresa. Ele nos conta em mais detalhes sua infância:

Pra começar a falar de mim, bom, eu não vou falar que meu pai era ausente... Ele era um pouco porque ele trabalhava muito né? Porque no tempo em que eu nasci ele ainda tava construindo essa casa, então ele tinha que trabalhar bastante pra terminar ela. Ele não era muito de ir na minha escola, nas reuniões. Minha mãe também trabalhava, sempre que podia ela ia, mas eram mais os meus irmãos, assim, que participavam mesmo. Ia me levar na escola, me buscar, minha irmã às vezes ia nas reuniões [refere-se à Valéria]. E é isso, Eu ficava em casa sempre com meus irmãos porque as vezes minha mãe estava trabalhando, sempre minha mãe estava trabalhando, meu pai ficava no trabalho e no sindicato e eu ficava com meus irmãos, eles cuidavam de mim. Eu gostava mais ou menos que meu pai ficava no sindicato. Era bom, porque era o emprego dele né, ele gostava porque ele ia muito pra lá, mas fez falta um pouco, senti um pouco a falta dele”. (Renato, entrevista de pesquisa, 2010).

Renato lamenta a ausência dos pais e ressalta o cuidado que a irmã mais velha, Valéria, teve com ele e os outros irmãos. Atribui à ausência do pai ao trabalho e às atividades sindicais, o que ele entendia como parte de suas atividades. Desde o nascimento de Renato até os primeiros anos de sua infância, Geraldo participou de forma mais ativa da militância sindical, chegou a ser

eleito diretor de base, no mandato de 1996 a 1999, quando os seus filhos mais novos tinham entre quatro e sete anos de idade.

Ele relata ainda que lembra pouco dessa época de sua vida, mas se recorda de ter ido com seu pai ao sindicato algumas vezes, e lá, ficava junto com os filhos dos outros trabalhadores. Ao tentar lembrar-se de como era o comportamento de seu pai quando era militante, afirma que ele era ausente, porém preocupado com os assuntos familiares. Queria participar mais do que acontecia em casa apesar de ficar muito tempo fora e se preocupava em ganhar mais para “dar mais coisas pra gente”.

Tentando apreender elementos socializadores, questionamos Renato sobre o que seus pais permitiam ou não permitiam fazer e como eram as punições em caso de desobediência. Ele conta que não podia brincar na rua de maneira nenhuma e que deveria ajudar em casa desde criança, mas afirma que como seus pais trabalhavam fora eles faziam alguns serviços domésticos, organizavam as tarefas com os irmãos e quando terminavam iam brincar na rua com os vizinhos e jogavam bola, “fubeca” (bolinha de gude), “pega-pega”, rodavam peão, brincavam de “esconde-esconde” nas vielas estreitas da antiga Rua das Flores, atual Travessa José Martins, onde moram. Renato e seus irmãos não possuíam muitos brinquedos pelo fato da família ter muitos filhos, mas quando havia brinquedos na casa, a maioria era dos gêmeos.

Assim como os outros irmãos, ele conta que apanhavam muito do seu pai. Diz que os irmãos mais velhos, quando desobedeciam alguma ordem, apanhavam com o que tivesse ao alcance do pai. Um dos episódios que eles mais se recordam, pois foi recorrente na fala de todos os irmãos, foi quando seu irmão mais velho apanhou com o fio do ferro de passar roupa. Eles nem se lembram do motivo, já que afirmam que apanhavam por muitos motivos diferentes, sobretudo se respondessem aos pais, se fossem pegos na rua, se não ajudassem em casa e se brigassem entre eles. De acordo com Renato as brigas entre si eram recorrentes, “a gente ficava tudo sozinho, toda hora se pegava, saía no cacete!”. Conta ainda que seus pais não gostavam que levassem amigos e até mesmo os primos pra brincar em casa porque não havia nenhum adulto para tomar conta e quando tinha alguém diferente em casa, a mãe chegava e começava a brigar com todo mundo, inclusive com a visita. Diz que sua mãe sempre foi muito brigona, que gritava demais e arrumava confusão com todo mundo, com os vizinhos, com os parentes que moravam no mesmo quintal, mas que não costumava bater neles e que, eventualmente, não contava para o pai alguma coisa errada que os filhos fizessem para que eles se livrassem dos castigos físicos.

Com relação ao local de moradia, diz que não pretende morar em outro local que não seja Ferrazópolis, que gosta de viver lá e que o bairro e as pessoas que moram ali são seus iguais, por isso gosta de lá.

Renato ressalta características importantes do bairro: as constantes festas familiares e de vizinhos, bem como o apreço pela música por parte dos moradores do bairro, ouvida em altura elevada, principalmente os ritmos sertanejo, pagode, funk e, principalmente, forró, sobretudo aos finais de semana. O garoto aponta ainda questões sobre seu grupo de pares, vê-se como membro daquele meio social, no interior do qual é capaz de enxergar nos outros características comuns a ele, como o fato de serem nordestinos, ou descendentes, do pertencimento a uma classe social próxima, de ouvirem músicas parecidas com as que sua família ouve e de gostarem de reunir-se com família e amigos para celebrar.

No que diz respeito à trajetória escolar, não teve nenhuma interrupção por desistência. Ingressou na pré-escola aos quatro anos de idade e no Ensino Fundamental I aos sete, trajetória regular na educação básica do sistema de ensino brasileiro. Atualmente, está no Ensino Médio, cursando o segundo ano, pela segunda vez, o que caracteriza sua terceira reprovação escolar, pois já reprovou uma vez a da oitava série do ensino fundamental. Apesar das reprovações, alega que nunca apanhou de seu pai por tal motivo e atribui isso a mudança de comportamento dele em relação à família, diz que ele importa-se pouco hoje em dia. Atualmente, Renato trabalha junto com seu cunhado na estamparia, é trabalhador assalariado e exerce função de auxiliar na criação de estampas para as marcas de roupas atendidas pela estamparia, como já mencionado.

A preocupação familiar com o avanço da escolaridade para a uma melhor inserção no mercado de trabalho refletiu de forma mais significativa com os irmãos mais novos, que fizeram esforços mais expressivos em cursos profissionalizantes e técnicos. Como sempre estudou em escola pública do bairro e não pode pagar cursinho preparatório para prestar os vestibulinhos do SENAI, ETEC e Escola da Termomecânica, Renato não conseguiu encaixar-se em nenhuma dessas instituições, foi reprovado em todos os vestibulinhos correspondentes ao acesso às escolas citadas acima. É muito claro no meio familiar que os esforços em investimentos educacionais por parte dos pais e dos irmãos mais velhos concentram-se nos gêmeos, que são os mais novos, pois nenhum dos outros irmãos sequer tentou ou foi incentivado pelos pais a ingressar em instituições de ensino técnico e profissionalizante na idade escolar. Sem conseguir entrar em nenhuma escola técnica ou profissionalizante gratuita, Renato inscreveu-se, com o apoio de seus pais e sua irmã

mais velha, no Centro de Formação e Integração Social (CAMP) na cidade de São Bernardo do Campo. O CAMP é uma instituição filantrópica mantida pelo Rotary Club de São Bernardo do Campo, voltada para adolescentes entre 15 e 16 anos, considerados em “situação de vulnerabilidade.”²⁰

O jovem afirma que o período em que passou no CAMP foi muito importante para que “aprendesse a trabalhar e a comportar-se”. Antes do término do curso foi encaminhado para o trabalho em uma empresa de telemarketing, o SENARC, em que prestava serviços para lojas e centrais de banco na realização de cobranças ou oferta de serviços para clientes. Porém, não chegou a completar o período de contrato, que era de um ano, foi mandado embora com oito meses de trabalho, após ter discutido com seu chefe. Renato aponta que seu chefe era homossexual e fazia brincadeiras com ele, das quais não gostava, afirma que não tem preconceito contra homossexuais, mas observamos ao longo das entrevistas que, em toda a sua família, o assunto é um tabu. Sua mãe, hoje evangélica, não gosta do assunto e seu pai também não o discute e ao tratar de algo relacionado leva em tom de brincadeira ou piada, e diz que não acredita que este é um assunto normal e muito menos para ser discutido em família, o que pode indicar que seja provável a existência de preconceitos contra a homossexualidade entre os membros da família.

O fato é que no emprego do SENARC Renato foi transferido de setor e alega que por isso discutiu seriamente com o chefe, o que resultou em sua demissão, porém, quatro meses depois, foi empregado pelo cunhado, já está trabalhando no mesmo local há aproximadamente um ano e diz pretender continuar, pois gosta da função que exerce. “Já fiz o CAMP, trabalhei em empresa de atendimento e foi bom. Mas eu prefiro agora, estou trabalhando na Estamparia e pretendo crescer lá dentro”. (Renato, entrevista de pesquisa, 2010).

²⁰ A entrada no CAMP ocorre mediante entrevista, análise socioeconômica dos adolescentes e famílias e posteriormente uma prova de conhecimentos gerais. A função principal desta instituição é encaminhar esses jovens para o mercado de trabalho, durante o período de seis meses. Os jovens selecionados fazem curso em horário contrário ao escolar, pois é obrigatório estar em dia com as obrigações escolares e, ao longo dele, aprendem como se comportar em ambiente de trabalho, desde o aprendizado de alguns ofícios, como auxiliar administrativo, até o comportamento em entrevistas e, sobretudo, a ser disciplinado e respeitar as hierarquias no ambiente de trabalho. Os jovens não podem participar do curso com roupas diferentes do uniforme cedido pela instituição, uma camiseta branca e calça jeans, uniforme este que devem usar para trabalhar quando encaminhados pelo CAMP, não podem usar brincos ou ter tatuagens a mostra e as meninas não podem usar maquiagem forte e acessórios extravagantes. Passados os seis meses de curso, os jovens são encaminhados para empresas associadas, onde trabalham como contratados até completarem dezoito anos de idade. As empresas muitas vezes oferecem oportunidade de efetivação para esses jovens.

Rubens é o outro filho caçula, irmão gêmeo de Renato, também tem 19 anos. De acordo com sua autodefinição é o gêmeo “mais calmo”, já que afirma manter uma relação menos conturbada com os pais, procurando “responder menos” e ser mais paciente diante alguns problemas que a família enfrenta. Durante as observações presenciamos muitas brigas na família: entre os irmãos, entre pais e filhos e entre os pais. A família não se apresentou muito aberta a diálogos entre si. As brigas presenciadas, na maioria das vezes, ocorriam por falta de solidariedade dos filhos para com a mãe, que não auxiliavam muito na organização da casa e por não haver contribuição financeira por parte de alguns filhos que trabalham, o que resultou, diversas vezes no corte do serviço de telefone por falta de pagamento e no atraso do pagamento das contas de água e luz. Os gastos da família são consideráveis já que todos os filhos, inclusive os casados, passam a maior parte de seu tempo na casa dos pais. Ali realizam as refeições, tomam banho e, muitas vezes, passam a noite.

Bom, eu lembro um pouquinho de quando era pequeno. Minha família é muito grande, né? Oito irmão, sete irmão. E... que minha mãe saia pra trabalhar com meu pai, geralmente eu ficava com meus irmãos e meu pai como ele era lá do sindicato né? Eu ele pouco, às vezes ele ficava muito lá no sindicato e aí, as vezes quando ele chegava eu tava dormindo e eu passava o dia inteiro com os meus irmãos. Meus irmãos mais velhos cuidavam de mim, né? Aí, teve um certo tempo que a irmã mais velha ela passou a correr atrás de estudo essas coisas, e eu passei a ficar com os outros irmãos, os mais novos que ela e... se davam um pouco bem, um pouco ruim, às vezes a gente brigava saía no tapa todo mundo né? Os pais não tavam em casa pra separar. E minha mãe trabalhando, era doméstica, que eu lembre e ela saía cedo e chegava tarde e eu via ela pouco também, normalmente quando ela saía eu tava dormindo. (Rubens, entrevista de pesquisa, 2010).

Assim como seus irmãos, especialmente como Renato, o grande problema apontado com relação a sua infância foi a ausência do pai. Rubens enfatiza também o fato de ter sido cuidado pelos irmãos mais velhos enquanto os pais trabalhavam fora.

Rubens retrata o bairro onde mora com bastante carinho e diz não pretender mudar-se de lá. Reclama, somente, do problema da violência e do tráfico de drogas, principalmente da proximidade que é obrigado a ter com o tráfico na rua de sua casa, pois lá existe um ponto de venda (uma “boca”) o que se materializa em dificuldades de trânsito pelo bairro, já que sente medo de presenciar alguma situação de perigo.

Foi possível observarmos que a vivência no bairro é algo que o jovem aprecia, porém não exerce mais da forma como gostaria, apesar disso, não pensa em mudar de bairro, como

dissemos. As principais características do bairro elencadas por Rubens são a vivência e a solidariedade entre os moradores. Quando um vizinho adoece e não tem como ir ao hospital sozinho, os moradores que têm carro prontificam-se a levá-lo, há a constante divulgação e partilha de informações sobre cursos e atividades de lazer gratuitas e também sobre vagas de emprego. Observamos que os vizinhos, em grande parte, conhecem-se e frequentam as casas uns dos outros de maneira bastante significativa. Aos finais de semana, alguns fazem festas e ficam sentados na porta de suas casas para conversarem até o cair da noite, só não permanecem ali até muito tarde.

A trajetória escolar de Rubens também foi regular, assim como a de seu irmão gêmeo Renato. Acredita que isso ocorreu por serem os mais novos, reforçando a fala do irmão gêmeo, de que os investimentos escolares concentraram-se de forma muito mais significativa sobre eles, a última esperança da família. Assim como o irmão, tentou ingressar nas mesmas três escolas de ensino técnico profissionalizante (SENAI, ETEC e Escola da Termomecânica), mas não obteve sucesso nos “vestibulinhos”. As escolas que frequentou foram as mesmas escolas públicas do bairro frequentadas pelos irmãos.

Aos 15 anos também foi selecionado para participar do CAMP, fazia parte da mesma turma que Renato e traz experiências positivas de sua passagem pelo curso, ressaltando o aprendizado da disciplina e respeito às hierarquias como fundamentais para a entrada no mercado de trabalho. Outra contribuição ressaltada foi a existência, na grade do curso, das aulas de comportamento em entrevistas, que alega terem o auxiliado no momento do encaminhamento para o emprego. Diferente de seu irmão, que saiu do CAMP encaminhado para o setor de serviços, Rubens pleiteou uma vaga na montadora *TOYOTA*, e somente ele realizou o objetivo comum a toda família: trabalhar em uma metalúrgica, “uma firma grande”. Como o pai é trabalhador terceirizado na *TOYOTA*, foi mais fácil para Rubens conquistar a vaga na empresa, por conta da indicação. Assim, o seu primeiro emprego foi aos 16 anos, encaminhado pela CAMP, no escritório administrativo da produção na *TOYOTA*, com chances de efetivação para trabalhar em algum setor da produção da empresa que abrisse vaga ao término do contrato pelo CAMP, o que não ocorreu.

Ao relembrar do emprego, seu olhos marejaram. Afirma que gostava muito do lugar em que trabalhava e que sempre quis trabalhar em “firma grande”, com os benefícios que a *TOYOTA* oferecia e imaginava crescer na empresa e poder até mesmo cursar faculdade, porém, não foi

efetivado porque reprovou o terceiro ano do Ensino Médio e a conclusão desse nível de ensino era uma das exigências da empresa para contratação para o trabalho na produção, que Rubens tanto almejava. No momento da entrevista, ele havia acabado de concluir o Ensino Médio, e aguardava ansioso para que fosse recolocado no quadro de trabalhadores da *TOYOTA*, o que não ocorreu até primeiro semestre de 2011, pois além da conclusão do ensino médio, para trabalhar na produção ele deveria ter feito um curso no SENAI relacionado à área de metalurgia. Mas Rubens não pode realizar os cursos exigidos porque não conseguiu entrar em um curso gratuito e os cursos pagos são uma realidade inatingível, visto que a maior parte do seu salário é consumida no auxílio às despesas da casa.

Até abril de 2011, Rubens estava desempregado e enfrentando muitas dificuldades para recolocar-se no mercado de trabalho, pois possui pouca escolaridade - apenas o ensino médio completo – diante das exigências da região do ABC Paulista. Após ter saído da *TOYOTA*, em Dezembro de 2009, até abril do referido ano, fez alguns trabalhos temporários em comércios locais, procurou emprego em metalúrgicas, mas não obteve sucesso. As credenciais escolares de Rubens não foram suficientes para garantir-lhe uma vaga na indústria metalúrgica. Em maio de 2011, tivemos a notícia de que o garoto começou a trabalhar no setor de produção da *EMS*, empresa do ramo farmacêutico.

3. 2.1 O trabalho no processo de socialização

A importância e o ideal de trabalho como fundamental e dignificante são imprescindíveis nestas famílias, sobretudo na família Ferreira, em que mesmo não “trabalhando fora”, o filho deveria ajudar nas tarefas de casa ou ajudar a cuidar dos outros irmãos mais novos.

Geraldo Ferreira, por sua vez, sempre fez questão de apontar para seus filhos que o trabalho era primordial, não apenas para prover o sustento com dignidade, mas também para a “construção do bom caráter do homem”. Ele entende o trabalho como um direito de todos que deveria ser respeitado e aponta que os piores momentos de sua vida ocorreram quando não trabalhava. Dentro de uma perspectiva próxima, Lúcia entende o trabalho como dignificador e importante “para a cabeça não ficar vazia, porque cabeça vazia é oficina do diabo”. (Lúcia, entrevista de pesquisa, 2010).

Na família Ferreira, é possível observar a dimensão que o trabalho sempre teve na dinâmica familiar, pois fazia parte do universo de brincadeiras entre irmãos.

Nós podíamos brincar dentro de casa, a gente brincava de quem arrumava a casa primeiro, quem chegava primeiro no lixão, quem conseguia levar mais sacos de lixo e brincadeiras. Não podia ir pra rua. Brincadeiras só em casa. Meus pais falavam que tinham medo da gente na rua, que tinha gente ruim, que podíamos ser levados por estranhos. Meus pais trabalhavam e minha rotina era de casa pra escola e vice versa. Mas... eu escapava. Ia pro oleoduto²¹, ficava ali na viela, mas geralmente meus pais me encontravam na rua quando voltavam do trabalho, aí era chinelada! Meus irmãos mais velhos apanhavam mais e mais forte. Acho que eu tinha privilégio por ser caçula, eu e meu irmão gêmeo.

[...] Então, meus pais nos obrigavam a gente a ir à escola, mas meus irmãos passaram a largar e voltar várias vezes, aí eles largaram mão e passaram a se preocupar mais comigo e com o Renato. E a preocupação maior era pra gente trabalhar, principalmente os que não queriam estudar, pra ajudar em casa. Eles não direcionavam a gente pra algum trabalho específico, diziam pra trabalhar no que aparecesse pra não ficar sem fazer nada. Eu fui crescendo e comecei a ajudar meu pai nos trabalhos dele, ajudei ele no carrinho de cachorro quente, nas minhas férias escolares ou quando não tinha aula eu ia ajudá-lo, mas não recebia salário, às vezes ele me dava, sei lá, dez reais pra comprar alguma coisa. Tinha dias que gostava e outros, por preguiça nem queria ir. Eu tinha uns 11 anos, mais ou menos, e acho que isso foi até uns 13 [anos de idade]. Aí como o carrinho ficava numa rua movimentada, comecei a olhar carros, meu pai que falou pra eu fazer isso. “No começo eu tinha vergonha, mas depois eu perdi, ele sempre dizia que vergonha era roubar e também, fui gostando mais, porque o dinheiro que eu ganhava ficava pra mim”. (Rubens, entrevista de pesquisa, 2011, grifos nossos).

²¹ Existe ao lado da casa da família um oleoduto da Indústria Petrobrás que vai até a cidade de Santos, no litoral Paulista. Apesar da proximidade, a casa da família não está construída em local de risco de desabamento ou explosão, pois está no limite de proximidade de construção. Este oleoduto é margeado por uma enorme escadaria que liga o Jardim Limpão ao Jardim Regina e à Vila do Tanque, ao lado da escadaria existem vielas que dão acesso às casas nos dois núcleos (Jardim Limpão e Regina) e pela dificuldade de subir a escadaria, bem como pela facilidade de esconder-se entre as muitas vielas que existem ali, agregados ao fato de ser a região mais próxima de um bairro de classe média alta, o Jardim Irajá, o local é conhecido como um dos principais pontos de tráfico de drogas no bairro. Não foi possível fazer fotos para mostrar o local com riqueza de detalhes, por motivos de segurança da pesquisadora.

Figura 12 Vista das casas entre Jardim Regina e Jardim Limpão, ao redor do Oleoduto.

(Acervo pessoal).

De modos variados, todos os filhos na família Ferreira começaram a trabalhar na adolescência, fazendo “bicos”, auxiliando os pais, vizinhos ou parentes. As meninas não fizeram as mesmas atividades que os irmãos, elas cuidavam da casa e quando surgia oportunidade, ajudavam alguma tia a cuidar de seus filhos, passavam roupa de algum parente ou vizinho em troca de pagamentos simbólicos, que por vezes eram realizados com doação de roupas, brinquedos, ou mesmo dinheiro, mas em quantia pouco significativa.

Os pais e, sobretudo, a mãe orgulha-se de dizer que seus filhos sempre trabalharam, e atribuem a isso ao fato de terem os educado para o trabalho, para serem bons trabalhadores. Nas palavras de Lúcia, o pobre deve trabalhar para ter dignidade e ela diz que discordava das atividades de militância no sindicato, pelo fato de demonstrarem desrespeito com os que lhe empregavam e permitiam ter dinheiro.

A gente que é pobre tem de trabalhar mesmo. Não adianta querer emprego muito bom, porque nem sempre vai poder ter, mas, eu sempre falava pra Geraldo que era melhor ter um emprego, mesmo ruim, do que ficar sem emprego nenhum. Enquanto a gente está em um ruim, ao menos tem dinheiro dia cinco pra fazer alguma coisa, pagas as conta e vai levando, vai tentando achar outro trabalho melhor, e só sai do ruim quando achar outro. A gente não pode ficar procurando jeito de sair do trabalho sem ter uma garantia, porque nunca se sabe o dia de amanhã e eu, sinceramente, não ia passar fome por causa de sindicato, isso é tudo ilusão! Pergunta pra Lula se ele botou Geraldo lá mais ele hoje? Isso era tudo ilusão dele e demorou pra ele ver. Espero que ele não invente essas coisa de novo! (Lúcia, entrevista de pesquisa, 2010).

De acordo com Lúcia, educar os filhos para serem trabalhadores contribuiu para a formação do bom caráter deles, porém, não fala sobre o motivo da prisão do filho mais velho, que largou o trabalho e envolveu-se com o tráfico de drogas. O fato de muitos terem abandonado a escola mostra-se para os pais como uma decisão dos próprios filhos, que eles buscaram modificar. Sempre falaram para os filhos que eles deveriam responsabilizar-se por suas escolhas. Com relação aos valores atribuídos à escola e ao trabalho, é possível afirmar que o trabalho vem em primeiro lugar para toda a família.

3.3 Dantas e Ferreira: a política no processo de socialização

“Nem todas as juventudes se distinguiram historicamente, pela disposição a contestar o mundo em que nasceram”. (RIBEIRO, 2004). A partir da realização deste trabalho, passamos a pensar de modo parecido com relação a ideia de herança entre pais e filhos, e concluímos: nem todos os filhos de metalúrgicos, militantes ou simpatizantes do Partido dos Trabalhadores, metalúrgicos e petistas serão.

Escolhemos abrir este item com esta frase porque procuramos, neste trabalho, entender melhor os processos de socialização implicados entre as duas gerações familiares abordadas no bairro Ferrazópolis. Esses três jovens que apresentamos: Jonas, Renato e Rubens, compõe o segundo grupo geracional estudado, são filhos de ex-metalúrgicos e militantes sindicais, atuantes ou simpatizantes no Partido dos Trabalhadores. Em princípio, poderia considerar-se “natural” que filhos desses pais se apresentassem como mais propensos a identificarem-se com ações, práticas e discursos da esquerda, que seriam todos trabalhadores filiados a entidades sindicais, atuantes e preocupados em mudar a realidade em que vivem. Mas a realidade não comprova tal raciocínio que poderia parecer mais óbvio ou “natural”, pelo simples fato de que o processo de socialização é bem mais complexo do que o mero reflexo da trajetória dos pais e passa por uma série instâncias que não a família ou apenas a convivência com os progenitores. De acordo com Lahire (1998), as experiências pelas quais passamos, seja com a família, a escola, os amigos ou o trabalho, não são simplesmente sinteticamente somadas durante o processo de socialização, pois

durante esse processo o indivíduo tem um grau de participação em suas interações. (LAHIRE, 1998, BERGER e LUCKMANN, 2009).

Ao tratarmos especificamente da socialização política neste trabalho, entendemos que independente da escolha dos jovens em participar e envolver-se de maneira mais aprofundada com o universo político, todos eles foram socializados politicamente, pois esta é uma parte do processo global de socialização, trata-se, portanto, simplesmente de uma das facetas de um processo maior e multifacetado. (PERCHERON e MUXEL, 1985; 1993).

O que podemos observar durante a realização da pesquisa de campo é que em ambas as famílias, a participação política mais intensa deu-se por parte dos pais, e que essa participação ainda existe efetivamente, por parte de João Dantas, que é militante ativo do Partido dos Trabalhadores. Porém, é importante ressaltar que apenas na família Dantas a mãe manifestou certo apoio à participação política do marido e chegou a participar de algumas atividades no Partido dos Trabalhadores e, atualmente, auxilia conhecidos que se candidatam pelo partido, distribuindo santinhos e ajudando na propaganda política no bairro.

No entanto, na família Dantas, nenhum dos filhos teve ou tem envolvimento com política partidária. Não participaram de agremiações nas escolas, não são militantes sindicais, de igreja ou em associações e ONGS. Vejamos abaixo:

Tabela 5- Informações sobre a participação em associações, instituições e/ ou atos políticos²².

Filho	Grêmio	Pastoral	Sindicato	AAB ²³	Movimento	Partido	Protesto/ Passeata
Ronaldo	não	Não	associado	não	Não	Não	não
Fernanda	não	Não	não	não	Não	Não	não
Júlia	não	Não	não	não	Não	Não	não
Jonas	não	Não	associado	não	Punk/ Anarquismo	Não	Sim

²² As respostas foram dadas de acordo com a participação, nas referidas associações, instituições e ou atos políticos, ao menos uma vez ao longo da trajetória dos filhos. Como podemos observar, eles não participaram de grande parte do que foi elencado, quando participaram, o quadro traz o tipo de participação que os indivíduos tiveram.

²³ Associação de Amigos de Bairro.

Estas informações nos elucidam que apenas os dois filhos que trabalham em fábricas são associados ao sindicato, porém, não participam das atividades sindicais. Jonas diz enquadrar-se melhor no eixo ideológico de esquerda. Entende o funcionamento do sistema político relacionado à esfera administrativa, à eleição e às atividades desenvolvidas pelo Estado e diz-se contra o sistema político administrativo adotado no país, cujo conhecimento é tributário do contato com o pai. Esse pessimismo e contrariedade com relação à esfera política administrativa do estado, segundo ele, é herança de sua adolescência *punk*. Jonas afirmou ainda que atualmente não se informa sobre política, nem em época de eleições, pois se define como completamente “desacreditado” e só exerce o direito ao voto por conta da obrigatoriedade, mas sempre anula seu voto – jamais votou em nenhum candidato.

Jonas atrela a sua aproximação com a esquerda por conta da simpatia pelo anarquismo, influência importante no movimento *punk*. Porém, sua visão de anarquia está relacionada com a contrariedade ao sistema político e ao Estado. Ele revelou-nos que chegou a participar de alguns protestos organizados pelo Coletivo Ativismo ABC²⁴, “Casa da Lagartixa Preta Malagueña Salerosa”, localizada em Santo André, onde são realizadas leituras sobre o anarquismo, discutem-se ações e direcionamentos do movimento anarquista na região, e também, são realizadas atividades culturais de danças e apresentações de bandas, como *punk* e *hardcore*²⁵. Mas, apesar da participação nos protestos, Jonas não frequentava o local, sabia das ações por algum amigo e ia acompanhar. A leitura sobre anarquia ou sobre o movimento *punk* também realizava sozinho, diz que leu muito pouco, apenas um ou outro livro, aqueles mais comentados entre seu grupo de

²⁴ Ativismo ABC é o nome dado a um coletivo anarquista formado em 2002, enquanto havia algumas manifestações antiglobalização em São Paulo e em outras partes do mundo - manifestações como depredações de lanchonetes McDonalds, classificadas como ações de vandalismo por jornais da época. De acordo com os participantes “[...] Com o enfraquecimento das manifestações e protestos, o coletivo passou a seguir uma dinâmica própria de desenvolvimento político e organizacional com a inauguração de seu espaço (a Casa da Lagartixa Preta “Malagueña Salerosa”) em Março de 2004. Optamos por seguir uma perspectiva onde o espaço não seria exclusivamente para centralizar atividades do universo libertário, mas também um local para colocarmos em prática nossas perspectivas políticas e expandi-las pelo bairro e outras localidades”. (ATIVISMO ABC.<
<http://www.ativismoabc.org/index.php/pt/>> Acesso em 25 de julho de 2012).

²⁵ A palavra *hardcore* significa literalmente miolo, ou centro, núcleo duro. Refere-se também à cena musical surgida internacionalmente pela chamada “segunda onda do *punk*”, no final dos anos 70, e mais comumente a um estilo de *punk rock* caracterizado inicialmente por tempos musicais extremamente acelerados, canções curtas, letras baseadas no protesto político e social, revolta e frustrações individuais, cantadas de forma agressiva.

amigos e cita o exemplo do livro “Mate-me, por favor!²⁶”. Atualmente não lê sobre o assunto e não costuma se mobilizar em reuniões ou passeatas de grupos anarquistas.

Com relação aos *punks* salientamos que nem todos os que se definem nesse estilo seguem todos os seus preceitos, em outras palavras, nem todos os *punks* são politizados e militantes anarquistas e grande parte deles apenas adota as referências culturais do grupo, caracterizado como rebelde, pelo uso de cabelos extravagantes, roupas pesadas, pretas e rasgadas. Jonas e alguns colegas do bairro e da escola seguiam este estilo, mas nem todos participavam de protestos, que, segundo ele, os mais comuns eram contra a globalização e contra a corrupção política. Muitas vezes alguns colegas seguiam em excursões para Brasília para protestar no Planalto Central. Havia também formas de protesto, de certa forma, inusitadas, contra o sistema político de governo e contra os padrões sociais, como o protesto individual de abrir mão de tomar banho, como manifestação do não enquadramento às regras sociais, e esses jovens eram conhecidos como “*punks* carniças”.

No caso de Jonas, ele afirma que era mais adepto do estilo musical, pelo fato de o *rock and roll* ser presente na trilha sonora dos jogos que embalaram sua infância e adolescência, e também do vestuário e do estilo de vida rebelde, no mais, adotava algumas práticas políticas com tendências de esquerda, mas não era um militante assíduo. A família achava estranho o comportamento e vestimenta do filho, mas ele não sofreu punições por conta disso, seus pais informaram-nos que apesar de não gostarem muito e de não entenderem bem, acreditavam que era uma fase normal da adolescência e que iria passar ao longo dos anos.

Podemos notar então que além de Jonas, que foi fortemente influenciado pelo grupo de amigos, pelo interesse musical pelo *punk rock* e participou de maneira limitada de atividades políticas, nenhum de seus irmãos teve qualquer envolvimento político ou associativo.

Como o conhecimento sobre a política, por parte dos filhos, apareceu mais relacionado ao conhecimento do sistema político, procuramos observar quais estratégias são postas em prática na escolha do voto, vejamos abaixo, dados comparativos entre pais e filhos:

²⁶ Do original “Please kill me” escrito por Larry McNeil e Gilliam McCain. A edição brasileira foi traduzida por Lúcia Brito e a primeira edição brasileira data de 2004. O livro conta a história do movimento *punk*.

Tabela 6- Dados sobre os pais.

Candidato Preferido	Preferência Partidária	Como se informa sobre política?	O que influência na escolha do candidato?	O que pensa sobre o sistema político?
João	PT	Nos diretórios do PT, Sindicato, Associação de Bairro, TV, rádio, trabalho.	Conhecer o histórico e o partido, obrigatoriamente tem que ser do PT.	Importante para a sociedade, burocratizado. Para o bom funcionamento deve ser formado pelo povo.
Maria	PT	Com o marido, vizinhos e pela TV.	Conhecer o histórico e ser do PT; Influência do marido.	Importante para a sociedade e deve auxiliar os trabalhadores.

Tabela 7 - Dados sobre os filhos.

Candidato Preferido	Preferência Partidária	Como se informa sobre política?	O que influência na escolha do candidato?	O que pensa sobre o sistema político?
Ronaldo	PT	Com o pai, no trabalho e pela TV.	O pai, o conhecimento do candidato e o partido.	Importante para que a sociedade funcione, mas pouco auxilia o povo.
Fernanda	Tende para o PT	Com o pai e pelas mídias em geral	O pai, o conhecimento do candidato.	Importante para a sociedade
Júlia	Tende para o PT	Com o pai e pela TV.	O pai.	Importante para a sociedade
Jonas	Nenhuma	Prefere não se informar, mas o pai acaba mantendo-o informado.	Nunca escolheu nenhum candidato para votar.	Conhece, mas é contrário ao sistema político do país.

Observamos aqui os mecanismos utilizados por pais e filhos no momento da escolha do voto e, a partir disso, notamos continuidades e descontinuidades nos modos como essas escolhas se dão entre as gerações. Nota-se que a preferência partidária da maior parte dos filhos tende para o PT, o que não necessariamente significa influência do pai visto que a região do ABC tem forte relação com o PT, mas, de certa forma, reflete também a relação com os pais, pois a maioria dos filhos afirma utilizar os conhecimentos do pai para informar-se sobre política. Dizem que seu pai,

sendo um “bom homem”, costuma apoiar bons candidatos, pessoas conhecidas e menos suscetíveis a serem corruptas. A exceção é Jonas, que não se interessa pelo sistema eleitoral e político e até reclama por acabar ficando sempre a par desses assuntos por conta do pai.

Jonas informou-nos que costumava discutir com seus pais, militantes do Partido dos Trabalhadores, pois ele era contra a existência de partidos, mas afirma que sentia orgulho de ter pais que se preocupavam com questões políticas, sobretudo o seu pai, que fora sindicalista, grevista e, em seguida, militante petista.

Segundo Annick Percheron (1993), quando pai e mãe apresentam mais ou menos o mesmo grau de interesse por assuntos ligados ao universo político é mais fácil que os filhos partilhem de opiniões e preferências dos pais. Os modos como o processo de socialização foi posto em prática podem ser apreendidos também de forma sutil, manifesta, nas tomadas de decisões em família, por exemplo, se são escolhas autoritárias dos pais, sem consultar os filhos, ou se decisões importantes eram abertas para diálogo, ou até mesmo as formas de punição que os pais empregavam aos filhos desobedientes.

Na família Dantas, os pais conversavam sobre suas atividades com os filhos, havia um bom relacionamento com os vizinhos, os filhos podiam brincar na rua, porém, apenas em frente ao portão de casa e, quando alguma regra imposta pelos pais era desobedecida, os filhos eram punidos com castigos físicos, como palmadas e chineladas e, quando o erro era mais grave, apanhavam com cintos. Eram considerados erros graves: faltar com respeito aos pais, agressões físicas entre irmãos, faltar à escola sem consentimento dos pais, tirar notas ruins ou repetir o ano escolar, mexer em algo que não era seu e mentir sobre qualquer assunto, por exemplo.

Para a tomada de decisões importantes, os assuntos não eram discutidos em família, apenas entre os pais, e é assim até hoje, com todos os filhos adultos. Eles são apenas comunicados sobre as tomadas de decisão dos pais. Só se discute em família assuntos referentes às casas, visto que os dois filhos casados moram em casas construídas no mesmo terreno.

A segunda geração da família Ferreira também não apresenta interesse sobre o universo político. Observemos a tabela abaixo:

Tabela 8- Informações sobre a participação em associações, instituições e/ ou atos políticos²⁷

Filho	Grêmio	Pastoral	Sindicato	AAB ²⁸	Movimento	Partido	Protesto/ Passeata
Vagner	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Valéria	Não	Pastoral da Juventude	Associada	Não	Não	Não	Não
Sílvio	Não	Não	Associado	Não	Não	Não	Não
Fernando	Não	Não	Associado	Não	Não	Não	Não
Diana	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Maria	Não	Pastoral da Juventude	Não	Não	Não	Não	Não
Renato	Não	Não	Assistiu assembleias	Não	Não	Não	Não
Rubens	Não	Não	Assistiu assembleias	Não	Não	Campanha eleitoral	Não

Valéria e Maria chegaram a participar da Pastoral da Juventude na adolescência, o que se limitava à participação no grupo de jovens da igreja que frequentavam, quando ambas ainda eram católicas. Maria converteu-se após a conversão da mãe e, entre todos os filhos, apenas Valéria ainda segue o catolicismo, por influência de sua avó materna, com a qual morou por quatro anos, dos 13 aos 17 anos de idade. Esse grupo de jovens reunia-se para ler a bíblia e ensaiar a liturgia semanal para as missas, eventualmente, participavam de algum evento maior, mas sempre por motivações religiosas.

Com relação ao Sindicato, todos aqueles que trabalham em empresas com carteira assinada são associados, porém, não são atuantes. Rubens e Renato declararam já terem assistido assembleias sindicais, porém, sem muita participação, pelo fato de serem estagiários do CAMP no momento em que essas ocorreram e por isso eram proibidos de participar de atividades sindicais. Rubens afirmou que gostava muito de ver as assembleias de longe, pois isso lhe remetia a seu pai, nos tempos em que era militante sindical.

Em ambas as famílias as preferências partidárias e o interesse do pai sobre assuntos que envolvessem política são tidas hoje em dia pelos filhos como exemplos, mas que eles seguiam muito mais durante a infância e início da adolescência, principalmente como uma estratégia para

²⁷ As respostas foram dadas de acordo com a participação nas referidas associações, instituições e ou atos políticos, ao menos uma vez ao longo da trajetória dos filhos. Como podemos observar, eles não participaram de grande parte do que foi elencado, quando participaram, o quadro traz o tipo de participação que os indivíduos tiveram.

²⁸ Associação de Amigos de Bairro.

agradar ao pai e poder ter o que conversar com ele, nos poucos momentos que ele estava em casa. Para Renato e Rubens Ferreira, por exemplo, era preciso aproveitar entre estes momentos a sobriedade do pai, que estava frequentemente embriagado. De acordo com Percheron (1993), o fator afetivo tem correlação significativa com a socialização política, baseada na perspectiva de socialização de Berger e Luckmann (2009) de que durante o processo de socialização primária os outros significativos, com os quais as crianças ou as “novas gerações” convivem, costumam ser, inicialmente, os pais, avós, babás e cuidadores e, em um segundo momento os professores, e que vão se alterando ou aumentando de número ao longo da trajetória do indivíduo, exercendo especial influência sobre os comportamentos dos indivíduos e, portanto, também sobre suas opções políticas.

A partir de algumas premissas desenvolvidas por Percheron e Muxel (1985; 1993), a transmissão de elementos políticos na família tem maior sucesso quando a família que se interessa por política situa-se dentro de determinada ideologia e quando tem maiores índices de escolaridade.

Foi possível observar que tais premissas fazem sentido para os casos analisados nessa pesquisa: no caso dos Dantas, o interesse por política, existia de forma mais intensa por parte do pai, e foi ganhando apoio da mãe ao longo do tempo. Ambos afirmam situar-se no eixo ideológico de esquerda e, no que tange à escolaridade, João completou o Ensino Médio e Maria o Ensino Fundamental.

Já entre os Ferreira, o interesse por política ocorre por parte de somente um dos pais. E em relação à escolaridade, tanto Geraldo, quanto Lúcia, não chegaram a concluir sequer o Ensino Fundamental. O pai foi militante durante muito tempo e agora tenta retornar à militância político-sindical, situando-se no eixo ideológico de esquerda, a mãe, por outro lado, diz não se interessar e não entender do que tratam essas definições, diz apenas que ela não se importa nem com um lado, nem com o outro, “prefiro ficar no meio termo, pra não ser radical.” (Lúcia, entrevista de pesquisa, 2010).

Observa-se a partir da reconstituição da trajetória dos filhos, que nenhum deles é militante político, sindical ou engajado em alguma causa.

Em casa a gente fala sobre política sim. Normalmente comentamos assuntos que passam na TV, tipo políticos corruptos ou em quem iríamos votar. Eu não sou nem de direita, nem de esquerda. Sou a favor de quem faz o melhor pela cidade, pelo país. Eu votei na Dilma. (Rubens, entrevista de pesquisa, 2011).

Nenhum dos filhos chegou a aderir causas como grêmio escolar ou movimento estudantil. No caso de Valéria, a única filha que cursou ensino superior, o fez em uma faculdade particular com titulação de tecnólogo e afirma que a presença no movimento estudantil na instituição em que estudou era nula e o que sabe sobre o assunto só viu na televisão e em instituições de ensino superior públicas.

Abaixo, trazemos também, dados comparativos entre pais e filhos relacionados à estratégias de escolha do voto e entendimento sobre o funcionamento do sistema político.

Tabela 9 - Dados sobre os Pais.

Candidato Preferido	Preferência Partidária	Como se informa sobre política?	O que influência na escolha do candidato?	O que pensa sobre o sistema político?
Geraldo	PT	TV, rádio, trabalho, jornal e revistas.	Conhecer o histórico e ser do PT	Importante para a sociedade e formado pelo povo
Lúcia	Mais para o PT	TV, quando passa.	Marido e Igreja	Deveria funcionar para atender o povo

Tabela 10- Dados sobre os filhos.

Candidato Preferido	Preferência Partidária	Como se informa sobre política?	O que influência na escolha do candidato?	O que pensa sobre o sistema político?
Vagner²⁹	PT	---	---	---
Valéria	PT	TV e internet	Conhecer o histórico do candidato.	Importante para a sociedade
Sílvia	PT	TV e no trabalho	Ser do PT	Quem cuida das leis e do povo
Fernando	PT	TV e no trabalho	Conhecer o histórico do candidato.	É o congresso
Diana	PT	TV	Não sabe	São os políticos
Maria	PT	TV	Passado do candidato.	São quem manda no país
Renato	PT	TV e internet	Conhecer o histórico do candidato.	É o congresso e o governo e eles são muito corruptos
Rubens	PT	TV e internet	Conhecer o histórico do candidato.	São os que fazem as leis e as melhorias pra sociedade.

²⁹ Vagner é o filho que está preso, por isso não conseguimos mais informações. A única informação que consta na tabela, que é a preferência partidária, informada pelo pai e irmãos.

A partir desta tabela notamos, também, certa preferência pelo Partido dos Trabalhadores entre pais e filhos, mas, assim como se observa entre os Dantas, isso não pode ser um reflexo atribuído exclusivamente à socialização familiar, ainda mais, pelo fato de a mãe não ser muito afeita ao que se refere a partidos políticos. Porém, todos eles afirmam que acabam votando no PT pelo fato de o seu pai falar muito sobre o partido e, também, por muitos candidatos serem pessoas sobre as quais o pai já falou.

No que tange a tomadas de decisões importantes e assuntos de interesse familiar, os filhos Renato e Rubens afirmam que na sua casa nunca ocorreram reuniões para que se decidissem alguma coisa democraticamente em família, que era tudo na base das ordens do pai e “ponto final” e que, hoje em dia, como seu pai não se importa muito mais com a família, às vezes, sua mãe tenta tomar decisões em conjunto com os filhos.

Observamos que a socialização política nesta família (Ferreira) contribui muito mais para a formação de uma competência sobre o mundo da política, ainda que de modo limitado. Tal competência abarca conhecimentos sobre o sistema político, os partidos, as eleições e as expectativas de que este sistema possa prover as necessidades da sociedade, sobretudo dos trabalhadores e dos mais pobres, o que poderia ser atribuído ao modo como o Geraldo Ferreira entende o sistema político, como o sistema capaz de prover o bem estar das pessoas, através do Estado. Vale destacar que a socialização política, como tantos outros aspectos dos processos de socialização, ocorre de modo bastante sutil, e no caso dessa família em alguns momentos torna-se quase imperceptível, e só passa a fazer sentido em nossa análise quando se tem claro que todos os indivíduos, ainda que de modos variados, são socializados politicamente, o que não implica necessariamente que isso se desdobrará em ações políticas ou mesmo no interesse pela política, pelo contrário, os processos de socialização política podem inclusive conduzir à repulsa pela política. (PERCHERON e MUXEL, 1985; 1993).

Nesse sentido, vale a pena destacar três dimensões desse tipo de socialização: (i) a socialização política, processo que todo e qualquer indivíduo passa durante sua socialização, que assume os contornos do meio no qual ele nasceu, cresceu e viveu até determinado momento de sua vida; (ii) a socialização para a política, típica dos processos de socialização no interior de famílias que se dedicam à vida pública ou à militância política e que, sistematicamente, organizam experiências socializadoras que permitam aos seus filhos o acesso a determinados conteúdos e práticas considerados relevantes para o exercício da opção político-ideológico do

grupo ao qual a família pertence e, finalmente, (iii) a socialização na política, processo que ocorre quando indivíduos jovens ou adultos se inserem em experiências políticas que reconfiguram seu quadro de valores, comportamentos e percepções do mundo. Nessa pesquisa, poderíamos dizer que a primeira geração passou por esse último processo, enquanto que seus filhos somente pela primeira modalidade de socialização política, ou seja, a mais genérica e ampla.

Retomando a análise da família Ferreira, embora o pai declare-se de esquerda e seus dois filhos mais jovens como “nem de esquerda, nem de direita”, percebe-se que definição ideológica não exerce importância direta na maneira como os filhos, de modo geral, se comportam e se relacionam com a política, podendo ser sutilmente demonstrada apenas na preferência partidária dos mesmos, ainda que de modos variados. Porém a preferência partidária e a confiança nas instituições, associações sindicais e de bairro podem ser lidas como resultado do processo de socialização colocado em prática nesta família, atrelado à vivência no bairro em que moram.

É possível dizer, então, que o perfil político da família Ferreira enquadra-se melhor, no conhecimento sobre o funcionamento do sistema político, pois não há o engajamento, por parte da maioria dos membros da família, em questões políticas e de militância, o que ocorreu apenas com o pai. De maneira geral e variada, toda a família mantém-se informada sobre política e seus membros são capazes de posicionar-se em determinado eixo ideológico, ou fora dele. De acordo com a classificação elaborada a partir dessa pesquisa, observa-se ainda que na família como um todo, excetuando-se o pai, não há interesse por política que leve ao total engajamento, nem o desinteresse que faça com que não exista nenhuma aproximação com questões relacionadas ao universo político, o que pode ser entendido como um elemento de ruptura entre as gerações, pois os filhos de modo geral não apresentam interesse em militar por alguma causa de seu interesse ou de envolver-se de forma mais intensa como o seu pai em militância sindical, política, religiosa etc.

Para a família Dantas, o trabalho teve um papel importante nos processos de socialização, mas este não foi realizado de modo a incutir apenas os valores morais positivos implicados a ele, talvez pelo local de moradia, pois apesar de haver violência no bairro e o problema do tráfico de drogas, estes não estavam literalmente em sua porta. Os valores referentes ao trabalho que esta família transmitiu para seus filhos evidenciaram muito mais a intenção de que essa segunda geração tivesse mobilidade social, porém, o alcance desses investimentos não foi suficiente para tal intento.

Com os Dantas, a socialização política apareceu de forma mais clara, pois como os pais tratavam do assunto em casa, a esposa apoiava o marido e militava junto com ele em algumas ocasiões, a percepção que os filhos sempre tiveram era a de que a política e as questões que giravam em torno dela eram algo importante para os pais e que estes buscavam melhorias nas condições de trabalho e de vida.

Poderíamos caracterizar os Dantas no perfil de famílias que apresentam engajamento com questões políticas, pois, em maior número, os membros interessam-se pelo assunto, sobretudo os pais. O filho mais novo opta pelo não envolvimento com assuntos relacionados a este universo, mas tem posicionamentos ideológicos contrários ao sistema político administrativo, tem conhecimento sobre este sistema, recusa-se a apoiá-lo, e, em períodos eleitorais, recorre ao direito de anular seu voto. Os outros três filhos não se mantêm muito informados sobre política, mas costumam apoiar e seguir as indicações de seu pai em eleições. De modo geral, essa família mantém-se informada sobre o assunto de diferentes formas, conhece o funcionamento do sistema e a maioria de seus membros apresentou-se como capaz de situar-se em determinado eixo ideológico.

Abrimos este item falando que nem todos os jovens estão dispostos a mudar a realidade em que se encontram e este é o caso dos jovens entrevistados por nós. É fato que se trata de jovens pobres, moradores de um bairro popular, com perspectivas limitadas de emprego e que superaram seus pais, a primeira geração, no que diz respeito à escolaridade, porém, a politização de seus pais e a luta política que tiveram não é a sua. Na fala deles, a política é o que se refere ao sistema administrativo, aos senadores, aos deputados e eles colocam-se a favor ou contra essas atividades. Alguns preferem conhecer o mínimo sobre o universo político ou dedicaram parte de seu tempo a contestá-lo.

Arriscaríamos dizer que a luta desses jovens, independentemente de ser atrelada a política, seria por melhores condições de vida. Luta que se traduz na tentativa de realizar cursos profissionalizantes, na saída de casa para conseguir uma colocação no mercado de trabalho, na luta diária contra a “tentação” do dinheiro “conseguido mais facilmente” com atividades criminosas a porta de suas casas. Em outras palavras, é uma luta que é travada individualmente e não coletivamente como seus pais puderam fazer como metalúrgicos. Entretanto, não é o caso aqui de afirmar que os jovens são individualistas ou desinteressados pela política e sim chamar a atenção para as diferentes configurações histórico-sociais e políticas nas quais cada uma dessas

gerações formou-se, com suas potencialidades e limitações. Esses jovens não são herdeiros políticos de seus pais, entretanto são herdeiros da situação de precariedade profissional dos seus pais, daí o fato de sua “luta” central concentrar-se em torno da conquista de um emprego digno ou de uma moradia decente, por fim são herdeiros dos sonhos que levaram seus pais à migração e a iniciar a trajetória dessas famílias em Ferrazópolis: a inserção na grande indústria e ascensão social.

4 Considerações finais

Esta dissertação evidenciou os resultados obtidos sobre uma pesquisa que buscou entender os processos de transmissão de atitudes, comportamentos, interesse e preferências políticas entre duas gerações. Trata-se de uma investigação sobre processos de socialização protagonizados por famílias moradoras de um bairro popular, de origem rural, que passaram a ser majoritariamente operárias em meados dos anos de 1970, o bairro Ferrazópolis.

Embora a escolha do bairro de Ferrazópolis tenha se pautado no fato de que esse foi constituído como um bairro operário em sua origem, pode-se dizer que, atualmente, entre os moradores existe um contingente pequeno de trabalhadores das indústrias metalúrgicas. É preciso destacar que, a partir da década de 1980, sobretudo nos anos 1990, muitos moradores do bairro foram excluídos do mercado de trabalho industrial, em especial do setor automobilístico e, no mesmo sentido, seus filhos também possuem reduzidas oportunidades de darem continuidade à condição operária vivenciada pelos seus pais.

Nos anos 1970 e meados de 1980, a vivência no bairro contribuiu de modo significativo para os movimentos grevistas, como mostram relatos de moradores antigos, porém, ao passo que o perfil dos trabalhadores da região metropolitana de São Paulo mudou, deixando de ser majoritariamente industrial, a indústria automobilística também mudou, passando por uma fase de modernização das fábricas, com o uso de maior tecnologia, o que diminuiu a necessidade de mão de obra humana em alguns setores da produção de grandes montadoras de automóveis, sendo que alguns deles passaram a ser completamente automatizados.

Para o trabalho nesta “nova fábrica” é necessário possuir mais credenciais escolares, em ensino básico, técnico e até mesmo superior. Os novos formatos das fábricas podem ser observados a partir da adoção do sistema japonês de organização do trabalho, conhecido como “toyotismo”, em que se privilegia a uma nova organização do processo de trabalho, bem como uma nova postura por parte dos trabalhadores. Juntos, o ideal do trabalhador polivalente e a produção enxuta diminuem drasticamente o número de postos de trabalho na indústria automobilística, que empregava parcela significativa dos moradores de Ferrazópolis, e grande parte desses trabalhadores não puderam acompanhar todas estas mudanças e viram-se “postos para fora” deste setor produtivo, sendo que atualmente não seria exagero afirmar que, no bairro, a maioria dos moradores não está empregada na indústria metalúrgica do ABC.

No contexto contemporâneo do mundo do trabalho, todas essas mudanças afetaram não só a economia, como também as práticas sindicais, e chegaram até mesmo a extrapolar a esfera econômica para atingir âmbito da esfera privada, alterando os comportamentos e até mesmo certas condutas morais dos trabalhadores, pois muitos dos que conseguiram permanecer em seus empregos temem perdê-lo. (DEJOURS, 2006; RODRIGUES e RAMALHO, 2007).

Apesar dessa importante transformação, é possível observar que o bairro guardou ainda certa tradição de envolvimento político, que data do período das grandes greves do final dos anos 1970.

A densidade da participação política do bairro pode ser atestada pela existência de uma rede associativa, sobretudo, de associações de amigos de bairro, além de uma liderança, atualmente uma deputada estadual pelo PT, que tem sua base de votos em Ferrazópolis e ainda é moradora do bairro. Além disso, há uma percepção, por parte das famílias entrevistadas nesse bairro de que as conquistas, em termos de melhorias em infraestrutura para as vilas, inclusive os núcleos favelados, foi resultado da atuação dos moradores. Atualmente, existem pautas nas associações de bairro que visam promover a solidariedade e integração dos moradores, mas que esbarram nos maiores problemas do bairro, a violência e o tráfico de drogas, problemas que afetam a comunidade como um todo, em especial, a região das favelas, onde os pontos de tráfico e os traficantes armados concentram-se e que aparecem, de um modo ou de outro, como elemento importante na maneira como se pensa a socialização dos filhos das famílias entrevistadas, como no caso da família Ferreira, que enfrenta o problema de um dos filhos ter sido preso em função do seu envolvimento com o tráfico de drogas na vizinhança.

É possível afirmar que a vivência no bairro contribuiu de modo mais significativo para a formação dos filhos entrevistados nas duas famílias, no que se refere ao pertencimento a um grupo de pares, pois todos eles afirmam gostar do lugar em que moram, porque nele moram pessoas que consideram seus iguais, por serem da mesma condição socioeconômica, “pessoas simples”, como afirmam Renato Ferreira e Jonas Dantas, por exemplo. Isso dá-se nas duas famílias estudadas apesar de entre elas haver diferenças socioeconômicas, pois os Dantas fazem parte do grupo dos primeiros moradores do bairro, moram na região com melhor infraestrutura, já os Ferreira, moram na favela, hoje parcialmente urbanizada³⁰ do Jardim Limpão. Trata-se, portanto, de duas famílias que tiveram experiências de moradia bastante diferentes, apesar da

³⁰ Informação extraída do Sumário de Dados do Município de São Bernardo do Campo, ano de 2010.

congruência de alguns pontos em suas trajetórias, como a origem rural, a experiência da migração, a entrada dos homens da primeira geração no trabalho industrial de forma abrupta e sem experiência, a partilha de experiências ruins no trabalho industrial e o envolvimento com o movimento sindical a partir do final dos anos de 1970.

Na família Ferreira, os filhos ressaltam o carinho por morar em Ferrazópolis pelo fato da preservação de algumas tradições da cidade de origem de seus pais, como o gosto pela música, sobretudo o forró e a música sertaneja, bem como as práticas alimentares semelhantes, como o apreço por comidas típicas como o baião de dois, sarapatel e também a comida mineira, como o feijão tropeiro etc.

Apesar de haver uma vida política no bairro, este não foi o fator que mais influenciou as famílias a envolverem-se e engajarem-se politicamente. A política passou a fazer parte das famílias de modo mais intenso por meio dos pais e, de forma mais limitada, pela mãe de uma das famílias, Maria Dantas. No caso de Geraldo Ferreira, sua trajetória política poderia ser classificada como relativamente curta e, marcada por altos e baixos na militância. O que ocorreu de modo semelhante com a família Dantas, porém, com desdobramentos diferentes, pois João Dantas é militante político até hoje, pelo Partido dos Trabalhadores, e contou com o apoio de sua esposa em muitos momentos de sua trajetória na militância.

As mulheres nas duas famílias adotaram posições diferentes quanto à participação dos maridos nos movimentos sindicais e partidários. Embora ambas se sentissem lesadas com a participação do marido nessas esferas, por conta das privações decorrentes da ausência de salário e, por vezes, a perda do emprego e de benefícios que atendiam a toda família, o comportamento dessas mulheres desdobrou-se de modo diferente.

João Dantas procurava explicar seu envolvimento com política à esposa para que ela pudesse explicar aos filhos, focando, sobretudo, a importância que o movimento sindical e, depois partidário, tinha para sua vida e como faziam parte de seus ideais, apesar dela sentir na pele as consequências, como a perda de benefícios como plano de saúde para a família, o pouco ou nenhum dinheiro para gastos básicos, como para a alimentação no período das greves, a busca por doações de cestas básicas e a mágoa de estar passando por tais dificuldades. Até hoje, Maria guarda lembranças dolorosas desse período, porém, procurava apoiar o esposo e falar sobre o envolvimento do pai com a política para os filhos. Chegou a filiar-se ao Partido dos Trabalhadores, em grande parte encantada pela verdadeira paixão de seu marido e outros

trabalhadores metalúrgicos que conhecia pela figura do então líder sindical, Lula. Até hoje, Maria acompanha, de modo mais contido, o marido em atividades relacionadas à política, mas não é mais filiada a nenhum partido.

Sobre os processos de socialização, a família Ferreira priorizou o trabalho e a dignidade que dele provém, elemento que aparece na educação dos filhos desde cedo, presente inclusive nas brincadeiras das crianças. Até mesmo a militância do pai no sindicato era entendida pelos filhos como parte do trabalho, como uma espécie de continuação do expediente, o que foi notado também, ainda que de modos variados, na outra família entrevistada, os Dantas.

Já com relação à diferenças entre as gerações, o aumento da escolaridade por parte dos filhos apareceu como ponto em comum entre as duas famílias, porém sem resultados significativos de ascensão social, pois todos os filhos que já se casaram moram no mesmo bairro, entre os Ferreira, muitos continuam nos núcleos favelados e alguns estão inseridos de forma precária no mercado de trabalho, chegando a passar longos períodos desempregados. Ao observar o caso de Fernando e de Vagner Ferreira, é possível observar até mesmo uma situação de declínio social, em relação aos pais, pois o primeiro casou-se e mora com a esposa e a filha em um barraco de madeira no morro Cabeça da Vaca, uma das piores regiões de Ferrazópolis, e Vagner desistiu trabalhar, envolveu-se com o tráfico de drogas e atualmente está preso.

Já entre os Dantas, um dos filhos é metalúrgico, mas trabalha na linha de produção de uma empresa de médio porte, teve bastante dificuldade para conseguir emprego, precisou migrar e encaixar-se em uma empresa metalúrgica até ser transferido para São Bernardo do Campo. Entre os filhos, todos continuam morando no bairro, seja na mesma casa que os pais ou em casas construídas nos fundos da casa deles.

Observando as particularidades do bairro em questão, foi possível notar que Ferrazópolis assemelha-se muito mais a bairros pobres de cidades grandes industrializadas do país, com problemas concretos, como a existência de favelas e falta de infraestrutura, a violência, o tráfico de drogas e desemprego ou emprego precário. Estas observações poderiam caracterizar certa diferença de grande parte das publicações acadêmicas sobre o ABC Paulista e sobre os trabalhadores da região.

Acreditamos que uma das maiores contribuições desse trabalho pode estar no fato de apresentar as mudanças radicais pelas quais a região do ABC Paulista passou ao longo dos anos, ressaltando os problemas de um bairro de periferia, que surgiu como bairro operário e passou por

todas as transformações apontadas neste estudo ao longo do tempo, como Ferrazópolis, onde é possível abordar os trabalhadores metalúrgicos moradores deste bairro para além do ambiente de trabalho, refletindo sobre relações familiares e o processo de socialização.

Os objetivos iniciais, ao delimitar o tema dessa pesquisa, giravam em torno da percepção do político e a importância deste na formação da personalidade, das percepções, sentimentos, comportamentos e modos de agir dos filhos de famílias de origem rural e em seguida, com certa tradição operária em uma região que no imaginário nacional é significativamente relacionada com política. Ao desenvolver a pesquisa, deparamo-nos com surpresas e fatos que apontaram para uma investigação que se preocupou em observar os processos de socialização como um todo, atrelados às mudanças pelas quais os indivíduos estudados passaram e aos problemas concretos que veem enfrentando ao longo dos anos, até a atual configuração do bairro, que perdeu algumas características de bairro operário.

Os casos analisados por nós demonstram experiências diferenciadas, situações socioeconômicas e de moradia que divergem. Porém, não chegam a ser completamente antagônicas, apontam também a realidade do bairro e das pessoas que vivem nele, reforçando características conhecidas da periferia de grandes regiões metropolitanas, como a origem rural dos trabalhadores, o modo como entraram no mercado de trabalho, a continuidade ou não do envolvimento com política, que fora reiniciada a partir do trabalho industrial e os elementos mais importantes que trabalhadores comuns, pertencentes a camadas populares procuram transmitir a seus filhos.

Evidenciamos diferenças entre as gerações relacionadas ao aumento da escolaridade e ao pouco interesse pela política, por parte da geração mais nova. Porém, foi possível observar uma realidade triste de frustração em termos de mobilidade social e econômica na segunda geração, bem como um sentimento um tanto contraditório demonstrado pelos pais, que mescla orgulho em ter participado do movimento operário da região com frustração de não ter “colhido os frutos” dessa participação, nem para eles, nem para seus filhos, pois ficaram de fora da categoria metalúrgica com o processo de modernização e reestruturação das indústrias automotivas e depositam suas alegrias na figura de Lula, que para eles, é o maior exemplo de crescimento dentro da categoria dos trabalhadores metalúrgicos, além de uma espécie de prova da força que esta categoria tem.

No que tange ao envolvimento com a política, classificamos a família Dantas como uma família em que alguns de seus membros apresentam engajamento com questões políticas, sobretudo, os pais. O filho mais novo diz não gostar de política mas tem posicionamentos ideológicos contrários ao sistema político administrativo, tem conhecimento sobre este sistema e procura maneiras de não fazer parte dele, como por exemplo, anulando seu voto. Os outros filhos costumam apoiar e votar em candidatos apoiados pelo pai. Poderíamos afirmar então que, esta família compreende o funcionamento do sistema e parte de seus membros apresentou-se como capaz de situar-se em determinado eixo ideológico.

Já o perfil político da família Ferreira se enquadraria melhor no conhecimento, ainda que bastante limitado, pela maior parte dos seus membros sobre o funcionamento do sistema político. Observamos que a maior parte da família não tem nenhum engajamento, nem mesmo muito interesse em questões políticas e de militância, apenas o pai o tem. De maneira geral, variada e limitada toda a família mantém-se informada sobre política, ainda que acompanhando o horário eleitoral gratuito apenas quando a eleição está mais próxima, para falar mal de algum candidato ou procurando saber quem são os candidatos conhecidos que participarão das eleições.

Na família Ferreira, os membros são capazes de posicionar-se em determinado eixo ideológico, ou fora deles, o que ocorre com a mãe e os dois filhos mais novos entrevistados. Observamos nessa família que não há interesse por política que leve ao total engajamento, que não seja por parte do pai, porém, também não há um desinteresse que faça com que não exista nenhuma aproximação com questões relacionadas ao universo político. E neste trabalho, entendemos que esse fator pode ser entendido como um elemento de ruptura entre as gerações, aliada a falta de interesse e aversão à política que a mãe dessa família apresenta, pois os filhos de modo geral não apresentam interesse em militar por alguma causa ou de envolver-se de forma mais intensa como o seu pai em militância sindical, política, religiosa etc.

Por fim, as duas famílias apresentaram trajetórias em pontos semelhantes e em pontos divergentes, bem como processos socializadores realizados de formas diferentes. Uma (os Ferreira) mais voltada para a dignidade do trabalho, outra (os Dantas) que procurou evidenciar a escolaridade como fundamental para o trabalho e mobilidade social, com forte influência da política no comportamento dos pais. Porém, observamos que os filhos comportam-se de modo bastante parecido e em relação à política, são pouco interessados, e não conseguiram a almejada mobilidade social com a qual seus pais sonharam um dia.

5 Referências Bibliográficas

ABRAMO, L. W. **O resgate da dignidade: greve metalúrgica e subjetividade operária.** Campinas: Editora da Unicamp, São Paulo, São Paulo: Imprensa Oficial, 1999.

ALMEIDA, A. **Experiências políticas no ABC Paulista: lutas e práticas culturais dos trabalhadores.** Uberlândia: EDUFU, 2008.

ANSART, P e AKOUN, A.(dir.) **Dictionnaire de sociologie.** Paris: Le Robert et le Seuil, 1999.

ANTUNES, R. **A rebeldia do trabalho: o confronto operário no ABC paulista, 1978-1980.** 2ª Edição. Campinas: Editora Unicamp, 1992.

_____. (org) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil.** São Paulo : Ed. Boitempo, 2006.

ARENDT, H. **O que é política?** Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2007.

ATTIAS-DONFUT, C. *Rapports de générations – Transfert intrafamiliaux et dynamique macrosociale.* **Revue Française de Sociologie.** n°41-4, 2000.

_____. La dynamique des generations. **Communications,** n° 59, 1994.

BALANDIER, G. in: Préface de **Histoire et histoire de vie – La méthode biographique das les sciences sociales.** Paris: Librairie des Meridiens, 1983.

BATALHA, C. H. M. ; SILVA, F. T. e FORTES, A. (orgs.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado.** Campinas, São Paulo : Ed. Da Unicamp, 2004.

BATALHA, C. H. M. Apresentação. In : BATALHA, C. H. M. ; SILVA, F. T. e FORTES, A. (orgs.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado.** Campinas, São Paulo : Ed. Da Unicamp, 2004.

BERGER, P. e BERGER, B. **Socialização: como ser um membro da sociedade.** [1975] In: FORACCHI, M. M. e MARTINS, J. (orgs.). **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia.** São Paulo/Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2006.

BERGER, P. L. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.

BEAUD, S. **80% au bac... et après? Les enfants de la démocratisation scolaire.** Paris: La Découverte, 2003.

_____. e PIALOUX, Michel. Rebeliões urbanas e a desestruturação das classes populares (França, 2005). **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP.** 2006, vol.18, n.1, pp. 37-59.

BERTAUX, D. **Les récits de vie – perspective ethnosociologique.** Paris: Nathan, 1997.

BOBBIO N; MATTEUCCI, N. e PASQUINO, G. **Dicionário de Política.** Vol. 2. 13ª edição. Brasília: Ed. UnB, 2009.

BOUDON, R e BOURRICAROL, F. **Dicionário crítico de sociologia.** Paris: PUF, 1994.

BOURDIEU, P. avec WACQUANT, L.J.D. **Réponses.** Paris: Seuil, 1992.

_____. Le contradictions de l'héritage. **La misère du monde.** Paris: Seuil, 1993.

_____. Futuro de Classe e causalidade do provável. In: **Escritos de educação.** (org. NOGUEIRA, M. A e CATANI, A) São Paulo: Vozes, 1998.

_____. Classement, déclassement, reclassement. **Actes de la recherche.** Paris: Novembre, n. 24, 1978.

_____. **A Distinção.** São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Meditações Pascalianas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOILLET, D. J.P SCHMITT. **La Socialisation.** Paris: Breal, 2002.

CANEDO, L. *Estratégias familiares na construção social de uma qualificação política. Educação & Sociedade*, ano XII, agosto 1991.

_____. *Heranças e aprendizagens na transmissão da ordem política brasileira (1945/2002). Cadernos CERU*, São Paulo/USP, v. 15, 2004.

CANON, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. São Paulo: Editora Difel, 1977.

CARVALHO, I. M. M. de e ALMEIDA, P. H. de. Família e proteção social. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo: vol. 17, n 2, 2003. Disponível em < <http://www.scielo.br> >. Acesso em: 29 de março de 2009.

CASTRO, E. G. “Estudos de comunidade”: reflexividade e etnografia em Marvin Harris. **Rev. Univ. Rural, Sér. Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Vol. 23 (2): 195 – 210, jul./dez. 2001.

CORONE, E. **Movimento operário no Brasil (1964-1984)**. São Paulo: Editora Difel Coleção Corpo e Alma Brasil, 1984.

CORROCHANO, M. C. **O trabalho e sua ausência: narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho no município de São Paulo**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. **Jovens olhares sobre o trabalho: um estudo de jovens operárias e operários em São Bernardo do Campo**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2001.

CORSARO, W. Interpretative reproduction in children’s peer cultures. **Social Psychology Quarterly**, New York, v. 55, n. 2, p. 160-177, 1992.

CORSARO, W. **The sociology of childhood**. Thousand Oaks: Pine Forge, 1997.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

DOMINGUES, J. M. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. **Tempo Social. Rev. Sociol.** USP, S. Paulo, 14(1): 67-89, maio de 2002.

DORMAGEN, J-Y, MOUCHARD, D. **Introduction à la Sociologie Politique**. Bruxelles: de Boeck, 2010.

DUPOIER, E; PERCHERON, A. Choix idéologiques, attitudes politiques des préadolescents et contexte politique. **Revue française de science politique**. Paris: n 5, 1975.

DORMAGEN, J-Y, Mouchard, D. **Introduction à la Sociologie Politique**. Bruxelles: de Boeck, 2010.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. 7ª Ed.. São Paulo : Melhoramentos, 1967.

DRUCKER, P. **Sociedade pós- capitalista**. Editora pioneira, São Paulo: Editora pioneira, 7ª edição. 1977.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. **O processo civilizador**. Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. e SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FILLIEULE, O. *Propositions Pour Une Analyse Processuelle de l'Engagement Individuel*. **Revue Française de Science Politique**, Vol 51, nº 1-2, février-avril, 2001.

FERREIRA, M. de M; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2000.

FONTES, P. **Um nordeste em São Paulo. Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)**. Rio de Janeiro: Editora. FGV, 2008.

GOMES, C. A. **A educação em perspectiva sociológica**. São Paulo: EPU, 1994.

GIGOROWITSCHS, T. O conceito “socialização” caiu em desuso? Uma análise dos processos de socialização na infância com base em Georg Simmel e George H. Mead. **Educação e Sociedade**. Vol.29, n.102. Campinas: CEDES, 2008.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação**. Petrópolis, Ed. vozes, 1986.

HALL, M. Prefácio. In: FONTES, P. **Um nordeste em São Paulo. Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)**. Rio de Janeiro: Editora. FGV, 2008.

HOBBSBAWN, E. J. **A era do capital. 1848- 1875.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.

HOUGGART, R. **As utilizações da cultura 1. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora.** Lisboa: Ed. Presença, 1973.

IBGE. Tendências Demográficas. Uma análise da população com base nos resultados dos Censos Demográficos de 1940 e 2000. In: IBGE. **Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica**, nº20. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

KIRK, N. Cultura : costume, comercialização e classe. In : BATALHA, C. H. M. ; SILVA, F. T. e FORTES, A. (orgs.). **Culturas de classe : identidade e diversidade na formação do operariado.** Campinas, São Paulo : Ed. Da Unicamp, 2004.

LAHIRE, B. **L' homme Pluriel.** Paris: Nathan, 1998.

LARAIA, R. de B. **Cultura : um conceito antropológico.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2001.

LOPES, José Sérgio Leite, Coord. **Cultura e identidade operária:** Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora, Rio de Janeiro: Marco Zero-URFRJ, 1987.

LUSSI, C. e MARINUCCI, R. **Vulnerabilidade social em contexto migratório. Centro Scalabriniano de estudos migratórios.** Junho de 2007. Disponível online. Acesso em 23 de julho de 2012 < http://www.csem.org.br/pdfs/vulnerabilidades_dos_migrantes.pdf >

MANNHEIM, K. **Le Problème des générations.** Paris: Éditions Nathan, 1990.

_____. " El problema de las generaciones." [Trad. Ignacio S. de la Yncera], *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n. 62, 1963.

_____. "O problema sociológico das gerações." [trad. Cláudio Marcondes], In: Marialice M. Foracchi (org), *Karl Mannheim: Sociologia.* São Paulo, Ática, 1982.

MARONI, A. **A estratégia da recusa . Análise das greves de maio/78.** Campinas: Brasiliense, 1982.

MARTINS, Heloisa Helena Teixeira de Souza. **Igreja e movimento operário no ABC: 1954-1975.** São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1994.

MAUGER, Gérard. Postface. In: MANNHEIM, K. **Le problème des générations**. Paris: Nathan, [1928] 1990.

MONTALI, L. Relação família-trabalho: reestruturação produtiva e desemprego. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo: vol. 17, n2, 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br>> Acesso em 29 de março de 2009.

MOTTA, A. B. da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Soc. estado**. [online]. 2010, vol.25, n.2, pp. 225-250.

MUXEL, A. PERCHERON, A. Histoires politiques de famille. premières illustrations. **Life Stories/ Récits de Vie**. Paris: vol. 1, 1985.

NETO, A. M. Q. F. **Família operária e reprodução da força de trabalho**. São Paulo: Ed. Vozes, 1982.

OLIVA, A. M. (coord) **Imagens da luta**. São Bernardo do Campo: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânica e Material Elétrico, 1987.

ORTIZ, R. (orgs) **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

OPPO, A. Socialização política. In: BOBBIO N; MATTEUCCI, N. e PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Vol. 2. 13ª edição. Brasília: Ed. UnB, 2009.

PAOLI, M. C. *A família operária: notas sobre sua formação histórica no Brasil*. In: **Tempo Social. Revista de Sociologia da USP**. São Paulo: Vol. 4, números 1- 2, 1994.

PARSONS, T. **The social system**. Nova Iorque: The Free Press of Glencoe, 1951.

PERCHERON, A. Histoire d'une recherche. Revue **Française de Science Politique**. Paris: Vol. 44. n 1. pp 100-126, 1994.

_____. **L'univers politique des enfants et de préadolescents**. Thèse de Doctorat. Paris: l'Institut d'Études Politiques, 1973.

_____. **La Socialization politique**. Paris: Armand Colin, 1993.

PEREIRA, M. G. V. **As greves do ABC Paulista e o entrave do controle sindical : 1978-1980.** Trabalho de conclusão de curso em História. Franca : Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’, 2006.

PIALOUX, B. & BEAUD, S. **Retour sur la condition ouvrière – enquête aux usines Peugeot de Sochaux-Montbéliard.** Paris: Fayard, 1999.

PINTO, G. A. Uma introdução á indústria automotiva no Brasil. In: ANTUNES, R. (org). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil.** São Paulo : Ed. Boitempo, 2006.

POCHMANN, M. Desempregados do Brasil. In: ANTUNES, R. (org). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil.** São Paulo : Ed. Boitempo, 2006.

POUPART, J. *Et alii.* A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Rj : Ed. Vozes, 2008.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ. **Projeto Viva Cidade.** Santo André, 1992. Mimeografado.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO. Departamento de biblioteca pública e preservação de memória da Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo. **Documento de informações sobre os bairros,** ano de 1987.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO. **Sumário de dados ano de 2010.** São B. Do Campo, 2009.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO. **Sumário de dados ano de 2010.** São B. Do Campo, 2010.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO. Secretaria de orçamento e planejamento participativo. Departamento de indicadores sociais e econômicos. **Perfil econômico do bairro Ferrazópolis.** São B. Campo, 2010.

RIBEIRO, R. J. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, R. E VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

RODRIGUES, I. J; RAMALHO, J. R. (orgs.) **Trabalho e sindicato em antigos e novos tempos produtivos. Comparações entre o ABC paulista e o Sul fluminense.** São Paulo: Anablume, 2007.

SADER, E. **Quando novos personagens entram em cena. Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo. 1970-1980.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANI, G. Cultura Política. In: BOBBIO N; MATTEUCCI, N. e PASQUINO, G. **Dicionário de Política.** Vol. 1. 13ª Edição. Brasília: Ed. UnB, 2009.

SANTANA, M. A. Entre a ruptura e a continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** São Paulo: vol 14, n 41, 1999.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.,** Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005.

SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres.** São Paulo: Cortez, 2003.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo : EDUSP, 1998.

SCHWARTZ, O. **Le monde privé des ouvriers.** Paris: PUF, 1990.

SETTON, M. G. J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social.** São Paulo, v. 17, n. 2, 2005.

_____. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do *habitus*. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro: v. 14, n. 41, 2009.

SCOTT, P. Gerações e famílias: Polissemia, mudanças históricas e mobilidade. **Revista Sociedade e Estado.** Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** 14ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

_____. La sociabilité. In: SIMMEL, G. **Sociologie et épistémologie**. Paris: Puf, 1981.

SIMON, M. Comportement politique. In: FERRÉOL, G. (dir.) **Dictionnaire de sociologie**. Paris: Armand Colin, 1989.

TOMIZAKI, K. **Ser metalúrgico no ABC: transmissão e herança da cultura operária entre duas gerações de trabalhadores**. Campinas: Centro de Memória da Unicamp/Arte Escrita/FAPESP, 2007.

_____. A herança operária entre a fábrica e a escola. **Tempo Social**. São Paulo: v. 18, n. 1, pp. 153-171, 2006.

_____. Socializar para o trabalho operário: reflexões a partir do caso do “SENAI – Mercedes – Benz”. **Tempo Social**. São Paulo: Vol. 20, n.1, 2008.

_____. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. **Educ. Soc.**, Campinas, vol.31, n. 111, abr/jun, 2010.

THOMPSON, E. **A formação da classe operária inglesa**. Vol. 1, 2 e 3. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Costumes em comum, Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VALIM, A.(coord). **50 anos de luta**. Editado pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, 1977.

WAIZBORT, L. (org). **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. **Sociabilidades**. São Paulo: LASC, 1996.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ANEXOS

ANEXO A -Rua Nossa Senhora da Boa Viagem

Fonte: Acervo pessoal.

ANEXO B- “Rua do Chicão” (Rua Pais de Andrade)

Fonte: Acervo pessoal.

ANEXO C- Jardim Regina, próximo ao Oleoduto, vista a partir do Jardim Limpão.

Fonte: Acervo pessoal.

ANEXO D- Vista dos fundos das casas de algumas famílias entrevistadas na parte mais baixa do bairro.

Fonte: Arquivo pessoal.

ANEXO E- Vista Panorâmica do Bairro.

Fonte: Acervo pessoal.

ANEXO F- Vista Panorâmica, a partir da Rua Regente Lima e Silva, acesso à Vila São José, com alcance da *Volkswagen*.

Fonte: Acervo pessoal.

ANEXO G- Vista para a Vila do Tanque e Jardim Irajá ao Fundo.

Fonte: Acervo pessoal.